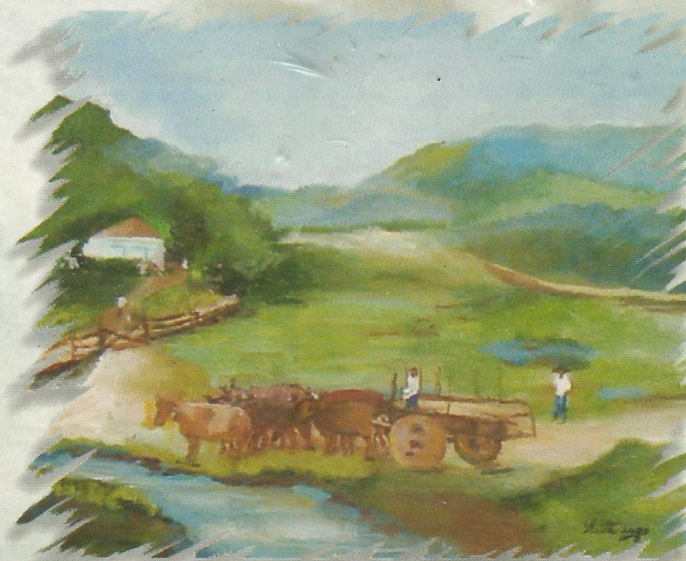


Vera Lúcia Simões Azevedo



Meus passos meus laços

Biografia de Maria Aparecida Simões Azevedo

Lucgraf
2008

Maria Aparecida, conhecida na família por Prima, tem uma importante e divertida história de vida pessoal e profissional para nos contar, vivenciada tanto no âmbito tranquilo rural quanto no agitado mundo urbano.

Cresceu, entre vales e vertentes, na Fazenda Santo Antônio, residência de seus pais, Zequinha Flávio e Bibi, e na Fazenda da Boa Esperança, residência do seu avô Tonico Flávio e da sua avó Aninha, na Serra da Mantiqueira, no sul de Minas Gerais. Observava tudo ao seu redor e vivia feliz.

A menina Maria, com o passar dos anos, foi ganhando um olhar comprido, diferente, aguçado de inteligência, sedento de informações, cheio de curiosidade e repleto de muitos porquês. Quis saber o que havia de interessante por detrás daqueles montes da antiga região de Santo Antônio do Itaim e de Capivary, hoje Consolação.

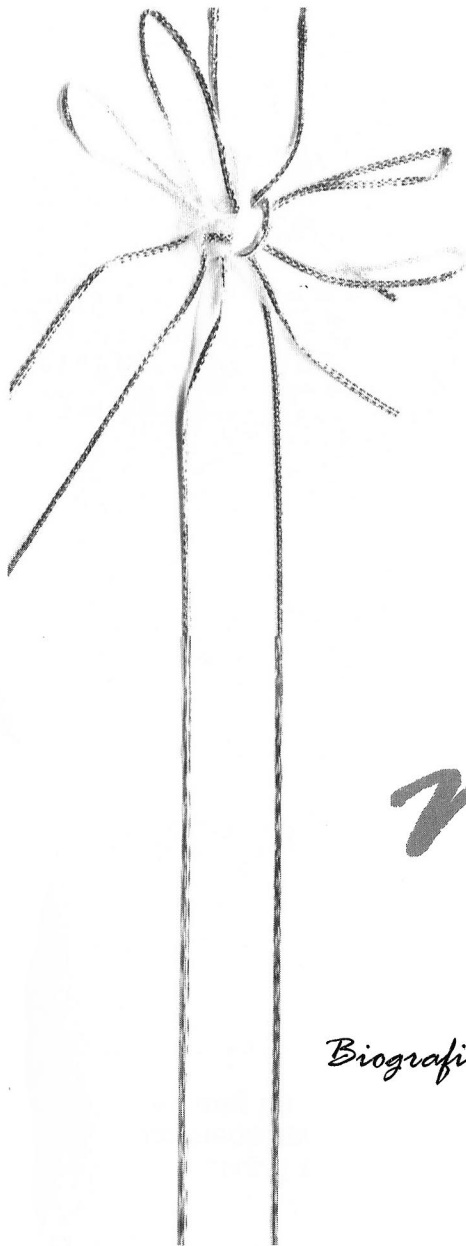
A paisagem rural a confinava entre os amores da família, o cuidado e a lida com os animais domésticos das fazendas, os frescores das cachoeiras e as geometrias dos canteiros das lavouras, projetadas pelos homens e mulheres fiéis ao campo. Estavam delineados seus limites neste cenário agrário.

Um dia, ela foi longe demais! Fez a sua grande mudança.

Conduzida por um antigo e bucólico meio de transporte rural: um carro de boi, percorrendo caminhos vicinais, chegou às margens da rodovia, onde fez a baldeação para um caminhão leiteiro, em companhia de sua avó

Para que conheçam ou recordem comigo o passado
e os bons momentos do presente dos meus oitenta e
seis anos de vida.

Amorosamente,



Vera Lúcia Simões Azevedo



Meus passos meus laços

Biografia de Maria Aparecida Simões Azevedo

Natal - RN
2008

Direito reservado exclusivamente aos membros da família.
Nenhuma parte desta obra poderá ser copiada por qualquer
meio impresso ou por mídia eletrônica sem prévia
autorização.

Temas paginados

Dedicatória especial	7
Agradecer sempre	9
Prefácio Marias	13
Um livro diferente	17
Uma história de muitos inícios	25
Oitenta e seis primaveras da Prima	43
Meus passos em fotos	83
Meus laços em fotos	145
Mensagens de Carinho e de afeto	197
Créditos	251
Fontes consultadas	255

Dedicatória especial

Às queridas bisnetas e aos bisnetos vindouros.

Toda criança numa certa idade tem curiosidade em saber “quem foram os pais dos pais dos meus pais?” Neste livro, respondo a esta pergunta com fatos e fotos, pois lá no futuro, ao se tornarem adolescentes vão ler, compreender e conhecer algumas histórias de seus antepassados, aspectos da minha vida e de seu bisavô Carlos, que já estão registrados em seu livro biográfico.

Assim, vocês poderão saber e transmitir às suas próximas gerações estas histórias e aquelas que vocês vão produzir e vivenciar, perpetuando os elos destes personagens do passado que tentaram, com erros e com acertos, valorizar o amor familiar, as experiências de vida, dignificar e manter as histórias entre as nossas famílias.

Com todo o meu amor, um doce beijo.
Da “Bisa” Maria

Agradecer sempre!

Agradeço a Deus pela bênção de poder existir e de poder viver nesta natureza dadivosa, mágica e enigmática; de poder compartilhar da amizade sincera de seres humanos tão especiais como os meus familiares e meus amigos!

Agradeço àqueles meus antepassados que um dia tornaram seus sonhos possíveis e permitiram relatá-los junto aos meus sonhos realizados.

Agradeço a todos que colaboraram de diferentes maneiras para a concretização deste feito editorial.

Agradeço, diariamente, ao meu esposo, Carlos Azevedo, por todos os momentos que passamos juntos e por tudo que idealizamos e realizamos em nossas vidas.

Sou e estou eternamente agradecida pela vida que tenho vivido!

À luz chegam os filhinhos
que dos filhos se originaram.
Feitos de pedacinhos
do **AMOR** dos que se amaram!

Bisavô Carlos

Prefácio Marias

Quero registrar que foi uma agradável e simpática surpresa o convite da Maria para fazer o prefácio de seu livro *Meus passos meus laços: Maria Aparecida Simões Azevedo*, carinhosamente registrados pela Verinha.

É simplesmente uma bênção ter uma pessoa querida e tão próxima chegando aos oitenta e seis anos de forma tão intensa, lúcida, cheia de virtudes, de vontades e com todas as características normais e inerentes a qualquer ser humano.

Por razões de afeto, principalmente, venho me envolvendo com a elaboração deste livro no meu cotidiano, participando do trabalho da Verinha desde a sua brilhante idéia inicial. E, em função disto, tenho observado diariamente como é bonito a Maria retirar do baú das suas memórias, histórias, informações e características de diversos ancestrais, enriquecendo e facilitando a tarefa de escrever sobre ela.

Acho também que esta atividade é para todos nós de altíssimo valor terapêutico, além do belo resgate histórico da família.

Quem é a *Dona Maria*? É a nossa senhora, ainda que concebida com pecados.

Ela é a Maria amiga, boa filha, carinhosa afilhada, desprendida, atenciosa.

Maria - “o homem da casa”, como lhe chamava a sua tia Dita, por chegar tarde da noite em casa.

Maria foi uma neta dedicada e maravilhosa. Irmã zelosa e colaboradora. Noiva apaixonada, mulher fascinante e bela. Aluna normal, artesã de linhas, linhos e lãs! Esposa dedicada e companheira, mãe solidária, sogra e avó generosa.

Maria é *Maria* de muitas formas, de diferentes conteúdos, de muitas variações de nomes e apelidos.

Maria Aparecida, desde o batismo.

Maria Aparecida Carneiro Simões, registrada no cartório de Capivary no dia do seu nascimento: 02 de novembro de 1922

Maria do Zequinha Flávio, no tempo dos bancos escolares para identificá-la associando-a ao pai ou *Maria* da Bibi, sua mãe.

Maria Simões, carnavalesca do Bloco Aristocrático.

Maria Regimento, por praticar equitação no Regimento de Pouso Alegre.

Maria Aparecida Simões Azevedo, pelo amor a Carlos e seu casamento.

Condessa Maria, por ser a mulher do Conde Carlos da Fábrica de Itajubá, além de ser a gestora de seu maravilhoso “condado” no bairro de Bom Jardim em Camanducaia, Minas Gerais.

Dona Maria Aparecida, para os professores, funcionários e alunos das escolas que fundou.

Bisa Maria, quando chamada pelas bisnetinhas.

Vó e vizinha Maria das netas e dos netos.

Tia Maria de muitas e muitas pessoas queridas das famílias.

Maria de vários lares, de muitas casas bonitas e de cenários peculiares.

Dinda Maria, madrinha de uns e de outras, por motivos diferentes.

Maricota de seus filhos e diletos amigos carinhosos.

Dona Maria da cozinha movimentada e aromática, cujos petiscos e iguarias comem-se primeiro com os olhos devido à esmerada produção artística visual gastronômica, que não se conhece outra igual neste tão saturado planeta Terra!

Maria recheada de atitudes generosas.

Maria de muitos amigos e amigas.

Maria que topa tudo. Nau com rumo. E dentre as mil façanhas que tem para contar, uma vivenciamos atipicamente juntos, quando acampou com o maior bom humor numa barraca com a filha e com o genro em solo gelado de granizo no barranco ao lado da casa em ruínas na Fazenda N. Sra. Aparecida, no bairro rural de Bom Jardim em Camanducaia, Minas Gerais, incentivando nossos sonhos de plantar alho na fazenda e cuidar do patrimônio. Na verdade, parecíamos uns bandeirantes.

Mãe-ria, como carinhosamente sua alegre filha Vera Lúcia a chama!

Prima, apelido e referência nas falas de seus familiares e amigos de Pouso Alegre.

Eu agradeço a você e a todas as suas *Maias* pelas oportunidades criadas para aprender no convívio que vimos tendo vida afora.

Receba do seu genro o respeito e um beijo de parabéns pelos seus criativos anos bem vividos, e daqui por diante, é viver mais quatorze primaveras, visando comemorar o seu centenário com saúde, atenção dos familiares, muita alegria e muita paz!

José Alberto Fonseca Souza

Um livro diferente

Das três clássicas realizações na vida de um indivíduo, a de ter um filho, de plantar uma árvore e de escrever um livro, restava apenas a Maria Aparecida realizar um empreendimento literário. Até porque só havia escrito algumas apostilas durante suas atividades profissionais na área educacional.

Visitar os sites na internet e remexer em diferentes baús possibilitou chegar lá longe, 280 anos atrás, no século XVIII. E para contarmos uma parte do início de uma história ocorrida em Portugal, juntamos os pedacinhos de tantas vidas passadas e organizamos um roteiro de fatos e fotos para o deleite dos leitores, com direito a documentos que comprovam os fatos, romances e até antigas declarações de amor.

Maria estabeleceu contato e encontros de parentes e amigos de Pouso Alegre, Rio de Janeiro, Petrópolis, Bragança Paulista, Consolação, Paraisópolis, Belo Horizonte, Itajubá, Cambuí, Camanducaia, São Paulo, Volta Redonda, Andradadas,

Campinas, dentre outras cidades. Esteve acompanhando as mensagens eletrônicas trocadas entre os familiares que colaboraram para que mais um sonho seu fosse realizado. Atualizou, organizou e reuniu seus acervos.

Outro feito fantástico foi poder contar de forma singular com a sua prodigiosa memória a qual possibilitou resgatar fatos que relatados ilustram as páginas desta edição em comemoração aos 86 anos de sua existência.

Graças ao hábito de seu esposo, Carlos Azevedo, de tirar fotos e organizá-las em álbuns, preservando o acervo fotográfico da família, foi possível reproduzir vários momentos lindos e agradáveis, advindos de suas vivências.

Sempre foi meu desejo entrevistar minha mãe, visando escrever e ilustrar através dela a sua vida e aspectos de sua biografia, para deixar algo de concreto às novas gerações das nossas famílias e aos amigos. Um desejo natural e cultural de transmitir conhecimentos e garantir a manutenção das histórias familiares para permanecerem vivas nas lembranças dos mais jovens que nos cercam e dos próximos que estão por chegar.

No processo de entrevistas com Maria, ela dava dicas e sugestões para elaborar o projeto editorial, e ora transcrevo algumas de suas falas:

Eu sempre tive boa memória para registrar fatos e datas e, por isto, com facilidade recorro as histórias e estórias que ouvia da minha bisavó, de minhas avós e de meus pais. Aprendia rapidamente a fazer de tudo o que me ensinavam. Demonstrava habilidade para os trabalhos intelectuais e desde cedo já possuía o dom para os trabalhos manuais. Criar é o que mais gosto de fazer.

São muitas recordações, sendo algumas ilustradas, para vocês se deliciarem com um tempo de tataravós, trisavós, bisavós, avós, principalmente o tempo de meus pais e o meu tempo.

Tempo este que volta em forma de depoimentos e registros fotográficos, transmitindo-nos a nítida sensação de que os fatos estão acontecendo agora no presente. E vou me surpreendendo com as minhas lembranças!

Talvez agora, com este resgate, vocês compreendam o motivo da minha inquietude e de tantas mudanças durante toda a minha vida, de um lugar para outro, para querer me aproximar mais dos familiares, das netas, dos netos e, principalmente, das bisnetas e, proximamente, dos bisnetos, pois mantenho ainda latente a cultura trazida das experiências passadas de ter a casa movimentada, de estar sempre inovando e criando, de conviver com muitas pessoas e dar o máximo de atenção a elas, principalmente aos mais velhos.

Todos dizem que é triste envelhecer, pois é uma sucessão de perdas. Perdas dos sentidos e perdas afetivas. Perdemos o viço! Perdemos a energia. E tem um fundamento a tristeza escondida do envelhecer, principalmente quando se gosta de viver com dinamismo, rodeada por muita gente. Todos vão envelhecer e vão comprovar que ninguém gosta de viver na solidão, e não adianta filosofar dizendo que solidão não existe e que depende da cabeça das pessoas! Solidão existe sim. É péssima! E só é boa para quem tem vocação de ser só. Eu não tenho vocação nenhuma para a solidão, não!

A velhice lúcida e solitária permite-nos apenas recordar histórias e ficar pensando nelas sozinha, pois não temos com quem compartilhá-las. Não temos com quem contracenar e ficamos sem coadjuvantes. Ao contrário, com a companhia de alguém que nos anime ou em contatos permanentes com nossos familiares e amigos, seja pessoalmente, por carta ou meios eletrônicos, fica muito mais agradável viver e até mais divertido, pois nestes encontros, seguimos lembrando as histórias passadas e prosseguimos sonhando outros sonhos em novos tempos para construir outras histórias até o último instante de nossas vidas!

Hoje, aos 86 anos, devido ao paciente trabalho de pesquisa familiar feito pela Vera Lúcia, e claro, com a colaboração da família e dos amigos, pude concretizar o sonho de contribuir para a produção deste livro.

Almejo com esta edição aproximar todos desta geração presente de nossos antepassados e de nossos descendentes, criando uma oportunidade única de comunicar e disseminar através da linha do tempo os fatos de maior relevância dos nossos ancestrais, da minha vida pessoal e profissional, considerando o fato de ser a primogênita da família Carneiro Simões.

Estou feliz com os depoimentos sobre a minha pessoa, sobre as minhas contradições e paradoxos, sobre o meu temperamento, sobre meus quitutes e saber dos sentimentos daqueles que me são caros.

Contudo, continuarei na expectativa de tê-los sempre ao meu redor, obtendo carinho e atenção. Falando freqüentemente com todos pelo telefone ou, quem sabe, se de fato me sentir atraída pela nova tecnologia, pelo “skype”, no mínimo nas datas dos aniversários. Estarei sempre aguardando as visitas dos amigos, dos familiares, de meus filhos e minhas noras, da minha filha e do meu genro, dos meus netos, das minhas netas e bisnetas, pois somente assim encontrarei ânimo e motivação para prosseguir a minha jornada e continuar aprendendo um pouco mais com todos vocês, praticando o eterno aprendizado.

“Meus passos e meus laços” caminham e relatam distintas e marcantes experiências. Passos de desafios e laços de coragem. Passos de conquistas e laços de sucessos. Passos de estudos e laços de realizações. Passos de tristeza e laços de alegrias. Passos de perdas e laços de superação. Passos de enganos e laços de aprendizado. São passos de muitos planos e futuros laços de muitos sonhos!

Espera-se, com o passar do tempo, que os descendentes das famílias possam dar continuidade aos registros de outros pedacinhos “do amor dos que se amaram”, atualizando as suas e outras histórias e doravante, criar uma tradição editorial sobre os fatos importantes e fotos marcantes das nossas futuras famílias.

Simplesmente por isto é *um livro diferente!*

Uma história...
de muitos inícios

É preciso voltar atrás por muito tempo para identificar com segurança a origem da Família Simões. São tantos laços de casamentos com tantas outras famílias que, destes cruzamentos de amores e de sobrenomes, vão se formando diferentes histórias de suas origens. Todavia, fomos longe buscar um ramo de nossa família de sobrenome Simões.

Os resgates históricos e os aspectos biográficos apresentados de personagens das nossas famílias foram colhidos basicamente das lembranças da Maria, de livros sobre as famílias e complementados com pesquisas. Os fatos e as fotos colecionadas levar-nos-ão aos cenários mais antigos para conhecermos os protagonistas do passado e do presente e, desta forma, será possível responder a curiosa pergunta que todos nós um dia fizemos: Quem foram os pais dos pais dos nossos pais?

Sobre a origem da nossa família Simões, uns dizem ser de origem portuguesa. Outros dizem que não, que é de origem irlandesa, pessoas perseguidas entre os séculos XVI a XVIII pela inquisição e, por isso, aporuguesaram seus nomes para sobreviverem. Outros atribuem à origem holandesa. O fato é que transcrevemos e ilustramos o que pesquisamos em documentos, acervos fotográficos, internet e depoimentos de familiares.

Para simplificar polêmicas, é interessante considerar que, na versão católica, todos nós descendemos de Adão e Eva e não lembramos sequer os seus sobrenomes! Portanto, o que importa se a grafia é Simões, Simöens, Simon ou Simão? O mais significativo foram os resultados que encontramos das diversas genealogias vinculadas às nossas famílias e ora apresentamos para as atuais gerações que conheceram a Maria Aparecida Simões Azevedo e, agora, poderão conhecer mais sobre importantes e divertidos registros de sua biografia.

O cenário inicial deste breve resgate histórico é Portugal, no Distrito de Portalegre, localidade de tradição secular na criação de porcos e, mais precisamente, na região de Santo Antônio de Paredes, Arcebispado de Braga.

Os acontecimentos tiveram início na segunda metade do século XVIII, quando em 1º de novembro de 1755, um terremoto arrasou a cidade de Lisboa. O palácio real foi arruinado e D. José I, rei de Portugal, passou a viver num grande complexo de tendas e barracas instaladas na Ajuda, nas saídas da cidade de Lisboa, centro da vida política e social portuguesa.

Vivendo no acampamento enquanto aguardava o término da reconstrução da cidade de Lisboa, arrasada pelo fogo, o Rei Dom José I de Portugal, na noite de 03 de setembro de 1758, sofreu um atentado quando trafegava em uma carruagem nos arredores de Lisboa. Seu Secretário de Negócios de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, o conhecido Marquês de Pombal, recebeu ordem para identificar os responsáveis pelo atentado.

Cumprindo a missão, ordenou a prisão de muitas pessoas, nobres e plebeus, condenando-as à morte, enforcadas ou queimadas vivas. Muitas pessoas foram expulsas do país acusadas de implicações no atentado, dentre elas, os jesuítas e comerciantes. Aproveitando aquela oportunidade de poder mandar e desmandar, vários desafetos pessoais do Marquês de Pombal foram também perseguidos politicamente. Dentre esses, encontrava-se a família do português e comerciante Leonel Rodrigues Simões que três anos após o episódio do atentado ao Rei José I, ou seja, em 1761, com 31 anos de idade, juntamente com os seus dois irmãos, tiveram todos os bens confiscados. Foram condenados à pena de degredo perpétuo e enviados para a mais “cobiçada das colônias portuguesas” - o Brasil.

Na linha do tempo, os fatos da família Simões sucederam-se assim:

1727 - Nasceu Leonel Rodrigues Simões, filho de família de comerciantes portugueses.

1761 - Os três irmãos chegaram ao Brasil e deram origem a três ramos da Família Simões: um na Bahia, outro no Rio Grande do Sul e o irmão, Leonel Rodrigues Simões, que constituiu o ramo da primeira família Simões na Capitania de Minas Gerais.

1765 - Após quatro anos de exílio no Brasil, Leonel Rodrigues Simões radicou-se na região de Três Pontas. Devido a sua exemplar capacidade de trabalho e tenacidade, reuniu condições financeiras para casar-se com Dona Francisca Machado Siqueira Simões. Desta união, nasceu o primogênito Joaquim Rodrigues Simões que, anos mais tarde, casou-se com Dona Joaquina Maria de Jesus e tiveram dois filhos nascidos na cidade de Três Pontas.

1791 - Nasceu Manuel Joaquim Simões, o primeiro filho de Joaquim Rodrigues Simões. O primeiro neto de Leonel Rodrigues Simões.

1793 - Nasceu **Flávio Antônio Simões (I)**, o segundo filho de Joaquim Rodrigues Simões. O segundo neto de Leonel Rodrigues Simões.

Já adultos, os dois irmãos deixaram a região de Três Pontas e foram trabalhar numa sesmaria doada no final do século XVIII ao português Francisco Borges de Castro, natural de Santo Antônio de Paredes. Esta sesmaria, localizada no sul de Minas Gerais, era denominada Santo Antônio do Itaim, em homenagem à região de Santo Antônio de Paredes, em Portugal. A região mineira Santo Antônio do Itaim atualmente corresponde aos municípios de Consolação (antiga Capivary do Paraíso), Paraisópolis, Conceição dos Ouros, Cachoeira de Minas, Estiva, Cambuí e Córrego do Bom Jesus.

O irmão mais velho, Manuel Joaquim Simões, casou-se com Thereza Borges de Castro Simões, uma das filhas do sesmeiro Francisco Borges de Castro. O casal foi morar na cidade de Pouso Alegre. Tiveram seis filhos. Mais tarde a família foi para Brotas, no interior paulista, e constituíram outras ilustres famílias que se destacaram notoriamente na política e no desenvolvimento econômico e social da região.

1818 - **Flávio Antônio Simões (I)**, o outro irmão, continuou prestando importantes serviços na região de Santo Antônio do Itaim. Era o homem de confiança de Francisco Borges de Castro. Foi o responsável por expulsar rapidamente os posseiros das terras da sesmaria sem maiores conflitos. Casou-se com **Ana Rodrigues Borges de Castro Simões**, a outra filha de Francisco, com quem teve 11 filhos: **Flávio Antônio Simões (II)**, Balbina, Amador Flávio, Antônio Flávio, Manuel Flávio, Bonifácio Flávio, Francisco Flávio, José Flávio, Ana Joaquina, Honória e Maria Flávia Simões.

1825 - Nasceu **Flávio Antônio Simões (II)**, segundo trineto de Leonel Rodrigues Simões. Casou-se com **Bernardina Ribeiro Simões**, nascida em 1844 e falecida em 14.05.1905. Ela era filha do Tenente Coronel Antônio Ribeiro e Silva e de Antônia Maria do Espírito Santo Ribeiro. Antônio Ribeiro foi o patriarca da Família Ribeiro, importante família de Capivary.



*Tenente Coronel Antônio Ribeiro e Silva
(15.10.1818 - 31.07.1904) Avô materno de
Antônio Ribeiro Simões, bisavô de José
Ribeiro Simões e trisavô de Maria*



*Antônia Maria do Espírito Santo
Ribeiro (28.12.1821 - 01.11.1911)
Avó materna de Antônio Ribeiro
Simões, bisavó de José Ribeiro Simões
e trisavó de Maria*

Flávio Antônio Simões (II) e Bernardina Ribeiro Simões tiveram 10 filhos: Ana, Maria Amélia, Maria José, Anália, Flávio Antônio (III), João, Erestina, Ricardina, **Antônio Ribeiro Simões** e Maria Bernardina.

1868 - Em 10 de janeiro, nasceu **Antônio Ribeiro Simões**, o terceiro varão de Flávio Antônio Simões (II) e Bernardina Ribeiro Simões.

Conhecido na região de Santo Antônio do Itaim como **Tonico Flávio** ou, pelo sotaque mineiro do pessoal da roça, como “Tunico Frávio”. Era então o Antônio do Flávio para melhor identificação, pois antigamente associava-se o nome do filho ao do pai.

Fazendeiro conceituado, dono de muita alegria e dotado de excelente humor, gostava de brincar e aprontar situações engraçadas. Às vezes nada agradável no final. Na página 63 do livro “Reminiscências de Consolação”, no capítulo Festa do Divino, o sobrinho, Flávio Simões, lembra de algumas malvadezas do Tio Tunico Flávio: “Colocava sabugo debaixo dos baixeiros e desapertando as barrigueiras, provocando reação do animal, na hora da partida dos cavaleiros, geralmente à noite. A maioria destes, após tomar alguns tragos, sem equilíbrio, era facilmente jogada de cima do animal.” Outra brincadeira que Tunico Flávio fazia: “Sentava em um banco da praça, próximo a um casal, fazia brincadeiras e criava situações constrangedoras para os namorados”.

Maria, ao informar que muitos dos que casavam lá na roça iam passar a lua de mel na cidade de Aparecida para pagar promessas, recordou-se de um episódio de seu avô Tunico Flávio.

Vovó Sianinha contou que uma vez dois casais, recém-casados, iam de carona com o Vovô Tunico, bem cedinho, até a rodovia para pegarem a “jardineira” que ia para Aparecida. Os casais iam pagar promessas. Era preciso sair muito cedo da casa. E vovô havia combinado com os quatro,

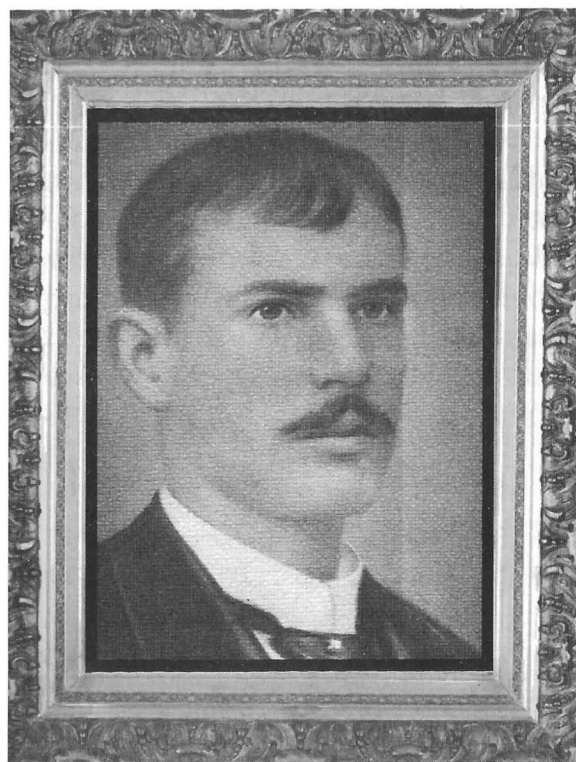
para não haver atrasos, que dormissem na Fazenda da Boa Esperança, nos quartos do sótão com duas alcovas, como antigamente chamavam. Vovô acomodou as mulheres, uma em cada quarto. Retornou ao alpendre e ficou de prosa com os homens até mais tarde. Quando chegou na hora deles se recolherem aos aposentos, o vovô fez uma brincadeira. Trocou os homens das respectivas mulheres e foi embora dormir. O resultado foi uma grande confusão e depois muitas risadas! Todos ficaram desconfiados das brincadeiras do vovô Tônico por muitos anos.

1873 - Anna Cândida de Carvalho nasceu em 02 de agosto. Era filha de Joaquim Dias de Carvalho Junior e Ana Luiza Vieira. Conhecida por Sinhá Aninha ou Dona Sianinha.

1892 – Neste ano, **Anna Cândida de Carvalho Simões** casou-se com **Antônio Ribeiro Simões**. Tiveram treze filhos. Todos nascidos na Fazenda da Boa Esperança, região de Santo Antônio do Itaim, antiga sesmaria. Seus filhos, pela ordem de nascimento, foram: Maria Benedita, Antônia, Maria José, **José Ribeiro Simões**, Benedita, Joaquim, Sebastiana, Ana Luiza, João, Francisca Rosa, Geralda, Geraldo e Vicente.



Anna Cândida de Carvalho Simões, mãe de Zequinha Flávio e avó de Maria



Antonio Ribeiro Simões, pai de Zequinha Flávio, avô de Maria

1900 - Em 24 de maio, nasceu **José Ribeiro Simões**, o quarto filho do casal. Conhecido na região do sul de Minas como **Zequinha Flávio**. Era criador de porcos, de gado leiteiro, produtor de laticínios e cafeicultor. Proprietário de muitas fazendas, sendo a Sede a Fazenda Santo Antônio. Era um autodidata. Havia estudado pouco, apenas o primário, mas o suficiente para vencer na vida. Homem simples, sempre interessado em aprender e muito espirituoso. Entendia de agronomia e de zootecnia. Gostava de ler e sempre lia o que lhe caía às mãos: dos romances às revistas ou livros técnicos. Era alegre e brincalhão com os amigos íntimos e impunha respeito aos demais.



José Ribeiro Carneiro Simões, pai de Maria



Dona Benta, mãe de Maria Augusta (Dona Mariquinha), avó materna de Bibi e bisavó de Maria

A outra história familiar de Maria é por parte de sua mãe. Inicia-se com a bisavó Dona Benta, casada com o italiano Antônio Emboava, pai de sua única filha, Maria Augusta.

Lembro-me da minha bisavó Benta, já era bastante velhinha. Eu e priminha Maria íamos passar férias na casa dela. Um dia nós descobrimos que a bisavó Benta tinha uma caixinha de guardar dinheiro. Nesta época ela já estava cega e mandava, eu e a Priminha, retirar moedas da caixinha para comprar doces. Como ela não enxergava, cometíamos o ingênuo pecado infantil de tirar mais moedas do que era permitido!

Dona Maria Augusta, sua avó materna, casou-se em primeiras núpcias com João Ribeiro Carneiro. Eram pais de: Maria Romana, **Benedicta**, Antônio e de Henriqueta.



João Ribeiro Carneiro e Maria Augusta Carneiro - Dona Mariquinha



Maria Romana, Antônio e Henriqueta

1900 - Benedicta Carneiro, carinhosamente chamada de Bibi, nasceu na cidade de Capivary em 05 de junho. Seu pai era um conhecido agricultor de Capivary, João Ribeiro Carneiro, nascido em 31 de agosto de 1872 e falecido em 12 de maio de 1906.

Depois de um tempo, a viúva Dona Mariquinha contraiu as segundas núpcias com o comerciante português Abel. Juntos começaram a trabalhar no ramo de hotelaria. Logo o Hotel de Dona Mariquinha passou a ser referência de bom atendimento na região.



Benedicta Carneiro - Dona Bibi, mãe de Maria.



Segundas núpcias de Maria Augusta Carneiro (Dona Mariquinha) com o comerciante português Abel

Dona Mariquinha era uma mulher atuante, independente e competente no que fazia, recorda Maria:

Eu ouvia apenas falar no vovô João, mas foi com vovô Abel que eu convivi. Vovô Abel era quem gerenciava o Hotel com a vovó Mariquinha. Ela era bastante avançada para os padrões da época. Muito elegante, educadíssima,

culta e bastante conceituada na cidade. Foi precursora do turismo, sendo a primeira empresária de hotelaria em Capivary.

A casa era enorme, morava a família da mamãe e funcionava o hotel da vovó Mariquinha.

Ela foi assessora política do deputado federal e ex-presidente da República Wenceslau Brás, em Capivary e na região. No hotel funcionava o curral eleitoral. Vovó recebia do Wenceslau Brás as roupas e sapatos para guardar e no dia da eleição distribuir para os eleitores pobres. Num determinado dia chegava “um olheiro” e acompanhava a entrega aos eleitores da roça que vinham até o hotel para receber os “presentes” e fazer a refeição. Vovó Mariquinha era uma grande personalidade da cidade.

A mamãe e as suas duas irmãs, Tia Romana e Tia Henriqueta, estudaram num colégio religioso na cidade de Mariana. Esta cidade foi a primeira capital de Minas Gerais. Região do ouro e da música sacra e, graças a este ambiente cultural, elas tiveram uma excelente formação educacional e musical. Eram professoras. As três tocavam instrumentos de corda. Mamãe tocava violino e as outras tocavam, se não me engano, bandolim.

Vovó Mariquinha adorava festa. Promovia eventos culturais para os hóspedes no hotel. As filhas, sempre muito bem vestidas, atendiam às mesas decoradas com belas toalhas de rendas, bonitas louças. Ao entardecer tocavam nos saraus para os hóspedes. Os mais antigos comentavam que era um sucesso a repercussão destes eventos do hotel na região e o nível social dos hóspedes era o mais distinto possível.

Ah! De uma história incrível eu me lembro bem. Mamãe era muito jovem quando se casou com o papai. E mesmo casada ainda brincava com a

linda boneca loira. Esta boneca era grande, de porcelana e tinha os olhos azuis, elegantemente vestida com sapatinhos. O vestido era de renda e seda com uma touca deslumbrante. A origem desta boneca que é o incrível desta história! Esta boneca foi dada de presente à mamãe por um comerciante português, muito amigo do vovô Abel e hóspede assíduo do hotel, que morava em Pouso Alegre, dono da Casa Azevedo, chamado Antônio Alves Azevedo. Eu e minhas irmãs brincamos com esta boneca na fazenda durante toda a nossa infância.



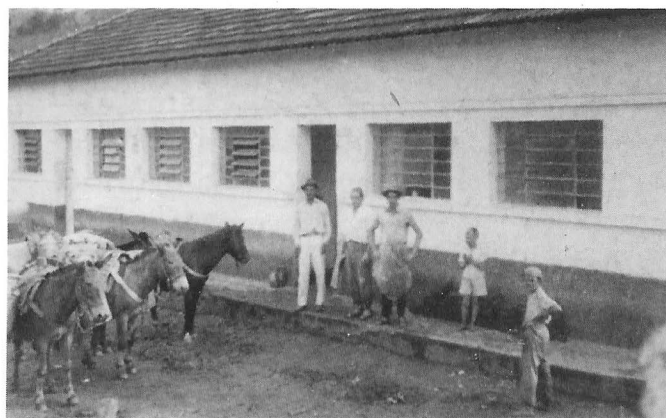
CASA AZEVEDO 1925 Pouso Alegre



Antônio Alves Azevedo, (pai de Carlos Azevedo). Comerciante português, amigo de Abel



Fazenda Santo Antônio



Fábrica de queijo



José Ribeiro Simões "Zequinha Flávio" e Benedicta Carneiro Simões, "Dona Bibi", pais de Maria.

1920 - Na antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora da Consolação, **José Ribeiro Simões** (Zequinha Flávio) casou-se com **Benedicta Carneiro Simões**, Dona Bibi. Deste primeiro matrimônio nasceram oito filhos: **Maria Aparecida**, Marina, Tereza, Antônio, Marilda, Neide, Neusa Maria e Nair.

Cerca de 200 anos passaram-se e deixaram *uma história de muitos inícios.*

Oitenta e seis primaveras
da Prima

São os nossos primeiros passos, literais e metafóricos, quando ainda somos crianças, que irão nos direcionar e nos posicionar diante da vida, seja física e espiritualmente, seja ética e moralmente, seja intelectual e profissionalmente, seja racional, emocional e afetivamente.

São nossas decisivas escolhas que nos conduzirão aos caminhos exitosos das nossas empreitadas ao depararmos com as oportunidades que a vida nos oferece. A cada um de nós caberá reconhecê-las no exato momento e aproveitá-las da melhor maneira possível.

De todas as alternativas existenciais que nos são oferecidas, selecionamos aquelas que resultarão na nossa estrutura de sermos o que somos e de estarmos como nos encontramos, sem esquecer que podemos retificá-las sempre ao longo de nossas vidas.

Dia a dia vamos almejando o melhor para nós e buscando nos conscientizar de que estamos permanentemente em busca da tão propalada felicidade, a qual habita, simplesmente, no âmago da doação e se manifesta no sentimento do amor, com seus diversos matizes e variadas intensidades.

É característica natural dos seres humanos gerarem relacionamentos familiares, escolares, profissionais e sociais, prazerosos e afetivos, alternando momentos de alegrias e de tristezas que, com o passar do tempo, vão se configurando em importantes experiências. E há oitenta e seis anos este processo existencial vem ocorrendo com Maria que, a cada passo, vem criando laços de amizade, de afeto e de compromissos que tiveram início no dia do seu nascimento.

1922 - No dia 02 de novembro, nasceu **Maria Aparecida Carneiro Simões**, na antiga cidade de Capivary, hoje denominada Consolação, localizada ao sul de Minas Gerais. É a primogênita de Zequinha Flávio e de Benedicta, Dona Bibi.

Maria nasceu na casa da avó materna, Maria Augusta Carneiro, viúva de João Moreira Carneiro, numa residência onde funcionava o Hotel de Dona Mariquinha, como a sua avó era conhecida.

Foi batizada na antiga Capela de Nossa Senhora da Consolação de Capivary, construída por volta de 1824, conforme o Termo de Vista que se acha registrado no 1º Livro do Tombo de Camanducaia, em 15 de junho de 1824, a mesma capela onde, tradicionalmente, casaram-se seus antepassados.

Em 16 de dezembro de 1832, foi criado o Curato de Nossa Senhora da Consolação de Capivary e, em face desta medida, os seus habitantes passaram a ter o seu capelão particular. O terreno onde foi erguida a capela, além de outros patrimônios, foi doado pelo seu bisavô paterno Antônio Flávio Simões (II), homem de bem, justo, de muitos amigos, fazendeiro e importante incentivador no desenvolvimento daquela região. As doações das terras foram feitas em 07 de outubro de 1849, visando à formação do patrimônio da igreja.

Maria teve como seus padrinhos o avô paterno Antônio Ribeiro Simões, vulgo Tonico Flávio, e a sua avó paterna Anna Cândida de Carvalho Simões, a Dona Sianinha. O evento religioso foi realizado na mesma igreja onde seus pais casaram-se em 1920. Esta capela não existe mais. Atualmente, é a Igreja Matriz de Consolação, inaugurada em 12 de outubro de 1947, a qual acolhe os fiéis da antiga Capivary.

As manchetes dos jornais, à época do nascimento de Maria, configuravam alguns aspectos importantes do panorama do Brasil:

“O Presidente eleito foi Artur Bernardes e marcada a posse em 15 de novembro para o período de 1922 a 1926. Criado o Imposto de Renda. No Rio, é inaugurado o Museu Histórico Nacional. O maior hotel do Brasil, o Glória, no Rio de Janeiro, foi inaugurado com 628 apartamentos e suítes. Iniciada a construção da Cinelândia nos terrenos do antigo Convento da Ajuda. Em São Paulo, foi inaugurado o bar e restaurante Ponto Chic, onde mais tarde iria ser inventado o famoso sanduíche “Bauru”. Aconteceu a Semana da Arte Moderna, reunindo a vanguarda da intelectualidade rebelde. No dia 7 de setembro, através do pronunciamento do Presidente Epitácio Pessoa, em comemoração ao Centenário da Independência, foi inaugurada a transmissão radiofônica no Brasil”.

Nas plagas do sul de Minas, a vida rural passava tranqüila e lentamente.

1923 - Antes de completar três meses de idade, final de janeiro, Maria fez sua **primeira mudança**. Foi com a mãe D. Bibi e Zequinha Flávio, seu pai, morar na Fazenda Santo Antônio.

Durante parte de sua infância, Maria residiu em duas fazendas, vizinhas uma da outra. Na casa de seus pais, na Fazenda Santo Antônio, e de seus avós paternos, na Fazenda da Boa Esperança.

Eu vivia prá lá e prá cá! Na casa da mamãe, que era muito bom, e na casa da vovó Sianinha.

Meus pais eram inteligentes, bonitos, cultos, trabalhadores e possuíam importantes virtudes, destacando-se a generosidade. Cresci em meio aos livros e instrumentos musicais de corda. Cresci cercada também de galinhas, patos, ovos frescos, bezerros, vacas, touros e porcos. Tínhamos hortas e pomares. A fazenda era linda, cheia de lavouras e mais ainda as montanhas ao seu redor.

Meus pais, minha avó e minhas tias cultivavam o bom hábito de ler e apreciavam os encontros de amigos músicos que levavam violão para tocar no alpendre da fazenda. Eles faziam questão que todas nós estudássemos.

Curiosa, lia tudo o que aparecia lá em casa e, desde cedo, pude sentir que gostava de ensinar. Brincava com os filhos dos empregados de maneiras educativas. Já era minha vocação para o magistério.

Com meus familiares formei meu caráter, solidifiquei princípios éticos e morais e tomei gosto pela leitura, pelas artes musicais e manuais e principalmente pelos estudos.

Vivi em mesa farta com deliciosas comidas mineiras! Em meio a muitos parentes. E com gênio forte, característica dos Simões!

Sempre ouvia de minha mãe muitas histórias interessantes e engraçadas sobre os meus antepassados, inclusive histórias sobre os filhos de ex-escravos dos quais convivi com alguns deles. Recordo-me do administrador, Sr. Chiquinho, um mulato trabalhador. Era um homem bom que socorreu minha mãe na hora da sua morte. Lembro-me da lavadeira Dona Aninha, cujas roupas eram impecavelmente limpas e cheirosas. Lembro-me perfeitamente

da Maria Ferreira, casada com um português. Ela ajudava-o a fazer e cuidar da horta da fazenda.

Ah! A Sá Júlia. Sempre com um pano branco amarrado na cabeça, parecia uma africana, e recordo-me dela agachada de cócoras na tulha (terreiro de secagem de café). E era a Sá Júlia quem atendia às mulheres na hora dos partos. Não me esqueço do velho Trote, um afro-brasileiro quase centenário, de cabelos brancos, que arreava os cavalos para passearmos. O Trote era conhecido de todos e até os netos e as netas do papai conheceram-no. Quando perguntava ao Trote quantos anos ele tinha, ele respondia rimando e brincando que “cabelo branco no preto quando pinta, ele tem mais de cento e trinta”.

Maria vai voltando ao passado com precisão do tempo e fluência nas lembranças. Durante os seus depoimentos, os relatos vão transformando o seu semblante em diferentes expressões, transportando-a de quando em quando pelas pontes invisíveis que ligam às suas antigas emoções e nos transmite cenários rurais espetaculares, que infelizmente não podem ser fotograficamente reproduzidos, mas podem perfeitamente ser imaginados.

Vovô Tônico adorava dar voltas comigo, a cavalo, no pátio da Fazenda da Boa Esperança, antes de sair para o trabalho. Vovó Sianinha me contou que ele me colocava desde bem novinha sentada na sela, entre ele e o Santo Antônio (uma parte frontal da sela que dá firmeza ao cavaleiro ajudando a travar as pernas), e contou-me que no dia que ele não mais voltou para o almoço porque havia morrido, eu havia passeado a cavalo com ele como de costume, pela manhã bem cedinho.

A vovó Sianinha era promotora de ações humanitárias voltadas para o bem estar e a educação de todos, especialmente das famílias dos seus empregados. Na fazenda, naquela época, ela já se encarregava de contratar professores

de Pouso Alegre para ensinar as filhas, os filhos, incluindo os dos empregados. Alimentos, dentistas e médicos eram para todos também. Se qualquer pessoa ficava doente, já ia o vovô Tonico Flávio imediatamente para o hospital levando o necessitado.

Papai também dava todo apoio de saúde e de educação para nós e para os filhos dos empregados. Não nos faltava nada nas fazendas e eram tempos de fartura e de bom viver, tanto na Fazenda Santo Antônio quanto na Fazenda da Boa Esperança. Era assim a nossa vida rural.

1924 - No dia 11 de agosto, nasceu Marina, a primeira irmã de Maria Aparecida e a segunda filha do casal.

Em 10 de outubro, a tristeza tomou conta de muitos lares e de muitas pessoas da região de Santo Antônio do Itaim, expressa Maria com olhar triste de luto, relembrando esta dor específica do passado.

Pela manhã bem cedinho, vovô Tonico, como de costume, ia visitar as plantações e verificar os empregados cuidando dos animais. Neste dia, ele estava indo para a Fazendinha. Sempre voltava para o almoço na Fazenda da Boa Esperança, onde morava. Como demorou a retornar dentro do horário habitual, a Vovó Sianinha supôs que ele havia ido à casa de algum amigo ali pela redondeza para uma prosa rápida. O tempo foi passando. Quanto mais a tarde chegava, mais preocupada vovó Sianinha ficava. Foi então quando pediu aos empregados para saírem à procura do vovô Tonico Flávio. Os rumores de que havia morrido já se evidenciavam. E num pasto distante da casa, Vovô Tonico foi encontrado deitado no chão, com o chapéu em seu rosto, pescoço roxo e o cavalo próximo ao seu corpo. Ele havia falecido de um enfarte fulminante! Vovô Tonico foi sepultado no cemitério de Consolação junto aos demais familiares.

Não me lembro de que possa ter sido outra a causa de sua morte, ainda que ele tivesse, como todo proprietário de terras, problemas com algum vizinho. Existem pessoas na família que não acreditam na versão da morte natural. Mas também não conhecemos e nunca soubemos de nenhum processo judicial sobre outra versão.

1926 - Dois anos após a morte do avô Tônico, a sua avó Sianinha ainda estava muito abatida com a perda de seu esposo e companheiro. Tinha muitos afazeres na Fazenda, todavia sentia uma tristeza enorme. Para amenizar seu sofrimento, resolveu cuidar da neta e afilhada, que morava bem pertinho da sua casa, para se alegrar com ela e também diminuir o trabalho da nora Bibi, que estava grávida pela terceira vez, e com as filhas Maria, de quatro anos, e Marina, com dois.

Era grande a responsabilidade da D. Bibi com as atividades domésticas e rurais, além dos cuidados com Zequinha Flávio, seu marido, que levantava muito cedo para fazer os serviços na fazenda. Ela também era responsável pela administração dos empregados das lavouras.

Com um ar de desaprovação, Maria revela a sua tristeza de não ter aproveitado mais do convívio com a sua mãe e justifica com razão o verdadeiro motivo.

Tia Zeca, “roubou-me” da mamãe. E eu tinha apenas quatro anos quando fui morar na Fazenda da Boa Esperança com a vovó Sianinha, que tinha 53 anos e estava viúva. Foi esta uma mudança drástica, mas culminou sendo importante e decisiva no curso da minha vida, muito embora tivesse que ficar distante durante a semana da mamãe. Eu só via meus pais nos fins de semana. E a vovó sempre dizia que era para o meu bem.

A primeira professora de Maria foi a sua Tia Zeca. Muito atenciosa e dedicada com a sobrinha “filha”. Aprendeu com ela a ler, escrever e fazer alguns trabalhos manuais. Desde cedo, Tia Zeca, por ser vaidosa, ensinou-lhe a passar no rosto e

nas mãos a parte interna das cascas de frutas, de abacate, de mamão e os bagaços da laranja lima, informando-a que era bom para deixar a pele bonita e sedosa. Hábito saudável cultivado por Maria até hoje, cujo resultado é a sua pele macia e saudável com os seus oitenta e seis anos!

Vovó Sianinha era ótima. Sempre estava simples e impecavelmente bem vestida. Sempre linda e cheirosa. Quando algum parente ou amigo chegava para visitá-la, logo queria tirar uma fotografia com ela. E para tirar a fotografia, ela pedia licença para retocar o cabelo!

Vovó, muito católica reunia as filhas, as netas, e quem mais estivesse em sua casa, para rezar o terço todo final de tarde. Era alegre e divertida. Brava e docilmente autoritária. Gostava de falar bobagens picantes e falava cada coisa que, quando me lembro, dou boas gargalhadas. Muitas bobagens não publicáveis! Muitos que a conheceram ouviram pelo menos uma dessas inúmeras bobagens que ela gostava de contar ou falar! E todos nós nos divertíamos muito.

Bom mesmo era no dia de fazer biscoitos e farinha de biju de milho.

Recorda Maria, saboreando as palavras com as lembranças da boa mesa farta e variada da casa de sua avó.

O evento de fazer biscoitos e farinha era um acontecimento de muita alegria que se transformava sempre em lanches maravilhosos e festivos, com muitas pessoas da família e com os visitantes, cujas presenças eram bastante comuns na sua casa. E com apetite, até hoje quando tomo leite com farinha de biju, sinto o gosto da minha infância e da minha juventude.

A casa da vovó era linda e brilhava de limpeza! Tudo arrumado e reluzente! Não havia luxo, mas muita beleza. Muitas flores e muitas árvores frutíferas no quintal. Num alpendre lá fora, havia um recanto onde funcionava uma

escolinha: quadro negro e banco de escola. Era o local onde a Tia Zeca alfabetizava as crianças da família.

O badalar melódico e suave do carrilhão, um antigo relógio de pé, belíssimo, marcou os minutos de minha vida com o som clássico a cada hora. Sei exatamente onde se localizava. Era um relógio lindíssimo.

1927 - Nasceu Antônio, carinhosamente chamado de Toninho pelos familiares. Foi o primeiro varão e o único homem nascido do casamento de Zequinha e Bibi.

*Neste ano, completei cinco anos. Fiz a minha segunda viagem e a primeira à Pouso Alegre. Este fato tornou-se um marco na minha vida. Num dia, eu - a minha enorme bagagem - e a vovó Sianinha subimos no **carro de boi** da fazenda e partimos para encontrar o caminhão leiteiro que passava lá na estrada, que hoje é a rodovia Fernão Dias que liga São Paulo a Belo Horizonte. E na boléia do caminhão fomos nós duas para Pouso Alegre. Vovó entregou-me aos cuidados da Tia Zeca que já morava na casa da cidade com outras irmãs, na Rua Adolfo Olinto, nº 142. E mais tarde, foi nesta mesma casa que minha avó veio morar definitivamente comigo e com as minhas tias.*

Fiquei morando em Pouso Alegre sob a responsabilidade da tia Zeca para que ela me alfabetizasse e depois pudesse cursar o primário numa escola particular.

A partir dali, começaram a delinear as trajetórias mais importantes da minha vida. Meus sonhos eram: estudar muito, formar-me e tornar-me independente. A idéia de ir para a escola fascinava-me. A minha vocação desde cedo era a educação, pois adorava brincar de professora com os filhos dos empregados, durante as férias na fazenda.

Nesta época, Vovó já tinha algumas filhas estudando no internato do Colégio das Dorotheas.

1929 - Em 31 de agosto, nasceu mais uma irmã de Maria, Tereza. É a quarta filha de Bibi e Zequinha.

1930 - Maria foi estudar o primário no Colégio Externato São Luís. O colégio ficava na Rua Dom Néri e era de propriedade da sua Tia Rosa (filha da avó Sianinha) e da sua prima, Aparecida, filha da Tia Mariquinha.

Eu adorava desenhar, ler e escrever e já sabia muitas coisas que a Tia Zeca havia me ensinado em casa. Fazia trabalhos manuais com muita facilidade e quando as pessoas viam os resultados, a mamãe, vovó e as tias, ficavam encantadas com os meus dons artísticos!

Depois de sete anos da morte do vovô Tônico, a vovó Sianinha deixou de morar na Fazenda e foi definitivamente morar em Pouso Alegre.

A vovó era uma pessoa especial e uma avó maravilhosa. Era possuidora de grandes qualidades humanas. Sempre preocupada com a educação de todos, e disto fazia questão absoluta.

Era uma família de valores tradicionais. Os filhos e as filhas tomavam sua bênção diariamente. Os que já estavam casados passavam na casa dela pela manhã para receber as bênçãos matutinas e, ao final do dia, passavam para dar boa noite e mais uma vez receber a bênção noturna materna. Um ritual que sempre me encantou.

1932 - Em 20 de dezembro nasceu outra irmã de Maria, Marilda. É a quinta filha de Zequinha Flávio e Bibi.

Eu estava com 10 anos quando estourou a Revolução de 1932. Vovó Sianinha pedia para eu levar comida para o Tio Geraldo (eu gostava muito dele e ele também gostava muito de mim) na trincheira, na entrada de Pouso Alegre,

perto de onde havia a ponte do rio Mandu. Os soldados ficavam acampados numa casa velha. Houve muitas mortes!

Do portão da casa da vovó, eu via passar o caminhão com corpos amontoados igual saco de farinha, todos jogados como objetos. Foi um episódio horroroso. Foi muito triste para mim tão menina ter visto com os meus próprios olhos cenas como aquelas. Este fato horrível ficou marcado para sempre em minha mente.

Maria lembra-se de que foi a primeira grande revolta contra o governo de Getúlio Vargas, o da Revolução Constitucionalista de 1932 ou Guerra Paulista, cujo movimento armado ocorreu entre julho e outubro. Tal movimento político visava à derrubada do governo provisório de Getúlio Vargas e à instituição de um regime constitucional após a supressão da Constituição de 1891 pela Revolução de 1930. A seu pedido, buscamos na Internet um breve resumo que transcrevemos para recordar tal fato histórico regional:

“As tropas paulistas penetraram no sul de Minas Gerais, atingindo a cidade de Pouso Alegre em julho e agosto, e as mesmas foram repelidas pelas forças federais em direção de Campinas e, após setembro de 1932, cidades paulistas próximas à divisa com Minas Gerais, como Atibaia e Bragança Paulista, as quais foram ocupadas pelas tropas fiéis a Vargas. No alto da Serra da Mantiqueira, num local conhecido com Garganta do Embaú, ocorreram combates violentos com intuito de dominar aquele ponto estratégico bem como o túnel da estrada férrea, o que permitiria o controle do acesso ao sul de Minas por ferrovia. Os paulistas invadiram a cidade mineira de Passa-Quatro que foi posteriormente libertada por tropas leais ao Governo Vargas”.

1933 - Ao terminar o curso primário, Maria foi fazer o admissão no Grupo Escolar Monsenhor José Paulino. Esta instituição foi palco de outra notável peça do seu destino! O nome do grupo é uma homenagem a este notável cidadão que trabalhou intensamente em prol da espiritualidade e da educação do povo pouso-

alegrense. Em 1899, ele fundou o Ginásio São José, de propriedade da Diocese. Em 1900, foi criado o bispado, por iniciativa do então vigário da paróquia de Pouso Alegre, o Padre José Paulino de Andrade. Ele era um ativo republicano norte-rio-grandense, nascido na cidade de São José de Mipibu - RN, em 16 de março de 1861, e falecido em 24 de setembro 1907, em Recife. Ordenou-se no Seminário de Olinda. Depois de alguns lugares por onde trabalhou, a sua fé fez muito pela religiosidade do povo de Pouso Alegre. É valioso e enriquecedor conhecer um pouco mais sobre sua biografia constante do Livro de Luis da Câmara Cascudo, História da República no Rio Grande do Norte:

“Fixou-se em Pouso Alegre, sul de Minas Gerais, vigário operoso, onde, começando em 1897, vitoriou uma campanha incessante para a criação do Bispado local, conseguindo patrimônio, seminário, colégio, palácio episcopal. Era apoiado pelos Bispos de São Paulo e de Mariana. O Bispado foi criado em 1900, mas nomeado Bispo fora Monsenhor João Batista Correia Néri, que tomou posse em 1901 e governou até 1908. O vigário José Paulino de Andrade, exausto de forças e ferido nas íntimas esperanças legítimas, (se alguém deseja o episcopado, deseja uma obra boa, escreveu Paulo na primeira epístola a Timóteo) voltou para Natal. Em 1904, retornou a cidade de Pouso Alegre para despedir-se dos amigos, sendo recebido festivamente pela população, que tudo fez para conservá-lo naquele bispado mineiro, cuja existência lhe devia a possibilidade funcional.”

Uma vez matriculada no Grupo, Maria encontrou um amigo especial na turma que se chamava **Carlos Azevedo**. Ele era um antigo aluno, pois havia estudado todo o primário neste Grupo Escolar. E foi no Curso de Admissão que se conheceram.

Então, foi no Grupo Escolar Monsenhor José Paulino que conheci o Carlos. Nós dois tínhamos 11 anos. E a escola passou a ter um significado muito especial em nossas vidas afetivas e familiares! O mais importante dos meus laços.

Carlos era filho do português, da cidade do Porto, Antônio Alves Azevedo (18.12.1875-11.12.1931), comerciante em Pouso Alegre e proprietário da Casa Azevedo, estabelecido no Brasil desde 1889. Era casado com Dona Dinorah Mendel Gay Azevedo, (29.08.1888-26.11.1966), nascida em Uruguaiana, RS. Dona Dinorah era professora de Trabalhos Manuais e vice-diretora do Grupo Escolar Monsenhor José Paulino.

Seu Azevedo era aquele hóspede assíduo, português, amigo do vovô Abel que deu para minha mãe a boneca de porcelana loira, com a qual, dezenas de anos mais tarde, suas filhas brincaram.

A Casa Azevedo era uma das mais importantes de Pouso Alegre pela sua variedade e localização. Ficava na Praça Senador José Bento, nº 64, e ocupava todo o quarteirão da Rua do Beco que dava para a Rua Adolfo Olinto. O curioso era o número do telefone comercial: 1. Evidentemente o primeiro telefone da cidade e por isto o aparelho telefônico, dentre outros inúmeros objetos de valor histórico da família, foi doado pelo irmão de Carlos, Gilberto Azevedo, e está em exposição no Museu de Pouso Alegre.

Num quarteirão situava-se a casa comercial e a residência do Senhor Antônio Alves Azevedo e da Dona Dinorah, e ao lado o Clube Literário e Recreativo de Pouso Alegre. Este foi um local de grandes eventos e de importantes recordações amorosas para mim.

A família Azevedo sempre esteve envolvida com ações comerciais, sociais, culturais, religiosas e humanitárias na cidade. Para auxiliar a construção do prédio da sede social do clube, à época, foram lançados títulos de acionista para empréstimos por meio de ações e o Sr. Antônio Alves Azevedo foi o oitavo sócio, em 1º de julho de 1925.

Seu Azevedo foi patrocinador de muitos eventos culturais no Teatro Municipal de Pouso Alegre. E muitos eram amigos em comum das nossas famílias, dentre estes o Capitão Nelson Valle, Dr. Vinícius Meyer, Dom Otávio Chagas de Miranda, Monsenhor José Paulino de Andrade.

Não era ainda no meu tempo, pois era bem novinha, não vi. Mas cresci ouvindo que eram famosas as procissões organizadas pelo Sr. Antônio Alves de Azevedo. Ele foi fundador da Irmandade do Santíssimo Sacramento e do Orfanato Nossa Senhora de Lourdes, e lá tem o retrato dele na sala de entrada até hoje.

Vovó contou-me que o povo de Pouso Alegre, no dia da sua morte, comoveu-se profundamente! Havia falecido um dos mais queridos e ilustres moradores e um dos mais dinâmicos colaboradores da sociedade. Faleceu ainda jovem, em decorrência de um enfarte, ao retirar de cima do balcão uma caixa com um peso acima do permitido para o seu coração suportar. Era o dia 12 de dezembro de 1931.

Dona Dinorah ficou viúva e com vários filhos. Por ser excelente professora de Trabalhos Manuais, tornou-se também, pelas circunstâncias da nova vida, uma profissional inigualável na arte de fazer arranjos florais para andores, grinaldas, chapéus, buquês de noivas e de primeira comunhão das meninas, arranjos de mesa e enfeites finos para doces de festa. Trabalhava para sustentar a família.

É autora da frase que, poeticamente, resume o seu espírito filosófico e a sua beleza interior: “Com flores eduquei meus filhos e com estes enfeitei meu lar.”

1934 - Em 22 de abril nasceu outra irmã de Maria, Neide, a sexta filha de Bibi e Zequinha.

Maria recorda-se do êxito obtido no Concurso de Admissão e não se esquece de adjetivar as características do seu colega de escola, apresentando o Carlos com entusiasmada admiração e com ares de paixão antiga.

Este ano foi um ano difícil. Tive que estudar muito. Fiz as provas e passei muito bem com média: 93. O Carlos também passou com excelente média. Carlos era bonito, inteligente, muito culto, estudioso e sensível como todo poeta! Tinha sempre diferentes assuntos para conversar. Já era todo compenetrado e bastante cômico de suas responsabilidades como estudante e como filho órfão de pai. Parecia mais adulto do que criança. Era alegre e espirituoso.

Gostava de falar para o meu primo, o Zezé da Wilma: “vou me casar com a sua prima Maria”. O Carlos estudava com o Zezé, na mesma turma, e sempre que o encontrava no colégio dizia que ia se casar comigo.

Depois, no ano seguinte, 1935, o Carlos foi estudar o ginásio no Colégio São José. Imagina, aos 13 anos já dava aula na Escola Regimental de Soldados em Pouso Alegre! Quanto a mim, fui estudar em Taubaté, no Colégio Bom Conselho.

Taubaté, além de ter sido a primeira cidade do Vale do Paraíba, em 1838, já era a cidade mais povoada da província de São Paulo. Esta localidade sempre contou com o apoio de homens cultos e preocupados com a educação e a cultura na cidade. Foi também a cidade onde Maria escolheu para estudar e obter uma educação exemplar num tradicional e renomado colégio, do qual ela tão bem recorda de seus bons tempos.

Durante esta conversa, Maria sugere ir pesquisar na Internet sobre seu antigo e querido Colégio, no qual sempre demonstra orgulho de ter estudado. Encontramos um pouco de informação sobre a sua história: “Em 1879 iniciam-se

as atividades do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, por iniciativa de Dom José Pereira de Barros, com a administração escolar a cargo das Irmãs de São José, congregação existente desde 1650, na França”.

A arquitetura interior do colégio era admirável. A capela do tradicional Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho tinha um ambiente de esplendor. Foi construída no final do século XIX com estilo “Rococó”. O colégio foi extinto há muitos anos e foi incorporado à Universidade de Taubaté. Décadas mais tarde, num memorável passeio pela cidade e pelo Colégio, o velho prédio, patrimônio arquitetônico e educacional de Taubaté, pôde ser fotografado. Continua preservado como antes e foi possível reviver o passado de incontáveis boas lembranças.

1935 - Em 27 de fevereiro, Maria estava matriculada na primeira série do curso ginásial do Ginásio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Taubaté, São Paulo.

Durante cinco anos fui educada por excelentes mestres e tive a felicidade de estudar, além do Português, o Francês. Francês era obrigatório por causa da congregação que era francesa. Estudei Inglês Básico, Matemática, Ciências, História Geral, Física, Geografia Geral e Química. Aprendemos a rezar a missa em Latim.

No colégio havia uma sala de História Natural muito interessante, parecia um pequeno museu. Vários animais empalhados e vários exemplares de embriões em vidros de diversas espécies, inclusive de seres humanos. Aprendíamos vendo e ouvindo a professora ensinar biologia neste local.

Da aula de Desenho eu gostava muito e Canto Orfeônico também. Tinha um coral maravilhoso e nós cantávamos no coral. Aprendi diversas artes: bordar, pintar, tricotar, além da prática em Educação Doméstica e as aulas de Etiqueta Social nas quais se aprendiam as boas maneiras de saber se portar em diferentes ambientes, arrumar uma mesa bem bonita, servir os

pratos, sentar-se, comer com postura e usar adequadamente os diferentes copos e talheres.

Rezar era obrigatório: ao acordar, uma oração para começar o dia com otimismo; e ao deitar, rezávamos a oração da noite, e até hoje rezo esta oração.

Assistíamos a muitas palestras interessantes sobre temas distintos ligados aos nossos estudos ou voltados para assuntos de vida prática. Eu adorava estudar no Colégio Bom Conselho. Era outro tempo e outros valores. Adorava as aulas de teatro e tive a oportunidade de interpretar vários personagens, inclusive o Imperador romano Diocleciano.

Lembro demais da Diretora Madre Superiora, Irmã Luíza Antonieta Cursino e do Dr. Lauro Augusto de Almeida, que era o nosso Inspetor Federal. No meu tempo, tinha a Irmã Aymée, professora de piano, e a Irmã Leônides, que era bastante severa, mas muito amiga minha. Dos outros nomes não me lembro agora, mas todas eram professoras e educadoras excepcionais!

*Foi no Colégio Bom Conselho que surgiu o meu apelido de **Prima** e, desde então, todos os meus familiares, amigos e amigas passaram a me chamar de Prima, inclusive os meus pais.*

O apelido de Prima teve origem por causa de uma prima que também foi estudar neste colégio, e que se chamava Maria Inês. E tendo chegado depois no colégio, foi apelidada de “Priminha”. Até hoje na cidade de Pouso Alegre, os familiares e os amigos chamam-nos de Prima e Priminha, inclusive quando nós duas nos encontramos, assim nos chamamos.

1937 - As férias escolares da Maria eram sempre passadas na Fazenda Santo Antônio com a mãe, o pai e com as irmãs. Algumas vezes levava as amigas

que, em grupo, iam se divertir com as atividades diurnas e noturnas rurais. Gostavam de se reunir para tomar leite no curral, andar a cavalo, cantar, encenar peças de teatro com direito a guarda roupa e cenários improvisados ao anoitecer. Sempre tinha alguém que tocava violão e Maria aproveitava o instrumento e o clima musical para tirar fotos fingindo tocar também.

Outra diversão é que ficávamos trocando de penteados. Eu adorava fazer diferentes penteados nos meus cabelos, uns três por dia! Estava sempre muito bem penteada a qualquer hora do dia, na cidade ou na fazenda!

Em ocasiões especiais, nos períodos de férias, eu aceitava o convite da vovó Sianinha e viajava com ela fazendo companhia às tias. Em grupo familiar feminino íamos fazer estação de águas e turismo nas cidades hidrominerais de Cambuquira, Caxambu e São Lourenço.

Era ótimo passear com a vovó. E como ela gostava muito de jogar, íamos todas as noites ao cassino. Todas nós nos vestíamos elegantemente e fazíamos penteados maravilhosos. Atraíamos a atenção de todos. Nos saguões dos hotéis e nos cassinos, havia muita gente bonita e bem vestida. Era um verdadeiro desfile de moda!

Em 24 de maio de 1937, aconteceu outro fato marcante causando uma dor profunda e uma imensa tristeza na família Simões. Morreu o único filho de Bibi e exatamente no dia em que o pai, Zequinha Flávio, completava 38 anos. Este fato modificou o ambiente festivo da casa retraindo a alegria espontânea dos pais por um longo tempo, pelo menos até a chegada da próxima filha! O falecimento de Toninho, irmão de Maria, com dez anos de idade, foi motivado por uma crise aguda de apendicite. Lembra Maria que seu pai ainda tentou socorrê-lo levando da Fazenda Santo Antônio rapidamente para o hospital de Pouso Alegre. Mas ele faleceu de peritonite durante a operação.

1938 - Em 13 de novembro, nasceu mais outra irmã de Maria, Neusa Maria. Era a sétima filha do casal.

Do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, Maria ainda vai contando as inúmeras recordações, inclusive os namoros com os moços de famílias tradicionais de Taubaté que, embora ela cite os nomes e os respectivos sobrenomes, faz questão de recomendar que não os revele.

Namorei muito nas alamedas de bambual da chácara do Colégio. O local era lindo!

Eu tinha um namorado que já era engenheiro e formou-se bastante jovem. Ele sabia exatamente o horário que rezávamos na capela diariamente no cair da tarde.

Nós dois combinamos que ao passar pela frente da capela do colégio ele tocasse a buzina do carro de um jeito codificado para que eu pudesse identificá-lo. Então, ao ouvir a buzina tocar, eu já sabia que era ele. E, estrategicamente sempre escolhia para sentar o último banco da capela porque era mais fácil sair discretamente - às escondidas. Assim, ao se aproximar da hora de terminar a reza, eu ouvia a buzina. Era emocionante! Saía bem de mansinho, sem que as freiras me vissem e, por detrás de um biombo de arbustos, eu chegava até a porta principal da capela pela parte externa, pois a porta principal ficava fechada durante a semana.

Ele deixava sempre na grade do jardim da capela uma caixa de bombom. Eu pegava, escondia embaixo do avental que complementava o uniforme e, depois do jantar, na hora do recreio, ia com algumas amigas dividir o presente. Era uma delícia e uma farra. Divertíamos bastante.

Ah! Lembrei-me de outra aventura pitoresca com este namorado engenheiro.

Era habitual irmos para a chácara do colégio andando a pé com as freiras. A chácara era relativamente perto do Colégio Bom Conselho. A Irmã Leônides era quem acompanhava as alunas, na maioria das vezes. Certa vez, eu havia chegado de um fim de semana, passado com meus pais, bem antes do horário estipulado para o retorno das alunas internas ao colégio e a Irmã Leônides precisava ir até a chácara para resolver alguns problemas.

Então sugeri a ela que fôssemos de táxi para chegar mais rápido. Ela imediatamente aceitou, solicitando que eu chamasse o motorista que servia a minha família quando estava em Taubaté.

Rapidamente telefonei para o meu namorado que se passou pelo motorista do táxi. Fui com ele na frente. A Irmã Leônides e uma assistente atrás. O banco era inteiro naquela época e podíamos dar as mãos, sem que ela nos visse. Chegamos à chácara e ela foi resolver os problemas. Naturalmente fiquei namorando. Ela desconfiou porque estava demorando muito conversando com o motorista. Chamou-me e mandou que eu pagasse a corrida e liberasse o motorista do táxi. Foi de qualquer forma divertido. E nós três voltamos para o colégio a pé.

Tive outro namorado que estudava medicina e era apaixonado por mim. Queria casar, mas eu nem gostava muito dele. O bom mesmo eram os programas culturais que eu fazia com ele nos fins de semana e depois saímos para excelentes lugares para lanchar. Durou pouco, pois logo o namoro acabou.

Outro rapaz que namorei estudava no Seminário de Taubaté. Era bonito, muito educado, filho de uma família tradicional e tinha uma conversa muito interessante. Era muito bem informado, mas também eu não estava interessada nele. Findou rapidamente o namoro.

Aos poucos Maria vai-se lembrando das amigas do Colégio e de algumas de Pouso Alegre.

Eu não me esqueço de algumas colegas como a Carmem Fortes, a Déia e de uma amiga especial do Colégio Bom Conselho chamada Rita Vitória de Brito. Ela morava em Santos e ainda tenho notícias dela quando nos falamos por telefone.

Minhas amigas de Pouso Alegre eram as duas irmãs Toledo: Carminha e Maria. Eu também era muito amiga da Clarice do Tio Geraldo. Brincamos de boneca quando éramos criança e continuamos amigas para sempre.

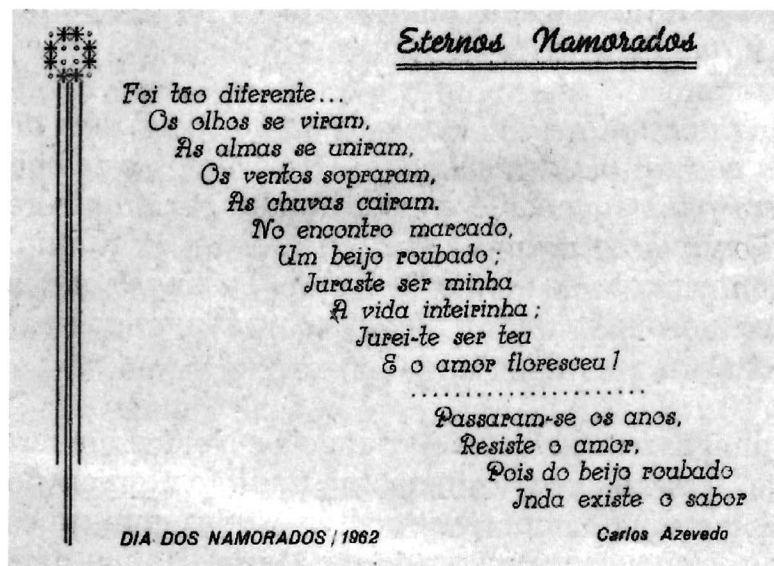
Outras três irmãs: Izete, Mariangela e Neide Lambert também foram minhas amigas. Quando havia baile, dormia na casa delas. Elas eram filhas do dentista Silvio Lambert. O irmão dele, Hélio Lambert, viria ser amigo do Carlos e colega da última turma de cadetes do Realengo.

Eram bastante divertidos os nossos fins de semana e também os dias de férias. Jogávamos e íamos aos saraus dos sábados. Passávamos o tempo procurando peças de teatro para encenar e encenávamos. Fazíamos até cenografia e montávamos os guarda-roupas para representar. Era muito bom! Nós também gostávamos muito de montar a cavalo. E sempre que ia com a vovó para as estações hidrominerais, eu alugava cavalo para passear com as amigas pelas cidades.

Neste ano de 38, Maria e as amigas irmãs: Izete, Mariangela e Neide Lambert resolveram ter aula de equitação e saltos com o instrutor Capitão Romeu do Regimento de Pouso Alegre. Elas iam todas impecavelmente vestidas com trajes para montar. O instrutor Capitão Romeu era namorado da Maria. Houve uma passagem marcante com este namorado e o Carlos.

Carlos estava doente com febre. Era 31 de dezembro. Eu estava com o meu namorado Romeu no Clube Literário, brincando no baile de reveillon. Eu sabia que Carlos queria namorar comigo. E eu também tinha uma escondida paixão por ele. Um amigo do Carlos estava no baile e nos viu dançando. Saiu rapidamente e foi até a casa do Carlos que era do lado do Clube Literário e informou que eu estava lá no salão, dançando e acompanhada do Capitão Romeu. Carlos levantou-se imediatamente da cama, com febre, arrumou-se e foi para o baile ao meu encontro. Foram tantos olhares e tantas vezes se aproximou de nós dois que eu resolvi deixar o Romeu sozinho e sem a sua “Julieta”! Decidi terminar o namoro ali na hora e comecei a namorar o Carlos. Aí deste dia em diante acabaram as aulas de equitação com o Capitão Romeu!

A partir de então, iniciei uma nova etapa da minha vida, uma fase amorosa com o Carlos, por quem fui muito apaixonada.



Relembra Maria dos versos do amado Carlos, referindo-se ao poema que vinte e quatro anos mais tarde fez, baseado nos primeiros instantes quando trocaram o primeiro beijo!

Talvez tenha sido neste momento que veio a inspiração de um poema que o Carlos me dedicou num dia dos namorados, em 1962, vinte e quatro anos depois.

Na noite do baile de *reveillon* no Clube Literário, Maria e Carlos fizeram mil juras de amor! Neste mesmo ano ela estava se preparando para estudar Filosofia e Pedagogia na Faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientiae”, na cidade de São Paulo. Sonhava em estudar cada vez mais, tornar-se independente e realizar seus projetos na área educacional. Seu sonho desde criança, o magistério!

1939 - No carnaval, Maria desfilava no Bloco Aristocrático. E se recorda que o padrinho do bloco era o Benedito de Souza.

Ele era casado com a Jandira Tosta. Eram os pais do Dr. Virgílio. Era ele quem patrocinava a compra de sacos de confetes e serpentinas, dos tecidos para as fantasias e todo o material que o bloco necessitava. Eu e Carlos saímos fantasiados neste bloco e o estandarte foi feito pela Dona Dinorah, mãe do Carlos e mais tarde minha sogra e amiga.

O outro bloco era o Sossega Leão e a madrinha era a tia Ana Beraldo Simões, esposa do tio Vicente Simões, irmão caçula do papai. A Ivete Ferreira, irmã da D. Virgínia casada com o Sr. Ananias, dono do Pouso Alegre Hotel, era também deste bloco. Havia muitas outras pessoas que agora eu não me recordo os seus nomes. Foi um tempo maravilhoso e bastante conhecido o carnaval em Pouso Alegre.

Este foi o primeiro carnaval que passei com o Carlos - como namorados.

Brincávamos também no Clube Literário. Vovó Sianinha ia para o baile de carnaval, reservava uma mesa de pista, na parte superior e lá de cima jogava confete e serpentina nos netos e netas, além de jogar lança perfume! Naquela época era permitido e o cheiro de lança perfume no ar refrescava o salão e era um cheiro característico dos ambientes carnavalescos. Uma delícia!

Das músicas de carnaval deste baile uma única que eu me lembro, foi um grande sucesso, cantada pela Dircinha Batista e que marcou meu namoro com o Carlos.

“Meu periquitinho verde tire a sorte, por favor. Eu quero resolver este caso de amor, pois se eu não caso, neste caso vou morrer”.

Ao findar as férias, Maria seguiu para Taubaté para concluir seus estudos no Colégio Bom Conselho. E o namorado Carlos foi para o Rio de Janeiro preparar-se para a Escola de Cadetes do Realengo. Continuaram a namorar por correspondência e através de encontros durante as férias.

Remexendo nos acervos, Maria encontra uma carta da mãe, que guarda com todo o carinho.

Em junho, a mamãe enviou-me uma carta na qual ela me dava notícias da fazenda e das minhas irmãs e junto, uma foto da obra que estava sendo realizada na Fazenda Santo Antônio. É a única carta, das demais que recebi da mamãe, que preservei e guardo como uma relíquia, por isso faço questão de divulgá-la.

Ao reler a carta, outros fatos vão sendo lembrados por Maria. Aconteciam no alpendre da fazenda as conversas sobre os políticos, amigos e inimigos e o julgamento era ali mesmo, na varanda, pois se elegiam os honestos e os políticos culturalmente desonestos.

Reuníamos no alpendre, após o almoço e após o jantar, para uma boa prosa. À noite o clima das conversas ficava mais interessante. Falava-se de literatura, dos escritores e dos poetas do momento.

Sempre elogiávamos o trabalho dos artistas, arquitetos e construtores, como os italianos Piffer e Antônio Rigotto que construíram as casas na

cidade de Pouso Alegre e muitas outras casas das cidades e das fazendas na região. Fizeram as obras na casa da Fazenda Santo Antônio, na Fazenda da Boa Esperança e na casa da vovó Mariquinha, onde funcionava o Hotel em Capivary.

Não me recordo quem foi o artista que pintou a paisagem da parede do alpendre da Fazenda Santo Antônio e as deslumbrantes barras decorativas de frutas e de flores das paredes das salas e dos quartos. Muitos de nós da família tivemos oportunidade de conhecer e apreciar a beleza artística desse trabalho.

Quando os amigos estavam por lá, na fazenda, fazíamos serenatas. E como era bom! A música estava presente na casa. Mamãe sabia tocar violino e ficava encantada com alguns amigos que vinham tocar violão e cantar canções folclóricas e românticas, para alegrar mais as noites de luar!

Falava-se de tudo e de todos das famílias na região de Santo Antônio do Itaim, dos vizinhos fazendeiros, dos agricultores, dos negócios realizados, dos porcos, do gado, da produção de leite e das plantações de café, de dores, de morte, de amores, de alegrias, casamentos e nascimentos, era muita conversa que se tinha! Igual hoje em dia. E principalmente sobre política.

Chegavam sempre hóspedes familiares e amigos. Lá a casa estava sempre muito movimentada, cheia de gente de todas as idades. Casa grande para acolher e sempre muita comida boa e variada. Quase tudo se plantava lá. Éramos todos muito felizes. Os visitantes saíam sempre encantados com a nossa alegria, com a beleza do lugar, com o conforto da casa, com o acolhimento de meus pais, com as refeições fartas e constantes, enfim, tenho ótimas recordações deste tempo que volta na minha mente como

se fosse hoje, e me sinto impregnada pelo cheiro das coisas daquele tempo.

Era um mundo rural fascinante e seguro. Repleto de momentos sociais e musicais inesquecíveis. Assim era a vida que eu vivia na casa de meus pais e tudo isto eu vivi durante o tempo das minhas férias, que era o único tempo que tinha para vê-los.

Mamãe adorava plantas e flores, principalmente rosas. Naquela obra da casa à qual ela se referiu na carta, papai estava contratando a construção de um jardim na entrada e nas laterais da casa da fazenda. Era o mês de setembro. Ele queria saber o formato dos canteiros. Ela desenhou e indicou os tipos de rosas que queria plantar. Cada canteiro era uma letra da frase:

SAUDADES BIBI

Dentre inúmeras espécies que ela cultivava, a que mais encantava a todos era uma rosa, na cor grená muito escuro, parecia um veludo e conhecida como “Príncipe Negro”. Mamãe ficava feliz quando os canteiros estavam todos floridos.

Concluí o curso ginasial no Colégio Bom Conselho. Como o ensino era de excelente qualidade pude ter uma boa formação escolar.

Neste mesmo ano, estava me preparando para estudar Filosofia e Pedagogia na faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientiae”. Sonhava com o saber, pois cedo aprendi que o conhecimento seria a minha maior riqueza.

1940 - Em 09 de janeiro, nasceu Nair, a última irmã de Maria. Em fevereiro, Maria fez exame de habilitação que corresponde hoje ao vestibular.

Foi bastante difícil. Passei no limite, raspando, com a média 57,0. Eu não havia estudado Lógica e a Matemática que eu estudei para o exame não foi suficiente para garantir o meu bom desempenho. Mas passei e não foi fácil! Fiquei realizada de poder cursar a faculdade dos meus sonhos!

Em março, já estava na Faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientiae” para orgulho meu e de toda a minha família. Mudei-me para a capital de São Paulo e fui morar no colégio e pensionato para moças, chamado “Des Oiseaux”.

Mais uma vez Maria sugere buscar na internet para saber se havia informações sobre a história de sua faculdade.

“É na Faculdade *Sedes Sapientiae* que se instala, no Brasil, o primeiro curso de Filosofia oficialmente reconhecido. Fundada pela Ordem das Cônegas de Santo Agostinho, inicia suas atividades em 15 de março de 1933, com aprovação federal concedida pelos decretos nº 1.668 e nº 15.496. Tem como mantenedora a entidade civil denominada *Associação Instrutora da Juventude Feminina*, e como respaldo religioso, por designação das autoridades eclesiásticas, a assistência dos padres jesuítas. A organizadora e primeira diretora da Faculdade foi Madre de Santo Ambrósio, depois sucedida por Madre Jeanne du Sacré Coeur, doutora em Filosofia pela Universidade de Louvain. E o padre jesuíta era o professor Dante, de filosofia. A Faculdade instala-se, inicialmente, à Rua Caio Prado, no prédio do antigo colégio conhecido por *Des Oiseaux*, e, posteriormente, à Rua Marquês de Paranaguá, nº 111 (hoje sede do Centro de Ciências Matemáticas, Físicas e Tecnológicas da PUC/SP).”

No dia 1º de abril, o namorado Carlos entra para a vida militar como Aspirante a Oficial da Escola Militar do Realengo, na Arma de Artilharia.

O Carlos era um rapaz muito bonito e muito educado! E de farda, parecia um artista de cinema. Eu sabia de algumas moças que tinham interesse nele. Mas o Carlos era bastante romântico e fiel, o que não o impedia de ficar cheio de si quando os elogios e as manifestações aconteciam. Eu não tinha ciúmes. Quero dizer, não tinha muito ciúme. Gostava dele e sabia que tínhamos uma relação de respeito. Na minha época, os cadetes faziam sucesso. Foi um tempo muito bom e bastante romântico.

Retomando ainda sobre os acontecimentos desse ano, Maria fala sobre a morte da mãe Bibi e a voz sai embargada de emoção. Os olhos ficam aquosos com lágrimas reprimidas. E relata:

O dia 31 de outubro foi o mais triste de toda a minha vida! Minha alma entristeceu para sempre! Nunca pude superar esta perda ao longo destes 86 anos. Eu sempre tive saudade da minha mãe.

Mamãe morreu na Fazenda Santo Antônio com apenas 40 anos e 4 meses. Deixou a filha caçula Nair com apenas 10 meses de idade! Mamãe sofria de reumatismo infeccioso, o que provocou uma cardiopatia. O problema foi se agravando. Por morar na área rural não pôde fazer exames periódicos e um tratamento mais adequado. Infelizmente o pior aconteceu. De repente, sentiu-se mal e não resistiu, faleceu.

Fiquei sabendo da sua morte assim: no dia 1º de novembro, dia de Todos os Santos. Por ser feriado eu havia decidido ficar em São Paulo para comemorar meu aniversário, no dia 2 de novembro, com umas amigas. Talvez com o Carlos, se pudesse vir do Rio para São Paulo. Então, resolvi ir sozinha ao Cinema Bandeirantes na sessão das 14 horas, mas não me lembro do nome do filme.

Eu sempre avisava na recepção do Pensionato Des Oiseaux o local para onde ia. Já dentro do cinema, no meio do filme, de repente as luzes se

acenderam e chamaram no microfone pelo meu nome. Levantei-me assustada e fui até a bilheteria. Ao sair, encontrei o motorista Datita que tinha ido me buscar para ir para a fazenda. Informou-me que minha mãe não estava bem e que o papai pedia que eu fosse para lá imediatamente. Passei no pensionato, avisei as irmãs e fui embora às pressas para a Fazenda Santo Antônio.

Lá da estrada, o carro nem tinha ainda se aproximado da casa e eu já tive uma visão inesquecível: percebi as luzes de velas e várias pessoas no interior da sala e no alpendre. Uma cena muito triste. Lá estava a minha mãe sem vida e todos nós nos despedindo dela.

Papai estava viúvo com apenas quarenta anos de idade! Sozinho, com sete filhas para cuidar, sendo a caçula Nair com apenas 10 meses!

O enterro aconteceu no dia 2 de novembro quando Maria completava 18 anos! Foi um ano de luto para todos os familiares.

1941 - Em 1º de fevereiro, o namorado Carlos estava servindo na Escola Militar do Realengo.

O nosso namoro continuava firme. Já planejávamos o noivado. Era um grande conforto afetivo saber que, ao perder minha mãe, a tristeza seria minimizada pela alegria do amor de Carlos, e eu o amava muito. Foi uma gostosa fase da minha juventude.

Neste ano fiz uma grande aventura com meu querido e saudoso Tio Lelé. Voei com ele pela primeira vez de “teco-teco” fazendo um vôo panorâmico sobre a cidade de Pouso Alegre. Uma experiência inesquecível! Era ele o meu maior incentivador para aprender a pilotar e seria a primeira mulher com brevê em Pouso Alegre. Papai não permitiu tamanha ousadia! Mas eu adoraria ter me tornado “pilota”!

Tio Lelé também era Rádio Amador e eu gostava de ir à casa dele e da Tia Geralda para ouvir as suas conversas com outros companheiros e junto com ele, eu ficava atenta às eventuais solicitações.

1942 - Zequinha Flávio estava viúvo há mais de um ano quando casou com a sua prima Sebastiana que também era viúva de Oswaldo Almeida Prado e com este já tinha dois filhos: Magaly e José Oswaldo, o Vado, como era conhecido. Estava-se formando a segunda família de Maria.

Com as segundas núpcias do papai e da Sebastiana, ganhamos dois irmãos. Agora éramos nove movimentando a casa e de todas as idades!

Também veio morar na fazenda com a nova família uma empregada maravilhosa e querida: a inesquecível Geralda, conhecida de todos como Dadá. Ela parecia com a Tia Nastácia, personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo. Estudou no Mobral e tinha o maior orgulho de saber ler e escrever depois de velha! Cozinhava deliciosamente. Do feijão da Dadá e do leitão assado eu me lembro muito bem, não havia nada igual. Que sabor! Que aroma! O apetite aumentava desde a porteira da fazenda! Que pena, não encontramos uma fotografia dela!

O assoalho da casa vivia brilhando. A Sebastiana era tão exigente que para saber se o piso estava com a intensidade de brilho que ela queria, ficava em pé nos cantos dos cômodos da casa para ver a sua sombra no assoalho refletida! Eu, na minha casa, fazia o mesmo!

Quantas lembranças saudosas daquele tempo! Quantos hábitos cultivados! Assim íamos imprimindo nossa cultura de boas donas de casa, preparando-nos para sermos boas administradoras dos nossos futuros lares.

Papai sempre tinha a casa cheia de amigos. Nos grandes almoços quem cuidava da carne era Nello Casallech. Era um italiano amigo e excelente

churrasqueiro. Era um artista na arte de pintar bordas de carrocerias. Era construtor de carrocerias de caminhão, de charretes e de carro de boi. Papai tinha vários carros de boi feitos por ele.

Nello preparava umas bistecas como ninguém. Algumas noites saiam em grupo para pegar rãs. Foi a primeira vez que comi rãs, e por sinal, saborosas. Ele mesmo as temperava e as assavam na brasa da forja dentro da oficina dele.

Todos os familiares mais velhos devem se lembrar dele e destes feitos, inclusive os sobrinhos, os netos e netas, pois a oficina do Nello era próxima da casa do papai, na Rua Comendador José Garcia. E as crianças da família perambulavam por lá para subirem nas carrocerias, nas charretes e nos carros de boi. São inúmeras as recordações que tenho do grande amigo Nello! Um dos melhores amigos do meu pai.

Ela aproveita e traça as características marcantes do seu pai. E sobre Zequinha Flávio, ela lembra que são bastante conhecidas as suas traquinagens. Ele tinha o mesmo temperamento do avô Tônico Flávio, brincalhão e engraçado, sério e respeitado, e que também adorava fazer molecagens. Algumas brincadeiras impubescíveis, mas conhecidas de muitos familiares e amigos da cidade.

Certa vez, durante um casamento na roça, enquanto os noivos estavam comemorando o enlace, seus cavalos estavam amarrados na cerca do curral, próximo ao local da festa. Os noivos eram muito tímidos.

Então, papai mandou o Trote - empregado mais velho da fazenda - colocar um rolo de papel higiênico preso, de um jeito tal, nos arreios dos cavalos para desenrolar no caminho, quando os noivos partissem. Igualzinho se faz na cidade, nos automóveis. Lá pelas tantas, no fim da festa, os noivos despediram-se e quando montaram nos cavalos e partiram, os rolos soltaram-se e foram deixando um rastro branco de papel na estrada, para

que todos soubessem que eles estavam recém-casados e indo para a lua de mel. O que deixara os tímidos noivos bastante envergonhados.

Outro caso, muito engraçado, aconteceu com o sobrinho do papai, o Waldomiro, filho da Tia Romana, irmã da minha mãe, Bibi. Ele foi visitar a nossa família na fazenda e queria caçar passarinhos. Papai não gostava de pássaro em gaiola e muito menos de alçapão. O Waldomiro foi próximo a casa e colocou uma arapuca na mata para pegar um Galo da Campina que tinha um lindo topete vermelho. Por ordem do papai, alguém foi lá, sorrrateiramente, e colocou um monte de coco de vaca com uma flor vermelha em cima, dentro da arapuca. Passado um tempo, ele avisou o Waldomiro que na arapuca já havia um pássaro de topete vermelho. O primo saiu correndo todo feliz e, quando chegou lá, viu a peça que o tio tinha pregado e ficou uma fera com ele!

Sá Júlia era lavadeira e tinha experiência de fazer partos na fazenda e era sempre chamada por todos para realizar partos em casa. Papai um dia chamou-a apressadamente para ir à casa do Jaime Urias, dizendo que uma mulher estava na casa dele em trabalho de parto e precisava de sua ajuda. O Jaime Urias era um grande amigo do papai e era muito barrigudo. Era o Jaime que estava deitado com um pano sobre o rosto e a barriga, com as pernas dobradas e abertas, também cobertas. Sá Júlia tentou puxar conversa com a “mulher” que só gemia e não respondia nada do que lhe era perguntado. Então foi logo colocando a mão entre as pernas cobertas para fazer o toque. Foi quando, de repente, encontrou algo bastante diferente! Ela se assustou e viu logo que era mais uma das dezenas de brincadeiras que o papai havia lhe aprontado. Saiu às pressas, morrendo de vergonha, além da raiva que ficou do compadre.

Zé Coutinho era outro grande amigo do papai. Sempre ele ia à fazenda para comprar gado. A Sebastiana era muito chique e tinha muitas camisolas de seda guardadas num baú que ficava num quarto, tipo um “closet”. Como

ficou muito tarde e o Zé Coutinho não estava preparado para pernoitar, aceitou o convite feito pelo papai e resolveu dormir na fazenda. Pediu para o amigo, um pijama emprestado. Papai apanhou no baú uma camisola linda e longa de seda da Sebastiana e deixou embaixo do travesseiro, no quarto de hóspede, onde ele ia dormir. Voltou e avisou o Zé Coutinho que estava lá na cama dele o pijama que ele pediu. Aí depois de muita prosa no alpendre, o Zé sentiu-se cansado e levantou-se para se recolher. Despediu-se dos presentes e foi para o seu quarto. Ao verificar que o papai havia deixado uma camisola linda para vestir, não teve dúvida, vestiu a camisola comprida de seda e saiu desfilando e rebolando pela sala até o alpendre juntando-se aos demais. Foi aquela gargalhada! E a Sebastiana, não achou a menor graça e ainda ficou furiosa com o papai!

Em dezembro, Maria recebeu seu diploma de Pedagogia e Filosofia.

A sua formatura realizou-se em São Paulo e sua madrinha foi sua prima Balbina de Almeida Carvalho, a Sinhazinha, esposa de José Ribeiro de Carvalho, autor do livro sobre a Genealogia da Família Ribeiro. Livro valiosíssimo pelo trabalho realizado de pesquisa e registro dos nomes dos familiares da família Ribeiro e também da família Simões, bem como dos respectivos costados.

Maria retorna para Pouso Alegre e faz uma pausa nos estudos depois de formada. Continuou morando na casa da avó Sianinha. E sonhava com a antiga promessa do Carlos de um dia casar-se com ela.

Era uma nova etapa feliz em sua vida. Sua avó Sianinha e sua tia Zeca planejavam uma temporada na fazenda para fazer as peças do seu enxoval de cama e mesa e bordá-las.

Lembro-me com carinho da costureira Lázara, responsável pelas minhas vestimentas deslumbrantes e as roupas de cama de linho, bordadas como se fossem pinturas!

Após o falecimento da mamãe, a vovó e a Tia Zeca ficaram muito mais carinhosas comigo. Afinal, passei muitos anos morando fora, em São Paulo, longe do convívio familiar, ainda que estivéssemos sempre juntas durante as minhas férias. Mas sentiam bastante a minha falta, pois eu era delas a grande amiga e companheira.

Eu passei um bom tempo com a Sebastiana na Fazenda Santo Antônio fazendo o meu enxoval. Foi um tempo ótimo e divertido.

Vovó Sianinha era a minha defensora. Defendia-me das provocações que sua filha Dita, minha tia, me fazia. Tia Dita era uma das filhas solteiras da vovó Sianinha e havia estudado num convento preparando-se para ser freira. Até que ficou doente com tuberculose. Voltou para casa da mãe para se tratar e não desejou mais seguir a vida de religiosa. Tia Dita era boa, mas gostava de controlar tudo e sabia da vida de todos.

Recorda Maria, com sorrisos nos lábios, de uma passagem com esta sua tia.

Quando chegava mais tarde, à noite, vindo de alguma festa do Clube Literário de Pouso Alegre ou de qualquer outra festa ou mesmo de um evento religioso, eu entrava em casa silenciosamente para não acordar as pessoas. Mas como de costume, a tia Dita ocupava-se de controlar a minha vida. Ao escutar o barulho da porta se abrir, gritava bem alto, lá do quarto dela, que era ao lado do meu, para que todos ouvissem: “Chegou o homem da casa”, e dizia com ar de reprovação! Imediatamente, fosse da sala, se a vovó ainda não estivesse dormindo, ou do quarto dela, vovó Sianinha saía em minha defesa e energicamente dizia para a filha: “Vai dormir, velha solteirona, e deixa de bisbilhotar a vida alheia”.

Vovó Sianinha era culta, bem informada e politizada. Sempre acompanhava a política local, nacional e até mesmo algumas do mundo. Sabia de tudo o

que acontecia. Era muito Inteligente. Ela era o próprio livro de história. O que estudávamos como fato ocorrido no passado, ela havia vivenciado. Princesa Isabel parecia íntima dela, pois quando a vovó contava-nos como foi o processo da libertação dos escravos na região, parecia-nos que ela era a própria coadjuvante deste episódio histórico no Brasil.

Vovó adorava ler a Coleção M. Delly, romances para moças, escritos por um homem no início dos anos 40. O M. era interpretado pelas mulheres como Madame Delly. Susana, casada com o Deputado Simões de Almeida, irmã da Sebastiana, segunda esposa do papai, quando acabava de ler os livros, mandava a coleção para a vovó ler. Eu lia todos os livros e assim é que tomei gosto pela leitura. Papai também lia muito.

Com o advento da televisão, vovó viciou-se em assistir novelas. Memorizava tudo e contava para quem tinha perdido o capítulo, todos os detalhes. Vovó lembrava, com toda lucidez, de muitos fatos ocorridos em sua longa vida e adorava contar para nós, as suas histórias.

Carlos, quando ia me visitar na fazenda, gostava de me fotografar. Sentia-me o máximo! Eu adorava preparar meu cabelo com penteados diferentes: um para a manhã, outro para a parte da tarde e outro penteado para a noite. E os vestidos acompanhavam estas fantasias que na verdade eram reais, apenas influenciadas pelos filmes românticos que assistíamos e um pouco de muita criatividade e imaginação!

A mãe do Carlos e a minha futura sogra, Dona Dinorah, também ia comigo para a fazenda. Lá, fazíamos muitos bordados, arranjos florais e muitas reuniões familiares. Como sempre, registrávamos fotograficamente todos os nossos momentos. Eu tenho muitas fotos com a Dona Dinorah e nós nos relacionávamos muito bem. Éramos amigas e atenciosas uma com a outra.

Uma ocasião, Sebastiana e eu fomos para São Paulo. Viajamos para comprar peças de cama e mesa para o enxoval de nós duas e fui me tornando sua amiga, pois de madrastra ela não tinha nada. Queria um bem enorme a Sebastiana. Ela era dedicadíssima às minhas irmãs. E praticamente foi ela quem criou a Neusa e a Nair, que eram as filhas mais novinhas do papai, quando ficou viúvo.

1943 - No dia 21 de setembro, nasceu Sebastião José. O primeiro filho de Zequinha Flávio com a Sebastiana e irmão paterno de Maria.

Maria relata que ia constantemente à fazenda para bordar monogramas nas peças de cama e banho do seu lindo enxoval. Aproveitava também o seu tempo disponível viajando para fazer estação de água pelas cidades hidrominerais mineiras com a avó Sianinha e as tias, seu programa de férias habitual.

Em alguns momentos, interrompia meus afazeres na fazenda e deixava a Sebastiana e a costureira produzindo meu enxoval. Ia passear com a vovó Sianinha e minhas tias. O programa era fazer estação de água nas cidades de São Lourenço, Caxambu e Cambuquira. Vovó já estava com setenta anos e com muita juventude. Era minha eterna amiga. Jogávamos sempre nos cassinos. Uma roupa combinando com penteados diferentes, pois tanto ela como eu, éramos vaidosas. Sempre estávamos muito bem vestidas e bem penteadas. Era um tempo de glamour, bastante maravilhoso e sentia-me bastante feliz!

1944 - Carlos havia sido transferido da Escola Militar do Realengo no dia 17 de janeiro. No dia 28 de fevereiro, ele se apresentou no 6º Regimento de Artilharia Montada, Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, onde permaneceu ocupando as funções de instrutor do Curso de Esclarecedores, Observadores e Telemetristas até se alistar na Força Expedicionária Brasileira.

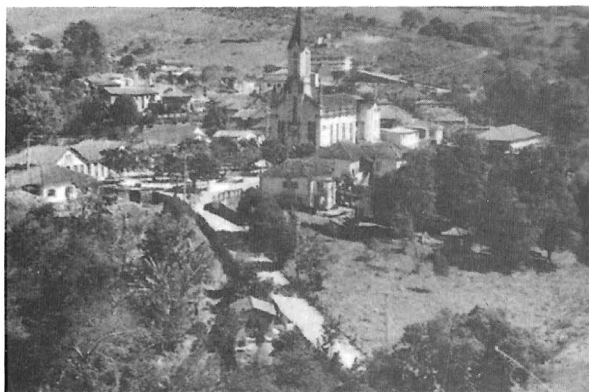
No dia 14 de setembro, nasceu Benedito Fernando, o segundo filho de Sebastiana com Zequinha Flávio, o segundo irmão paterno de Maria.

No dia 31 de dezembro, foi oficializado o noivado de Carlos e Maria quando estavam comemorando seis anos de namoro.

Éramos felizes e nos amávamos. Divertíamos muito. Carlos tinha um temperamento alegre e brincalhão. Era um exímio dançarino e eu adorava dançar com ele. Éramos apreciados por muitas pessoas nos bailes onde dançávamos. E era muito fotografada. As fotos comprovam que formávamos um bonito casal!

Recebia inúmeras poesias do Carlos, em diferentes ocasiões e não precisava ser uma data com significado, não. As cartas, muitas vezes, eram poesias. Fui uma namorada e uma noiva embalada por lindos poemas e amorosas dedicatórias!

Meus passos em fotos
1922 a 1944



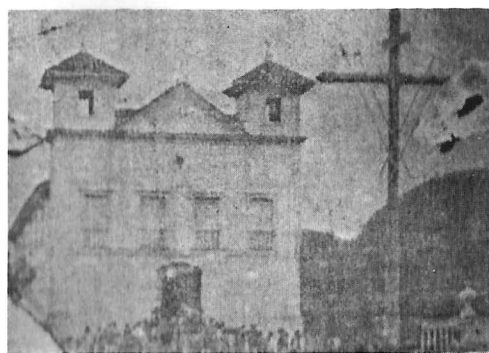
Cidade de Consolação, antiga Capivary, Minas Gerais



Maria aos três meses



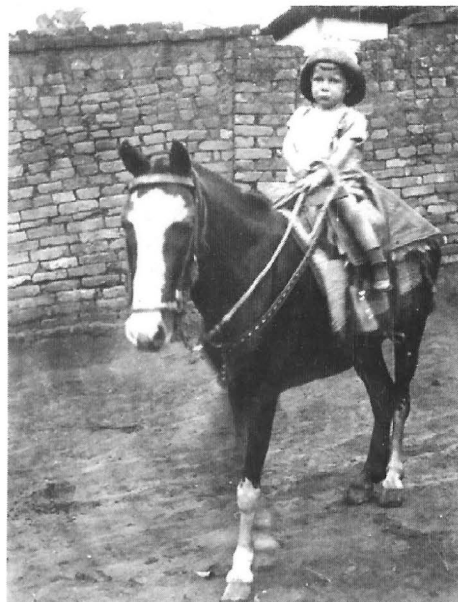
Residência e Hotel D. Mariquinha onde Maria nasceu.



Capela Nossa Senhora da Consolação, onde Maria foi batizada.



Fazenda Santo Antônio, residência de Maria



*Maria em sua primeira montaria
no velho cavalo Pachola*



*Maria José, a Zeca, Tia de Maria e
sua primeira professora*



*Fazenda da Boa Esperança, residência de Tônico
Flávio e Anna Cândida, avós de Maria*



Anna Cândida de Carvalho Simões, avó materna de Maria



Antonio Ribeiro Simões, avô paterno de Maria



*Dinorah Mendel Gay Azevedo,
esposa de Antônio Alves
Azevedo. Sogra de Maria*



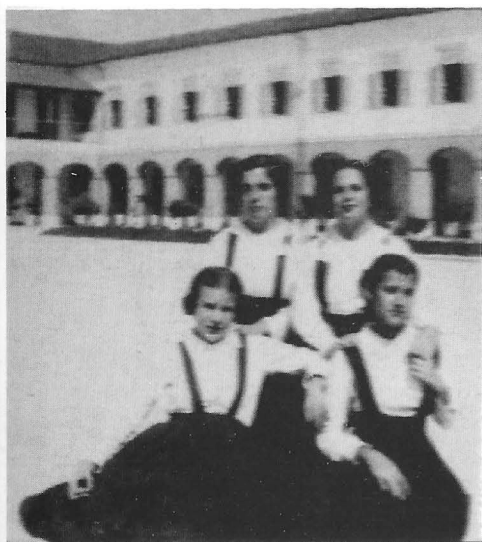
*Antônio Alves Azevedo, sogro
de Maria.*



Residência de Antônio Alves Azevedo e o CLUBE LITERÁRIO - Pouso Alegre .MG -1925



Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho - Taubaté. - SP



Maria, sentada à esquerda, com amigas do Colégio Bom Conselho - 1935



Entrada da Capela do Colégio Bom Conselho "A grade das caixas de bombons para Maria..."



*Bibi, mãe de Maria, em sua última foto -
setembro de 1940*



*Formatura de Maria Aparecida no Colégio
Bom Conselho - 1939*



*Maria foi a porta-estandarte do Bloco Aristocrático.
Carnaval de 1939, em Pouso Alegre - MG*



*Carlos, o namorado de Maria, com amigos do Bloco
Aristocrático, 1939*

Fazenda S. Antonio, 6-5-939

Bia filha Maria

Recebeu tuas cartinhas, ficamos
satisfeitos com as optimas noticias.
Não te escrevi ha mais dias, devi-
do as muitas occupações. Ha qua-
ze dias que estamos na tubha.
Nossa casa está toda em con-
strução. Nas feiras de Junho co-
onstruira's grandes novidades.
Em Junho não poderei ir confort-
me. Tivemos combinado. O Sr.
Ogito me disse que só poderei
entrar na casa em Julho. Não
imagas as grandes modificações
que fizemos. Maria já nós
terceiram duas missivas. Theresia
está muito acostumada. Na
Semana Santa ellas sabiam
um dia em casa da tia
Vóvo Seaniuba. O casamento

Para realisa-se hoje e o do
Geraldo no dia 31 deste.
Liga a Maria que a Boma
já está muito forte, nunca
estive tão gorda com agora.
Meusa Maria já está andando
e falando tudo. Meuca já
está com outra menina.
Dia 13 haverá haverá em ba-
firary uma festa da An-
tonio irruão da comadre An-
tia. Tem ainda está em
campos. Não repara a letra
porque escrevi em cima de
uma cadeira. Teus namorados
enviam te muitos beijos.

Acceita a beijam.

Na Mãe amorosa

Bibi



Ampliação da casa da Fazenda Santo Antônio.
Foto enviada para a Maria na última carta de sua
mãe. Maio de 1939



Maria, com violão e amigos, num encontro musical na fazenda



Maria com a avó Aninha e suas tias, em Caxambu - MG



Maria e uma amiga passeando em São Lourenço-MG



"Toninho", filho único de Zequinha e Bibi, irmão de Maria, falecido aos dez anos



Maria (segunda da esquerda para a direita) e amigas da Faculdade Sedes Sapientiae - São Paulo, 1940



Formatura de Maria em Filosofia e Pedagogia. Era a mais alta da turma. 1942



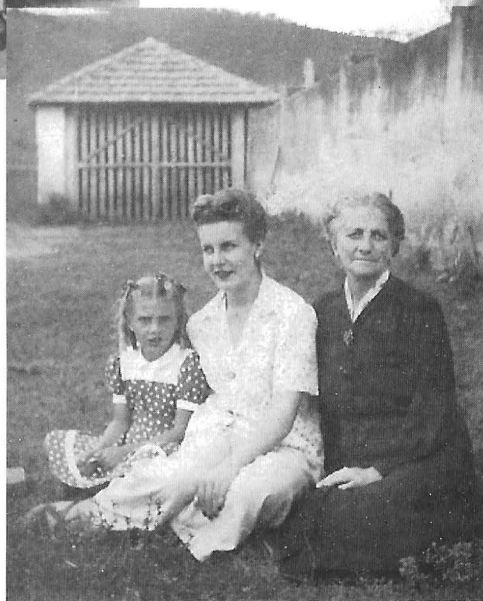
Carlos e Maria, enamorados! 1941



*Segundas núpcias de
Zequinha e Sebastiana*



*Maria e Sebastiana fazendo
compras para o enxoval das
duas*



*A irmã Neusa, Maria e Dona
Dinorah, a futura sogra, na
Fazenda Santo Antônio - 1943*



Noivado de Carlos e Maria - 1944



*Carlos, distante da noivinha, com um amigo, em Pízza
- Itália - 1945*



A noiva Maria, distante do noivo - 1945

"Moldando uma vida para a felicidade de duas"...

I

A mim será o título de minhas confissões. Tu, delas arranca
um bombardeio.

II

Fui meu amplexo que ardeu e me fez
dada vida.

III

Tuas que eu sei: humilde e coisinha.
Nada deu ao alívio do que me unido o que
Aquelles, gosto o meu! Não sei o que é...
Porque eu sei que o fogo e a mulher

Entre eu e tu, sei eu quem sou o tempo
o caminho e o vazio a seguir o dia.
Pois tua mão me uniu... O teu corpo me uniu
e que te importa antes, o que virá depois?

Gosto tanto quando te vejo e deixo, o perfume
como deves fazer qualquer coisa... Eu te sei
Então te apóio mais eu sei e me sinto junto
Se entre os meus nos uniu os meus todos o teu destino

Cruz Alta 27.03.1944

Fico-te bem como as de quem se sente preso
E amo o olhar de quem pede avelha e proteção
Que os olhos desta tua confiança se protegem
O orgulho de ser forte para dar-te a mão!

Entre eu e tu - sou eu quem sei o quem me ajuda
Entre eu e tu - sou eu quem resolvo o tempo
O caminho por onde vamos caminhando
Olhar alívio de vida... Alívio alívio de apago!

E que te importa entre o que surgir deante?
E que te importa entre o que se seguir assim?
Entre eu e tu - sou eu quem te deixo confiante
Entre eu e tu - És tu que te apoias em mim.

Minha querida vizinha,

Logo os meus olhos veem, tem um de-
ver a cumprir! Si eles encontrarem um tempo
frit, tenho sempre alcançado o objetivo que
eles ordenam. Cumpres, querida, o que tens
permeado no caminho da felicidade!

Tudo teu,

Paulo

10/11/27-3-44

Cruz Alta 27.03.1944



*Dia do Baile beneficente
para os Pracinhas da
FEB.1945*

1945 - O cenário era o da Segunda Guerra Mundial.

Carlos, no dia 6 de fevereiro, seguiu para a Itália pela Força Expedicionária Brasileira, deixando no Brasil a sua querida noivinha.

Mesmo distante, Carlos sempre arranjava um jeito de comunicar-se comigo. Enviava inúmeros cartões postais de muitas cidades por onde ele passava, com lindos dizeres e sempre apaixonado. Nunca falava sobre a guerra. Só falava de paz e amor! Colecionei muitas fotos dele com João Fagundes de Pouso Alegre e do Herculano Virmond de Cruz Alta. Carlos considerava os dois como seus irmãos.

Foi organizado um baile no Clube Literário para arrecadar fundos com objetivo de comprar roupas de lã para os pracinhas de Pouso Alegre.

Fizemos um grupo enorme de amigos e amigas. Todas muito bem vestidas para colaborar com a ação filantrópica em prol dos nossos entes queridos.

Em 19 de setembro, Carlos retornou ao Brasil. É o início de uma nova vida, pois dois meses mais tarde, depois do seu retorno, no dia 25 de novembro, ocorreu o grande acontecimento na cidade de Pouso Alegre: o casamento de Carlos Azevedo e Maria Aparecida Simões, que ao adotar o sobrenome de casada, passou a se chamar **Maria Aparecida Simões Azevedo**.

Foi uma cerimônia inesquecível na cidade de Pouso Alegre pela elegância e beleza dos noivos e pela decoração da Catedral do Senhor Bom Jesus de Pouso Alegre. Os cadetes, amigos do Carlos, permaneceram perfilados nos dois lados interiores à entrada da Catedral. Com bonitas luvas brancas, empunhavam suas espadas cruzando-as ao alto, formando um bonito arco metálico, por onde a noiva entrou, seguindo em direção ao altar, num clima musical emocionante, ao som de

um delicado e vibrante órgão e o coral da Catedral interpretando a clássica Ave Maria de Gounod. Relata Maria emocionada, dizendo que apesar da grande chuva que caiu durante o evento, e a falta de energia na hora da cerimônia do casamento, foi um momento inesquecível e apoteótico!

Na memória de muitos convidados ficou gravada a cerimônia do meu casamento que nem a chuva caída na hora foi capaz de impedir que muitas pessoas da cidade se aglomerassem diante da Catedral para assistir àquele acontecimento. E mais, o fornecimento de energia na cidade havia sido interrompido. Casamos à luz de velas! E as fotografias não ficaram com a luminosidade necessária. Mas tudo era romântico demais!

Após o casamento, os nubentes foram para São Lourenço e passaram a lua de mel no Hotel Sul América. Depois, seguiram para a fazenda e Maria complementa:

Inúmeras fotos minhas foram feitas pelo Carlos por vários recantos do Parque de São Lourenço e da Fazenda Santo Antônio e estão registradas nos vários álbuns da família. Infelizmente, muitas fotos do nosso casamento perderam-se.

Algumas poucas fotos de nós dois juntos na nossa lua de mel estão preservadas.

Enfim, sós! Agora casados vão iniciar suas novas e próprias vidas.

Como todos sabem, os militares vivem em função de transferências para diferentes regiões. Decorrente deste fato e também pelas mudanças habituais, inerentes ao jeito de ser da Maria, que adora mudar de um canto para outro, será possível e interessante quantificar as dezenas de mudanças realizadas após o casamento, considerando as seis mudanças anteriores desde quando era neném até ficar noiva.

A minha **primeira mudança** foi com três meses de idade, da casa da vovó Mariquinha, em Capivary, atual Consolação, para a Fazenda Santo Antônio. A **segunda** foi da casa de meus pais para a Fazenda da Boa Esperança da vovó Sianinha. A **terceira**, através de um **carro de boi** quando fui morar em Pouso Alegre com a Tia Zeca. A **quarta** mudança quando fui estudar em Taubaté, no internato do Colégio Bom Conselho. A **quinta**, para São Paulo cursar a faculdade. E a **sexta** mudança ocorreu com o meu retorno para Pouso Alegre para planejar o meu casamento.

Maria é especialista em dizer uma expressão criada por ela: “Pra quem fica, tchau”. Esta frase é usada para fazer jus ao seu direito constitucional de cidadã brasileira, de ir e vir, além de conotar a sua autonomia e independência quando o assunto é viajar ou realizar uma rápida mudança. Ela sublinha uma característica flexível de sua personalidade e até parece que uma canção tradicional italiana, “La donna è mobile”, foi composta em sua homenagem!

A **sétima mudança** ocorreu quando fomos para o Rio de Janeiro. Moramos provisoriamente numa pensão no bairro de Santa Tereza. Mas não demoramos muito neste endereço. E ocorreu a **oitava mudança**. Fomos morar na casa de Marechal Hermes, e aí nesta casa fiz os exames e constatei que estava grávida.

Nem bem havia concluído a arrumação da casa nova, fizemos a **nona mudança**, para a casa da Vila Militar, em frente ao Regimento Floriano.

Em nove meses de casada, três mudanças!

1946 - Em 19 de agosto nasceu Antônio Carlos, no Hospital Militar no Rio de Janeiro. O primeiro filho de Carlos e Maria.

A alegria do primeiro filho é uma experiência ímpar. O Carlos logo fez uma poesia para ele, que está no álbum de criança. Ele era lindo. Para

onde eu ia, chamava atenção sua beleza. Realmente eu me sentia orgulhosa da beleza do meu filho.

O batizado do Antônio Carlos, por ser o primeiro neto do papai, foi realizado na Fazenda Santo Antônio. Foi uma festa e tanto! O padrinho foi o General Tavares e a madrinha D. Irene, e o Cônego Sebastião Carvalho, primo da vovó Sianinha, foi quem realizou o batismo. A Sebastiana improvisou um lindo altar com uma toalha branca belíssima, com vasos de flores, tudo feito com muito amor e beleza. E o churrasco foi inesquecível!

*Depois do nascimento do Antônio Carlos, logo em seguida, o Carlos foi transferido para Minas Gerais para servir no Regimento de Obuses na Guarnição de Juiz de Fora e a casa ficava na Rua Vieira Pena 55. Era uma casa muito agradável e foi a minha **décima mudança**. Fiquei logo grávida do segundo filho.*

1947 - Em 25 de novembro nasceu Paulo César, em Juiz de Fora, Minas Gerais.

O Paulo César também foi um neném lindo. O médico foi o Dr. Botafogo. Paulo César foi batizado na Igreja do Hospital, tendo como padrinho Pedro Trompowsky Taulois, pai do Pedro Taulois. A madrinha foi a Emília, irmã do Carlos e minha querida amiga e cunhada.

Todos me perguntavam sobre a origem dos apelidos dos dois. Quem colocou o apelido de Cacá foi o Paulo César que não sabia pronunciar o nome do Antônio Carlos. E o Cacá só chamava o Paulo César de Susa.

1948 - Nasceu em 05 de fevereiro, Celso Flávio. É o terceiro filho de Sebastiana e Zequinha Flávio, irmão paterno de Maria.

Neste ano, ocorre uma nova transferência do Carlos. Desta vez, já era a **décima primeira mudança**, indo morar na Fábrica de Armas de Itajubá.

Fomos morar numa ótima casa na Vila Nova nº 5 que ficava na esquina ao lado da casa do Cel. Sampaio, marido da Zuleika, mãe da Márcia, da Dolores, do Edgar e do Serginho. E o vizinho era o Cel. Portugal, marido da Sayuri Fukuara, mãe do Jorge e do Paulinho. Eram nossos amigos.

Passado um tempo, descobri que estava grávida novamente.

1949 - Em 21 de abril, dia de Tiradentes, símbolo da liberdade, nasceu Vera Lúcia na Maternidade Dr. Lisboa, em Itajubá, que em Tupy-guarany significa “pedra amarela”.

Esta gravidez foi bastante atípica. Próximo ao quarto mês de gravidez tive um problema caracterizado como um aborto. Quando chegou o sexto mês, a barriga continuou crescendo. Tratava-se de gêmeas. E assim continuou a gravidez até o nono mês. E nasceu a nossa única filha.

O médico que fez o meu parto foi o Dr. Sebastião Renó e a Assistente foi a Irmã Maria do Carmo. O batizado foi na Catedral de Pouso Alegre, realizado pelo Monsenhor Furtado de Mendonça, vigário geral. O padrinho foi meu pai José Ribeiro Simões e a madrinha foi sua irmã Maria José, a Tia Zeca. A madrinha de touca, naquela época tinha esta madrinha, foi a minha irmã Tereza. Para todos os familiares foi oferecido um maravilhoso almoço na residência do padrinho, o avô materno. E a Vera Lúcia foi a sua primeira neta.

Fizemos um álbum lindo para a nossa primeira filha, mas de tanto mudarmos, o álbum desapareceu! Aí, ficou a lenda entre os filhos que o primeiro tem um álbum completo de todos os momentos. O segundo filho

tem um álbum normal de alguns momentos e o terceiro não tem álbum, tem poucas fotos avulsas e perdidas em baús e caixinhas de fotografias. Não é querer justificar, mas todos os três tiveram seus registros infantis em álbuns bonitos e bem organizados! É pena que o da Vera sumiu numa destas inúmeras mudanças.

Na hora em que a Vera estava nascendo, e nasceu sentada, o Dr. Sebastião percebeu que era uma menina. Como o parto foi demorado, o Carlos foi avisado e imediatamente, sob inspiração poética, fez um soneto enquanto ela vinha ao mundo. E foi este o seu primeiro presente.

*“Para a minha filha, na hora do seu nascimento
Carlos Azevedo*

*Nasceste amada e querida filha.
E tudo que disser nesta poesia
Nos corações de teus pais hão de morar
O amor, o orgulho e a alegria.*

*Elevada, tu viverás em nosso lar
E quando os ares de moça a ti sorrir,
Rainha havemos de chamar-te sempre,
Oh! Que ventura que chegue esse porvir.*

*De José, tragas a tenacidade.
De Dinorah, o valor e a bondade.
De tua mãe, o amor e a companheira.*

*Por religião, amarás a Santa Cruz
Sendo VERA, tu serás a VERDADEIRA
Sendo LÚCIA, tu serás a nossa LUZ”*

Em 28 de setembro, nasceu Antônio Marcos, quarto e último filho de Zequinha Flávio e Sebastiana, irmão paterno de Maria.

*Mudamos mais uma vez, a **décima segunda mudança!** Da casa da Vila Nova para uma casa da Chácara. Vera era pequenina, tinha poucos meses.*

Nesta casa da chácara, tenho duas lembranças sofridas. Uma, foi quando a empregada colocou o Paulo Cesar num velocípede para andar sobre uma mesa bem comprida de concreto, de uns seis metros de comprimento. Ele foi pedalando até que a mesa acabou e ele bateu a cabeça de frente no banco, também de concreto. O descuido acarretou numa lesão em uma das retinas de seus olhos, perdendo parcialmente a visão.

1950 - A outra triste lembrança foi a morte de Maria Augusta Carneiro, a sua avó materna Mariquinha, a proprietária do Hotel em Capivary”.

Já bem idosa, chegou um dia de surpresa, de charrete, dizendo que tinha escolhido a minha casa e que ia ficar morando comigo. Era uma folia a bisavó brincando com os meninos e a Vera era bem novinha. Era muito divertido estar com ela. Todos os dias eles iam para o quarto dela acordá-la e chamá-la para brincar.

Passou-se um bom período de tempo, num dia pela manhã, lembro-me perfeitamente. Era 23 de janeiro de 1950, como de costume, o Antônio Carlos e o Paulo César tinham entrado no quarto dela para acordá-la. Como estavam demorando a sair do quarto, resolvi ver o que estava acontecendo. Quando abri a porta, os dois bisnetos estavam montados em cima dela, chacoalhando o seu corpo e pediam para ela acordar. Um dos braços estava caído fora da cama e percebi que ela estava morta!

Foi, depois de outubro de 1940, o outro dia mais triste da minha vida! Perdi a minha avó que eu tanto amei!

Mas a cidade onde nasceu e viveu fez uma justa homenagem para ela. Ficou eternizada em Capivari, hoje Consolação, por ser a patrona da praça pública do jardim do coreto, onde existia a Capela da Nossa Senhora da Consolação, a qual foi edificada pelos meus antepassados, onde meus pais se casaram e eu me batizei, e mais tarde demolida. Mas hoje, com muito orgulho, é a Praça Maria Augusta Carneiro, a minha adorada avó materna, Dona Mariquinha.

Em 08 de fevereiro, Carlos é transferido da Fábrica de Itajubá para o Rio de Janeiro para cursar Engenharia no Instituto Militar de Engenharia – IME, na Praia Vermelha.

1953 - Em 16 de dezembro, Carlos forma-se em Engenharia pelo Instituto Militar de Engenharia, na Praia Vermelha.

Tem um episódio peculiar desta época. O Carlos havia sido o 1º colocado da turma de Engenharia. Aí, um oficial, que não quero citar o nome, inconformado com o segundo lugar, pediu revisão de prova e conseguiu uma “marmelada” de um décimo do professor. Então o Carlos foi recolocado para o segundo lugar. No dia da entrega do Diploma, para o primeiro colocado, não houve nenhuma manifestação extraordinária por parte dos colegas. Quando chamaram o Carlos, ele foi ovacionado. Todos ficaram em pé. Este fato foi divulgado e comentado durante muito tempo no IME. Carlos ficou feliz pelo reconhecimento do seu mérito pela maioria de seus colegas.

Depois de formado, lecionou Ótica e também desenvolveu o Projeto do Morteiro 120 mm, na Barra de Sepetiba, lá na Marambaia. O Carlos já se encontrava no Rio e ainda não estava pronto o nosso

apartamento da Urca. Nós quatro fomos aguardar este período morando uma temporada numa casa na Rua São José, na cidade de Pouso Alegre. Completei a minha **décima terceira mudança!**

Como a construção do edifício continuava atrasada e, portanto, fora do prazo de entrega, decidi sair de Pouso Alegre com os três filhos pequenos, ir para o Rio de Janeiro, enfrentar o problema e administrá-lo de perto, e fui para Urca morar um tempo na Pensão de D. Neném. A **décima quarta mudança!**

Assim que o apartamento 102 da Rua Cândido Gaffrée 178, na Urca, ficou pronto, mudamos para lá, completando assim a **décima quinta mudança!**

Na Urca moravam vários artistas por causa do Cassino. Era um bairro lindo bastante residencial. Nelson Gonçalves, a voz mais linda do Brasil, era o nosso vizinho do apartamento 101. Dona Elvira, a esposa dele, mãe da Marilene e do Nelsinho (uma voz lindíssima também), era minha grande amiga.

No nosso prédio, também moravam a Donana, o Dr. César Chaves, a D. Diva e o Sr. Oscarito (apelido carinhoso devido à semelhança física com o famoso artista), pais da Márcia e do Royce. Mais tarde, tivemos outros vizinhos: a Dona Irene e o General Tavares, nossos padrinhos de casamento. Era uma família grande de amigos e de muitos filhos! Aparecida, minha prima, as filhas Ana Isa e Maria Helena e o esposo Nelson, também moravam pertinho de mim e sempre estávamos nos visitando. Era um tempo maravilhoso de se viver! A Urca era realmente um bairro muito especial.

Como sempre gostei de pescar, com frequência, ficávamos no paredão da orla da Urca vendo os pescadores e os catadores de mexilhões com suas latas no fogo cozinhando com a água do mar, que ainda não era poluída.

Outras tardes, quando o sol estava caindo, nós íamos para a praia do Forte de São João. Era uma praia calma e apropriada para crianças nadarem e para pescar siri com puçá. Era uma gostosa diversão. Todos ficavam esperando ver o siri, e quando encontravam um, as crianças apontavam para que eu pudesse aprisioná-lo. O melhor vinha depois. Fazia deliciosas casquinhas de siri, que todos os familiares recordam-se e elogiam com água na boca!

Todos os meus filhos iniciaram os estudos na Escola Pública Mem de Sá, localizada dentro do Forte São João, ao lado de casa. As crianças iam a pé. Havia total segurança. E o ensino público era de excelente qualidade.

Nesta época, eu aceitava encomenda de doces e de bolos de aniversários para aumentar nossa renda. E nas horas vagas, ainda fazia bijuterias. Enquanto meus filhos eram pequenos, não trabalhei fora. Ficava em casa cuidando da educação dos três. Mas, confesso que não via a hora de poder trabalhar profissionalmente no magistério, que era o que me realizaria.

1957 - Carlos é transferido novamente do Rio de Janeiro para a Fábrica de Itajubá. É a **décima sexta mudança!**

Fomos morar na casa da Vila Nova em frente à casa do Capitão Lopes e da Lucila Lopes. Lucila foi e ainda é uma mulher lindíssima e uma grande modista e estilista no Rio, que fez, naquela época, lindos vestidos para mim. Ao lado da nossa casa, morava o Dr. Cândido, dentista, e a sua esposa Zilca. Os filhos deles eram amigos dos meus filhos. Em frente morava a Margarida Domingues, que dava aula de culinária e também de ornamentação de bolos. Na nossa rua havia muitas mulheres prendadas. E sempre nos uníamos para fazer as festas de Natal da Fábrica, as quermesses e as festas juninas do Pacatito. Os desfiles de moda e banhos à fantasia na piscina do clube eram um sucesso. Eram grandes eventos e nós caprichávamos para sair tudo muito bonito. Bons tempos! Tenho ótimas

lembranças para recordar destes anos na Fábrica de Itajubá e muitos sonhos na área da Educação, realizados.

1958 - Acontece a **décima sétima mudança** da casa da Vila Nova para a casa lá no alto do morro. Foi nesta casa que os três filhos fizeram a Primeira Comunhão, no dia 20 de abril de 1958 na Igreja Santa Terezinha.

Foi uma missa lindíssima e muito emocionante. Muitos familiares e amigos do Rio e de Pouso Alegre estiveram presentes!

Papai trouxe da fazenda carnes de um garrote e fizemos um grande churrasco. Foi uma festança!

Na Fábrica de Itajubá, havia apenas uma instituição de ensino, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, onde os filhos dos oficiais e dos funcionários da Fábrica estudavam o curso primário. Muitas crianças, entre 3 a 7 anos, ficavam sem iniciação escolar. Após esta constatação, Maria resolveu criar o Jardim da Infância Gato de Botas e obteve irrestrito apoio do Coronel Moacyr Néry Costa.

Conseguimos criar e inaugurar uma excelente escola com elevado nível de educação pré-escolar. Inovamos com os métodos modernos aprendidos nas escolas nas quais me formei. Formamos uma excelente equipe de professores.

O Jardim da Infância Gato de Botas foi um marco histórico no local. Muitos alunos meus despontaram nos cenários da vida pública e outros na vida privada, no cenário nacional. Tenho muita satisfação quando recebo informações sobre a atuação de alguns deles.

Lembro-me bem do Gilberto Ururahy, da Eneida do Capitão Ururahy. O Carlos adorava as comidas típicas do Líbano que ela tão bem fazia. Não me esquecerei jamais de quando o Carlos iniciou o processo da doença de

Alzheimer, a atenção que o Gilberto teve ao recebê-lo na sua clínica do Rio Sul para fazer os exames e pela confiança dos resultados. Adoro quando ele me vê e fala exclamando: “Minha querida e primeira professora!”.

Lembro do Juarez Lopes, filho da Lucila Lopes. Eu observava o Juarez na sala de aula com muita dificuldade para ler e percebi que algo estava muito estranho, pois sempre apertava os olhos, piscava muito e seus gestos visuais não me pareciam normais. Encaminhado para exame oftalmológico descobriu-se que o problema dele era na retina. Uma vez encontramos umas fotos de uns alunos e enviamos para eles. Se soubesse que teríamos um dia um livro, as fotos estariam aqui ilustrando as minhas memórias.

Maria diverte-se ao quantificar os locais de sua moradia, e no processo de resgatar a sua história vai demonstrando seus sentimentos de afeto e de gratidão.

Tenho profunda gratidão pelo Coronel Moacyr Nery Costa, casado com a D. Tininha. Neste ano, ele estava na Direção da Fábrica de Armas e a casa do Diretor era na Chácara onde havia três excelentes casas. Uma delas estava vazia, e era exatamente a mesma que nós havíamos morado em 1949 e a mesma casa onde a Vovó Mariquinha morreu.

Imediatamente solicitamos para sair da casa do morro e ocupar esta casa que era próxima de tudo. Era muito desconfortável morar longe do centro da Fábrica, da escola e tinha que se andar muito além de subir e descer uma longa escadaria.

Chegando a décima oitava mudança!

Esta mudança foi estratégica para a concretização dos meus sonhos de criar outra escola. Ao mudarmos para a casa da chácara tínhamos como vizinhos o Diretor da Fábrica de Itajubá. E desta vizinhança veio o

estreitamento das relações com a família do Coronel Moacyr e a Dona Tininha. Surgiu, então, a oportunidade de intensificar e transformar a frequência de encontros em uma profunda amizade. E assim, ele pôde ficar sabendo das minhas outras intenções na área de educação para todos os jovens do Pacatito.

Pacatito é um bairro de Itajubá, afastado do centro da cidade, onde funcionava a Fábrica de Armas. Lá habitavam os militares e os funcionários com as respectivas famílias. A infra-estrutura era excelente: cinema, clube recreativo e desportivo, igreja, um pequeno comércio, mas faltava escola para dar continuidade ao ensino primário!

Nesta ocasião criei a segunda instituição de ensino, denominada Instituto Menino Jesus, que funcionou na parte superior do Cinema Pacatito da Fábrica de Itajubá. Mais tarde, o Instituto passou a funcionar nas áreas ociosas de um pavilhão da própria Fábrica, transformadas e adequadas para salas de aula. Os alunos que se formavam no primário no Grupo Barão do Rio Branco, na Fábrica de Itajubá, não tinham como continuar os estudos porque não havia uma escola que os preparasse para o Admissão, que correspondia, na época, a um concurso para ingressar no curso ginásial.

Foi outra grande realização minha como educadora com o total apoio do Coronel Moacyr, a quem tenho muita admiração e reconhecimento por ter colaborado significativamente para a criação das escolas.

Lutei obstinadamente por mais um dos meus sonhos na área da educação. Fui a Belo Horizonte e ao Rio de Janeiro, articulei com o Ministério de Educação e o Ministério da Guerra. Recebi o apoio incondicional do Governador de Minas e do Comando do Exército, que firmaram comigo o compromisso da criação do Instituto Menino Jesus e que foi oficializada no dia 19 de fevereiro de 1959.

Estava, portanto, criado e instalado o Instituto Menino Jesus e recordo-me de algumas professoras e colaboradores: Maria Aparecida, Padre Carvalhinho, Katy, Aparecida Martins, Adolar e Rosemary. Que saudades!

Com os olhos lucidamente emocionados e a mente cheia de recordações, Maria retorna ao passado trazendo para o presente um fato de um aplicado aluno da Fábrica de Itajubá e segue relatando-o.

O Benedito era um menino muito pobre. Foi o aluno do Instituto Menino Jesus que mais me comoveu durante a minha vida no magistério. Morava na roça. Estudava sentado na calçada aproveitando a iluminação pública noturna do último poste da Fábrica na direção da estrada de sua casa. Não havia luz na área rural e ali, utilizando-se da claridade do poste, ele fazia suas lições e deveres para ser alguém na vida! Todas as suas notas eram 10! Um fenômeno e um aluno obstinado. No dia da sua colação de grau foi premiado por ser o primeiro aluno com a média 10 e eu dei um presente para ele. Recebeu o embrulho e não abriu. Perguntei se ele não ia abrir para ver o que havia ganhado. E humildemente me respondeu: “Eu já sei o que é porque já ouvi o tic-tac do relógio!” Gostaria muito de saber, onde está o Benedito?!

No Instituto Menino Jesus, as professoras da primeira turma foram Catharina e a Aparecida Martins. E Benedito, como sempre, era o Porta-bandeira da turma, privilégio de quem tirava a média maior. Uns dos melhores tempos de trabalho da minha vida. Uma grande realização com imensa satisfação.

1960 - Para dar continuidade dos estudos aos alunos do Instituto Menino Jesus, outro colégio é fundado por Maria.

Eu não estava plenamente satisfeita com as escolas existentes, pois havia necessidade de ser criado um ginásio para que o ensino não sofresse interrupção.

Fundei então a escola denominada Ginásio João XXIII, cujo patrono era o Papa da época, Ângelo Giusepe Roncali. O meu sentimento ao dar o nome era devido a duas de suas inúmeras virtudes: a generosidade e a solidariedade..

O lançamento da pedra fundamental do Ginásio João XXIII foi exatamente no dia em que a Fábrica de Armas recebeu a visita do Ministro da Guerra, General Costa e Silva.

Contratamos os melhores professores para a garantia da qualidade de ensino do Ginásio, que fisicamente ocupou as áreas disponíveis do pavilhão da Fábrica e instalou-se em várias salas. Desta forma o mais novo colégio do Pacatito foi inaugurado em local provisório e com o que havia de melhor em termos de corpo docente.

Não me esqueço que consegui um excelente funcionário, que se tornou o meu braço direito e que muito me ajudou na parte de serviços gerais: o meu querido e inesquecível Sr. César, que era pau para toda obra!

1961 - Mais uma mudança! Ao verificarmos a ordem da próxima mudança, Maria começa a rir quando realiza a quantidade de suas movimentações residenciais.

*A **décima nona mudança** foi da casa da Chácara para a casa ao lado da Igreja Santa Terezinha, às margens do rio Sapucaí, onde morou o Major Sampaio, que havia sido transferido e deixado a casa vaga.*

A casa era muito boa e tinha algumas vantagens: próxima da Igreja, do Ginásio João XXIII, do Instituto Menino Jesus, do Jardim da Infância Gato de Botas, do Cinema Pacatito, da Estação Ferroviária, do Clube da Fábrica de Itajubá, além do que era grande, com jardins e árvores frutíferas. Para os meus filhos, a mudança de casa também foi bastante interessante

para ficar perto dos amigos: Danilo, Eunilo, Gilberto, Bruno, João Batista, Murilo, Mazinho e muitos outros que agora não me recordo os nomes, mas sei que até hoje se freqüentam.

Mas o melhor mesmo e o mais importante, para mim que adorava pescar, era que o Rio Sapucaí passava no quintal desta casa e dava perfeitamente para ocupar um tempo pescando. Recordo com saudade e satisfeita que o Carlos construiu um cais com degraus largos, tipo arquibancada de concreto de estádio de futebol, que possibilitava ancorar o barco, além de me permitir pescar confortavelmente sentada.

Eu solicitava ao açougue uma cabeça de boi para fazer uma ceva, amarrando-a no cais e passava bons momentos do meu tempo, pensando na vida, fazendo planos e pescando muitos mandis, bagres e lambaris! Uma delícia de passatempo.

Como a casa era do lado da Igreja, o padre Carvalhinho vinha pelo quintal da casa dele até lá em casa pescar comigo. Era agradável pescar com ele, pois como também era professor do Instituto e do Ginásio, ficávamos trocando idéias sobre a educação dos jovens da Fábrica de Itajubá e sobre o aperfeiçoamento e inovações no currículo escolar. Sonhávamos com o futuro profissional de nossos alunos.

As escolas eram minhas pupilas! Eu trabalhava com amor e dedicação. E passava este entusiasmo para todos: professores, funcionários e alunos.

O currículo escolar ia além daquele estabelecido por lei. A intenção era ensinar, formar e educar cidadãos para o futuro da nação. A rede de ensino na Fábrica de Itajubá estava completa: Jardim de Infância, Primário, Admissão e Ginásio. Que prazer! Todos os jovens estavam nas escolas!

Maria teve seu “Dia do Fico”. Uma passagem bastante interessante com um significado marcante neste período.

Um novo comandante da Fábrica não comungava da mesma orientação pedagógica que eu aplicava. Por discordar daquele comandante, num determinado momento, não suportando mais os problemas que estavam sendo gerados, comuniquei ao Coronel que iria renunciar ao cargo de direção do Ginásio João XXIII, e que fora nomeada pelo Governador do Estado de Minas Gerais. Professores e alunos ficaram sabendo do episódio e dos verdadeiros motivos daquela decisão.

Num dia marcado, bem cedo, sem que ninguém de nós da família soubesse, uma quantidade enorme de pessoas reuniu-se para fazer uma atípica manifestação popular diante da nossa casa. O motivo da reivindicação era para que eu não deixasse a direção da Escola. A manifestação era composta por professores, funcionários da Fábrica, pais e alunos, e os componentes da Banda da Fábrica de Itajubá, que se posicionaram na frente da entrada principal da casa, e ao som de um repertório musical, entregaram um abaixo assinado à minha empregada para que a mesma me entregasse. Enquanto eu não apareci na varanda da casa para estar com eles, os músicos da banda não paravam de tocar, dando um show musical, e eles continuavam no local gritando: “Fica! Dona Maria! Fica! Fica! Fica!”

E aguardavam a minha presença. Do lado de dentro de casa eu via e ouvia o movimento por detrás da vidraça da janela, e percebi a quantidade de pessoas que estavam participando deste movimento. Estava assustada.

Fiquei perplexa com este ato público, pois fora a primeira vez que me vi diante de uma pressão popular para permanecer na direção da escola. E percebi o tamanho da minha responsabilidade!

Foi uma grande demonstração de bem-querer a minha pessoa. Rapidamente, enquanto os manifestantes continuavam clamando para que eu permanecesse no cargo. Escrevi um texto num pedaço de papel com minhas considerações e fui ao encontro dos participantes do movimento.

Agradei o apoio, li o que havia escrito e finalizei com a famosa frase histórica adaptada para o momento:

*“Se é para a educação de todos e da qualidade do ensino do Ginásio João XXIII, digo a todos vocês que eu fico!”
Foi uma alegria geral!*

1963 - Quando tudo parecia organizado e tranqüilo, surge uma nova transferência para o Rio de Janeiro. Carlos seguiu primeiro para organizar o novo trabalho e a nova moradia. Maria fica com os filhos para terminar o ano letivo.

Agora, desta vez, outra manifestação popular com o objetivo de cancelar a transferência dela para o Rio de Janeiro, permanecer na Fábrica de Itajubá e inaugurar as novas instalações do Ginásio João XXIII do qual fora a sua fundadora e primeira Diretora.

Ao lado da Igreja Santa Terezinha, às margens do rio Sapucaí, havia uma gruta da Nossa Senhora de Lourdes que ficava vizinha ao muro do jardim da nossa casa. Quando a notícia da transferência do Carlos foi divulgada, um grupo de pessoas da Fábrica foi até a gruta, pela madrugada, retirou a imagem da Santa do local e colocou-a no chão próximo ao portão de casa. Uma enorme fita azul saía de dentro da gruta sobre o pavimento da rua como se fosse um caminho. E a outra extremidade da fita estava fixada aos pés da santa. Um bilhete posto no portão dizia que haviam feito uma

prece para que a transferência e a mudança fossem suspensas, pois desejavam que eu permanecesse à frente da direção educacional daquela instituição. Santa Terezinha não ouviu este pedido eu entreguei a gestão do Ginásio João XXIII para o Professor Afonso Brito. Um aliado de luta pela educação em Itajubá e meu leal amigo de muitos anos. Ele também foi responsável pela aquisição do terreno junto à Prefeitura e pela construção do colégio João XXIII em local definitivo.

Maria então recebe sua última homenagem, e desta vez feita pela Câmara Municipal de Itajubá.

“Pelo competente trabalho na área de educação que realizou, a Câmara Municipal de Itajubá, através do ofício nº 146/63 de 11 de outubro, assinado pelo Presidente Paulo Paulistano Faria, comunica à Professora e Diretora Maria Aparecida Simões Azevedo que no dia 23 de novembro de 1963, pela Resolução nº 41/ 63 de 25 de junho, será agraciada com o título de “Cidadã Itajubense”.

Para a satisfação da educadora Maria Aparecida Simões Azevedo, o Ginásio João XIII foi transferido da Fábrica de Itajubá para o centro da cidade, definitivamente, em local próprio. Transformou-se no Colégio Estadual João XXIII, criado pela Lei nº 2839 de 26 de março de 1963, promulgada pelo Governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto. Foi então nomeado o segundo Diretor, Dr. Afonso Brito Filho. Incansável colaborador pela edificação e implantação do Colégio João XXIII, que até hoje permanece como referência de ensino pela qualidade de seus serviços na área da educação e formação de alunos cidadãos.

Finalmente a educadora Maria Aparecida marca a sua passagem pela cidade de Itajubá, tornando-se Cidadã Itajubense, quando profere para a sociedade e seus alunos um discurso inédito de despedida, resgatado de seus acervos.

“Excelentíssimo Senhor Diretor do Ginásio João XXIII.

Excelentíssimas autoridades da Câmara Municipal,
autoridades Cíveis, Militares e Eclesiásticas.

Senhores professores e distinta sociedade itajubense.
Meus alunos,

Lembraram de mim os meus ex-alunos, o que me emocionou e bem sinceramente lhes digo me fez bem, não pela face da vaidade humana, que minha formação cristã repudia, mas porque isso representa o reconhecimento de um esforço que não foi pequeno, nem em pequeno tempo realizado. Desdobrei fibra por fibra de meu coração para agasalhá-los sob o manto da educação e da cultura.

Que felicidade ver o resultado dessa ação!
As dificuldades?... Nem me lembro nem guardo mágoas dos adversários de tal obra, como se fosse possível tal obra considerar os adversários!

Posso dizer que devemos mesmo de certa forma a eles o objetivo alcançado, pois quanto maiores e mais poderosos eram, mais forças agrupávamos para neutralizá-los. Mas a nossa festa não é para lembrar obstáculos nem para cultuar os que obstaram de uma ou de outra forma às pretensões que alimentávamos, tão só, para que os filhos dos menos favorecidos pudessem também transpor a porta do saber sem os cadeados dos privilégios.

Fundado o Instituto Menino Jesus com 36 alunos, vimos o seu prolongamento - o Ginásio João XXIII, efetivando um total de 1000 alunos!

A um homem extraordinário de altas virtudes cristãs, capacidade inexcedível de trabalho e, sobretudo, uma enorme capacidade para planejar para os futuros longínquos e não para pompas de inaugurações imediatas, devemos salientar o apoio inicial e decidido desta grande e fértil semente lançada para o engrandecimento cultural dos filhos dos operários da Fábrica de Armas de Itajubá: General Moacyr Nery Costa, a quem rendo as maiores homenagens neste momento. É justo também lembrar a participação do Cel. José Maria de Paiva Ronco, sucessor do General Moacyr.

Foi um grão de mostarda lançado nesta terra de gente boa, de gente culta, operosa, dedicada, desta terra querida de Itajubá.

Que extraordinária lição, que exemplos magníficos deram - o Colégio de Itajubá colaborando com o empréstimo de suas instalações para o funcionamento provisório do Ginásio João XXIII; o Exmo. Prefeito cedendo com a colaboração da nossa Câmara Municipal o terreno para a construção do prédio próprio; o heróico 4º Batalhão de Engenharia; a laboriosa Fábrica de Itajubá; a indústria e o comércio dinâmicos desta intelectual cidade; os professores e os alunos e a população em geral contribuindo materialmente para que se pudesse erguer o prédio que em breve será um monumento de agradecimento ao povo nobre e amigo, compreensivo e colaborador. Nunca vi fracassar uma campanha filantrópica em Itajubá. E foram tantas!...

Ao povo amável, ao comércio dedicado e à indústria operosa, o meu sincero agradecimento na qualidade de fundadora desta menina dos meus olhos, o Ginásio João XXIII.

Desejo agora expressar um elogio caloroso e sincero pela obra de prosseguimento e construção do ginásio, os méritos incomparáveis desses extraordinários lutadores, homens de cultura, cidadãos, que honram as tradições de ensino desta terra, que são as pessoas do atual Diretor Dr. Afonso Brito Filho e dos professores Dr. Estácio Tavares de Mello e Gilberto Faria de Azevedo, ajudados pelos demais professores em suas tarefas.

Lembremo-nos também dos que trabalharam silenciosa e humildemente em todos os setores e que o trabalho é digno de excelente nota e de elogios!

Somente essa soma de parcelas dos mais variados setores possibilitou a execução deste empreendimento.

Que não fique ninguém sem o nosso modesto, mas vibrante agradecimento e lanço-o aos ares para que penetre nos corações dos anônimos colaboradores.

Agora vamos a vocês, meus alunos. Já meditaram onde estão? Como vai longe o tempo em que deixaram a estação horrenda e triste da ignorância? Que viagem agradável, não? Vocês já repararam que depois da luta, só nos lembramos das coisas boas? A Diretora enérgica passa a ser lembrada como uma mãe bondosa. O professor ranzinza e austero passa a ser lembrado como um grande amigo. O professor

tolerante passa a ser lembrado como um pai amigo, um conselheiro. A secretária que não permitia nada de errado, o servente severo e rígido na higiene, o inspetor honesto e cômico de sua responsabilidade, assim todos passam a ser importantes peças de engrandecimento de todas estas vitórias, não é mesmo?

Mas a luta continua. Foi apenas a primeira. Mas agora a mente já está esclarecida, a inteligência está aprimorada, a memória exercitada, portanto, as outras lutas, embora não fáceis, serão vencidas com vontade e determinação.

O que mais contribui para a nossa felicidade é contribuir para a felicidade alheia. Como é bom vê-los aí, satisfeitos e felizes. Eu também estou feliz. Continuem a luta sem esmorecimento. Nunca se esqueçam: lutem por um diploma para serem independentes e realizados. A tudo se vence a aplicação do conhecimento. O que se aprende na juventude permanece válido para a vida inteira.

Quis fazer um discurso, ou melhor, uma conversa amiga bem pequena para que tudo pudesse ficar em suas memórias.

Aos seus pais que durante todos estes anos tanto esforço e dedicação a vocês dispensaram, os meus parabéns sinceros. Vou, pois, terminar, não sem antes dar um bom conselho: Digam diariamente: “Quero vencer Senhor! Ajudai-me!” Vocês verão como o coração se enche de vontade e o corpo de energia. A alma fica renovada! Mais tarde eu voltarei para abraçar não os que terminaram o João XXIII, mas sim os engenheiros, os advogados, os médicos, os professores, os técnicos especializados e tantos outros em outras tantas

profissões necessárias para atender a demanda da sociedade.

Caminhem seguros e lembrem que a vida tem espinhos, mas que apesar destes também se colhem rosas!

Felicidades, queridos amigos e meus queridos alunos, é o que deseja a Ex-Diretora do Ginásio João XXIII.

Maria Aparecida Simões Azevedo”

Dia traumático. Maria não pôde “lamber a sua cria”. Mas deixou o cargo para quem junto com ela colaborou de maneira exemplar para a realização de seu sonho, o seu amigo e colaborador.

1964 - Em 02 de março, Maria participa da solenidade de entrega do cargo de Diretora do Ginásio João XXIII para o Dr. Afonso Brito e é instalado o Colégio Estadual João XXIII na cidade de Itajubá.

A família se despediu de todos com a certeza de que para a Fábrica de Itajubá jamais voltariam, a não ser para visitar os amigos que deixaram e matar as saudades dos melhores tempos possíveis. E na cidade de Itajubá deixa a sua maior obra na área de educação.

Em abril, Maria é transferida para o Rio de Janeiro e lotada na Escola de Educação Física do Exército, na Fortaleza de São João, para novas missões.

*Retornei para o Rio de Janeiro e voltamos a morar no mesmo bairro de antes, na Urca. Novamente no mesmo apartamento, completando assim a minha **vigésima mudança!***

Iniciei meu trabalho. Prestei relevantes serviços na Seção Técnica de Ensino exercendo a função de Adjunta do Chefe da Sub-Seção de Medidas de Aprendizagem e Estatística, tendo criado àquela época um banco de dados

valiosíssimo para a instituição. E não havia computador! Tudo era feito manualmente. Soube após muitos anos que todo o trabalho implantado por mim era ainda mantido atualmente, só que informatizado!

1966 - Outro sonho foi realizado. Maria planeja com o Carlos a construção de uma casa de lazer, na estrada Rio - Petrópolis, para fins de semana, que foi denominada “Olho de Deus”. Do alto, via-se a Baía de Guanabara e, ao fundo, o Pão de Açúcar e o Corcovado. Esta era a casa para a família, para os amigos. Local de importantes encontros familiares e deliciosos almoços.

Neste ano, fui convidada pela Fundação Getúlio Vargas, para executar o trabalho referente à Medida de Aprendizagem de 113 alunos da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este trabalho havia sido criado e implantado por mim com êxito absoluto e enorme repercussão na Escola de Educação Física do Exército. Eu sempre gostei de inovar.

Ainda neste mesmo ano realizei um trabalho de Correção e Avaliação de resultados estatísticos de setores estratégicos administrativos e operacionais do Grupo Executivo de Integração de Política de Transportes - GEIPOT, pelo qual recebi inúmeros elogios registrados através de publicação, inclusive por profissionais estrangeiros que integravam o grupo de estudos desta instituição. Neste tempo o funcionário era valorizado e reconhecido, conseqüentemente estimulado.

1967 - Em abril de 1967, Maria conclui o Curso de “Testes e Medidas na Educação”, pela Fundação Getúlio Vargas.

1968 - Em outubro, ela participa do 1º Ciclo Internacional de Conferências de Alto Nível, certificado n.º 191, expedido pelo Departamento Administrativo do Pessoal Civil do Centro de Aperfeiçoamento do Ministério do Exército. Neste ano, foi nomeada Coordenadora Técnica da Comissão de Estudo do Centro de Treinamento do Ministério do Exército.

Dos trabalhos que desenvolvia, ao final, tinha sempre uma sensação de rotina e não mais de desafios. Eu sempre gostei de criar. Edificar. Construir. Para mim, a família passava a me dar mais emoções por ver os filhos alçando os seus próprios vôos e construindo suas próprias vidas.

O fato mais marcante neste ano foi o casamento do Paulo César com a Théa Lúcia, em 24 de dezembro, na Igreja do Carmo, no Rio de Janeiro. Os dois eram bastante jovens. Eu e Carlos passamos a vivenciar esta primeira experiência de ver um filho fora de casa, independente e ambos tão novinhos! Qualquer pai e mãe, pelo menos no nosso tempo, encontravam uma dificuldade de aceitar a decisão de um filho ainda tão jovem assumir a responsabilidade de um casamento. Mas com o passar do tempo, acostumamo-nos com as suas novas vidas e procuramos colaborar da melhor forma possível.

Foi o vestido de noiva da Théa Lúcia o mais original que eu já vi. E o maior valor deste vestido foi pelo fato de ter sido feito em crochê e pelas mãos da sua avó Olga, mãe da Gladys. A Théa Lúcia estava uma noiva lindíssima!

Outro evento significativo neste ano foi poder ver a Vera Lúcia formada professora pelo Colégio Bennett, confirmando a sua vocação para o magistério.

1970 - Em novembro, a família e poucos amigos comemoraram as Bodas de Prata de Carlos e Maria.

Minhas Bodas foram comemoradas de maneira muito singela. Fizemos uma missa pela manhã na capela do Colégio Militar e depois oferecemos um jantar para os amigos e os nossos familiares.

Eu e Carlos sabíamos da nossa responsabilidade de nos mantermos unidos por tantos anos, com todas as diversidades naturais do casamento. Éramos

felizes com nossa vida e com nossos filhos e, principalmente, com as novas famílias que estavam se formando. Estávamos dispostos e motivados a continuar nossa jornada matrimonial baseados no nosso amor, na nossa amizade e nos nossos sonhos.

1971 - No dia 29 de abril, nasceu Mara Lúcia, filha do Paulo César e da Théa Lúcia. É a primeira netinha de Carlos e Maria.

O nascimento da primeira neta foi um acontecimento especial. Todos nós da família estivemos acompanhando os meses de gravidez da Théa Lúcia e não faltaram roupinhas lindas para o enxoval feitas pelas mãos talentosas de muitas das tias avós mineiras: Ina, Tereza, Marilda e Nair.

O Carlos, como o consagrado poeta da família, fez um lindo poema para receber a Mara Lúcia e que na dedicatória especial deste livro foi dado um destaque para os lindos versos filosóficos do seu poema.

Foi realmente uma felicidade tornar-me avó! E sempre com o meu jeito diferente de ser, procurei dar o melhor possível de mim. Sei que em certos momentos da nossa vida não foi possível atender algumas solicitações, mas nas decisivas e importantes chamadas, estivemos sempre presentes. E sabemos que estas experiências repetem-se ao longo do tempo com cada uma das famílias das novas gerações.

Em 26 de junho, Mara Lúcia foi batizada. Seus padrinhos foram Pamphilo de Carvalho, da Bahia e Cacilda Aragão, a esposa do seu tio avô, Gilberto, irmão do Carlos.

1972 - No dia 8 de janeiro foi o casamento de Antônio Carlos com Ana Rosa, na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, a Igreja da Candelária.

Este foi outro dia feliz na minha vida. Um casamento belíssimo! A igreja muito bem decorada com toda pompa religiosa. Aliás, nesta Catedral é obrigado a seguir um ritual antigo para a celebração de matrimônios. Os noivos inspiravam um momento de grande felicidade e muito glamour!

Eu e Carlos, mais uma vez, estávamos vivenciando uma nova fase de vida com os casamentos dos filhos.

Em 03 de agosto nasce, prematuramente, a filha de Ana Rosa e Antônio Carlos, Alessandra, a segunda neta de Carlos e Maria.

Foi um parto preocupante para todos nós. Alessandra nasceu com oito meses. Foi preciso ficar na incubadora durante um bom tempo para recuperar o peso e obter o mínimo de condições para sobreviver. Mas graças à união de todos os familiares e da equipe médica, ela conseguiu superar a adversidade e após um mês deixou a maternidade e foi para casa desfrutar do prazer de estar próximo aos seus pais e poder viver em paz e com saúde.

1973 - Um grande e inesquecível privilégio foi poder comemorar os 100 anos de Anna Cândida de Carvalho Simões, sua avó Sianinha que tinha status de mãe!

Foi o meu maior prazer em termos familiares participar das comemorações do Centenário da minha avó e madrinha!

Mais ainda feliz de deixar registrado para sempre, para as futuras gerações de nossas famílias, este precioso e raro acontecimento. É um prazer inenarrável poder editar os registros da sua festa neste livro. Uma oportunidade que me causa enorme alegria.

Todos os filhos presentes. Todas as famílias com seus netos, bisnetos e tataranetos!

Ela, envelhecidamente lúcida, recebeu todas as homenagens a que teve direito.

E maior ainda é a minha satisfação imaginar que minhas bisnetas e meus bisnetos, a quem especialmente dedico estes meus relatos, poderão conhecer, através de fotografias, a minha adorada avó Sianinha e poderão transmitir aos seus filhos e as suas futuras gerações, esta relíquia de fatos e fotos de seus antepassados, sua tataravó, e saberem de tão preciosas lembranças. Foi de fato um grande acontecimento na cidade de Pouso Alegre.

Maria aproveita o clima de contentamento em poder reviver o passado com tanta emoção no presente e faz alusão à avó que gostava de festa e de casa cheia. Retomando as histórias da vó Sianinha, Maria enfatiza que ela adorava uma mesa de jogo de baralho e, imediatamente, conta um caso que mostra a presença de espírito e o bom humor de sua adorada “mãedrinha”.

Certa vez, vovó estava chegando de manhã bem cedo a sua casa, vindo de uma mesa de jogo na casa de uns amigos. O sol já tinha saído, quando estava entrando em casa e, ao virar-se para fechar o portão do alpendre, papai chegou para tomar bênção antes de ir para a fazenda e perguntou para onde ela estava indo. Disse sem vacilar: “estou saindo para a missa das seis!”

Vovó ganhou algumas vezes no bicho. Sonhava com um bicho e já ia ela fazer uma “fezinha”, como dizia. E todas nós lá de casa gostamos de jogar! Há uma cultura de jogo na nossa família mantida até hoje. Mas o Carlos não tolerava jogos em casa e em lugar algum!

Vovó Sianinha bebia saudavelmente um cálice de cachaça nos dias que o papai mandava da fazenda o leitão à pururuca. Quando completou 100

anos, papai ficava com receio de deixá-la beber e mandava o leitão sem a cachaça. Ela, da porta, mandava a empregada voltar e devolver o leitão dizendo que só queria se viesse acompanhado da cachacinha digestiva!

Lembrei de uma característica da personalidade do papai muito marcante. Beijar o papai na face? Ninguém! Somente na mão direita para pedir-lhe as bênçãos e, às vezes, nós nem encostávamos os lábios na sua mão. A única da família que dava boas beijocas nas suas bochechas avermelhadas, naturalmente, era a primeira neta e sua afilhada, a Vera Lúcia, que com seu jeito sempre alegre e irreverente lhe tirava do sério com todo tipo de brincadeira amorosa.

1974 - O acontecimento mais importante para a avó Maria e principalmente para o avô Carlos foi o nascimento do primeiro varão da Família Azevedo. No dia 14 de junho nasceu Marco Antônio, filho de Théa Lúcia e Paulo César.

Foi um contentamento o nascimento do primeiro neto da família. Carlos ficou radiante com a notícia. Como sempre fez um lindo poema de presente para o neto tão desejado. Recordo-me do semblante de orgulho do pai, Paulo César, e do avô, Carlos, quando juntos estavam do recém-chegado filho e neto, na maternidade.

É uma experiência singular ver os filhos crescendo, formando-se, tornando-se profissionais e independentes, casando e constituindo suas próprias famílias.

Houve uma época, em Jacarepaguá, que o Marco Antônio, ainda criança, estava aprendendo equitação e o Carlos o acompanhava algumas vezes em suas práticas. Existe na Fazenda Bom Jardim, em Camanducaia, uma foto linda e interessante dos dois, avó e netinho, cavalgando em Jacarepaguá. Era um esporte que o Carlos adorava praticar e ele montava muito bem. Carlos adorava este momento de encontro com o neto.

1975 - Consequência natural da vida, a morte a cada momento vai surpreendendo os lares da Família Simões. Mesmo que ocorra distante um evento do outro, sempre causa uma tristeza infinita nos corações de todos.

O precoce falecimento do papai, no dia 23 de março, com 75 anos de idade foi mais um desses episódios de dor na família! E desde então, iniciou-se um dos mais penosos anos: o longo período do processo do inventário que contribuiu para a desunião dos irmãos do segundo casamento e por outro lado, um tempo importante de aproximação das nossas irmãs.

Papai foi levado para o Rio para fazer os exames clínicos e ficou constatado que ele estava com uma doença raríssima no sangue. A medula não produzia mais glóbulos vermelhos. Iniciou o tratamento. Tempos depois foi se agravando seu estado de saúde. E no final, papai foi para a nossa casa na Urca. Uma tentativa a mais para salvá-lo. Durante este tempo aproveitei o máximo de sua presença fazendo tudo o que desejava. Todos os filhos e filhas o visitaram. Sabíamos que podia ser um movimento familiar de despedida. Um ambiente muito triste e desolador. Uma noite, ele passou muito mal e levamos para o hospital. Operou-se. Não conseguiu superar seu estado crítico. Faleceu. Apesar dos 75 anos, ele era muito forte e tinha muita disposição para viver e trabalhar por muito mais tempo. Foi outra grande perda afetiva da minha vida.

Sendo a filha e a irmã mais velha, fui designada Inventariante. Apesar da árdua missão, pude adquirir uma grande experiência. Constatamos as mazelas da justiça brasileira. Verificamos ainda o mau funcionamento e a sua morosidade que é a mesma atualmente. Percebo ainda os mesmos erros, os mesmos vícios, as mesmas faltas de ética e de bom senso. A nossa Justiça é injusta.

Mas para a nossa alegria chega mais uma netinha. Nasceu Karla no dia 17 de novembro, a segunda filha do Antônio Carlos e da Ana Rosa. É a nossa terceira neta. Já somam quatro no total.

Karlinha nasceu em Belém, no Pará, e por esta razão demoramos a nos conhecer. Sequer tenho uma foto com ela recém-nascida. Sempre foi uma linda menina. Observadora e quieta, diferente das demais.

1977 - Dois anos após a perda do pai, Maria sofre outro golpe emocional com o falecimento da sua querida avó Sianinha, no dia 27 de maio.

Pasmem, com quase 104 anos de idade! De nada sofria. Curtiu a vida plenamente. Teve seus treze filhos. Casou a maioria. Viu uma enorme família se multiplicar e pôde conviver com quatro gerações, familiares de todas as idades com todas as diferenças e com os mais distintos temperamentos e evidentemente problemas dos mais variados. Foi amada e respeitada por todos. Foi um símbolo matriarcal. Não há ninguém que possa dizer que não era uma amiga leal e de todos! Não falava mal de ninguém. Uma pessoa feliz, uma mulher extraordinária, de muita fibra e pulso. Uma criatura alegre e não poderíamos deixar de mencionar que fora uma grande jogadora de bicho e de baralho! Sonhava o que fosse e imediatamente associava a um animal e já mandava alguém da casa fazer o seu jogo. Sua fezinha era cercada por todos os lados: dezena, centena, milhar, grupo, terno, ou invertido para ganhar nem que fosse um pouquinho ou acertar na cabeça e ganhar muito, conforme aconteceu algumas vezes!

Deitou-se para sempre, morreu dormindo. Sonhando talvez com os seus anjos, com seus cordeiros, com seus números dos bichos e recebida no céu como uma boa pastora de seu imenso rebanho!

Vovó Sianinha cumpriu uma linda missão na Terra. Foi uma das poucas pessoas que conheci na minha vida inteira que tinha uma capacidade de

estar bem o tempo todo com todos os membros da sua imensa família! Foi para mim a minha mãe e um exemplo de mulher!

1978 - Ao procurar saber quais eventos marcaram Maria neste ano, imediatamente cita o nascimento do segundo neto, Márcio Augusto, no dia 25 de agosto, Dia do Soldado.

Mais um neto é sempre uma nova emoção. Cada um representa um especial momento e cada um tem um lugar cativo no coração. Para o Carlos foi outra grande satisfação ter mais um homem dando continuidade ao sobrenome do seu pai, Azevedo. É um contínuo orgulho ter um neto nascido no dia do soldado, para um militar profissional e convicto de sua formação como o Carlos. Um duplo prazer, cuja recompensa foi tornar-se padrinho de batismo do Márcio Augusto.

1979 - O inventário estava prestes a terminar. Maria compra um apartamento em Pouso Alegre, situado na Rua Comendador José Garcia, próximo à casa das irmãs para acompanhar mais de perto o final e a repartição dos bens do espólio do seu pai. E com esta aquisição, completa a sua **vigésima primeira mudança**. Não tardou muito, recebeu seu quinhão em terras no município de Camanducaia.

Anos depois tudo foi acordado e finalmente o inventário encerrado. Uns satisfeitos com o que lhes couberam e outros não, como de praxe nos inventários litigiosos.

Neste ano tive a felicidade de ver a Vera Lúcia e seu companheiro José Alberto, os “eternos namorados”, formarem com André, o filho do coração, uma nova família. Certa vez, eles me convidaram para ir à Camanducaia e Monte Verde para ver as terras que estavam determinadas para mim como herança do papai.

Constava na escritura antiga, datada de 1953, que a Fazenda Nossa Senhora Aparecida tinha como bens uma Usina Elétrica, cinco casas de colonos, uma casa sede, um paiol, um curral, uma capelinha com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e uma edificação denominada Escola do Bom Jardim. Quando chegamos lá, encontramos a ex-escola ocupada por um andarilho. Das cinco casas, encontramos quatro em ruínas e apenas uma em pé e em péssimo estado de conservação.

A usina elétrica não existia mais, somente duas rodas de ferro com um eixo, retiradas das margens do rio e jogadas no mato. Havia um casebre bem pequenino, também mal conservado, ocupado por um senhor ainda do tempo do papai.

A casa denominada Sede tinha apenas escombros e lembrava uma música infantil que a Vera cantava: “Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não, porque a casa não tinha chão...” Mas, tinha um forno à lenha sobrevivendo ao tempo e um pequeno oratório com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, existente neste mesmo lugar, desde quando o papai comprou a fazenda!

Estes bens que não existiam foram avaliados por um alto valor financeiro e descontados da minha parte em terras! Um verdadeiro absurdo! Mas, como a fazenda foi adquirida à época com o suor, com o trabalho e com o dinheiro do papai, achei pacífico, politicamente correto e sábio aceitar e receber as terras que me cabiam e ficar feliz com a minha herança. E transformei a propriedade em uma das mais belas da região!

A partir de então, Vera e José Alberto iniciaram seus sonhos de trabalhar na área rural através do consentimento de Carlos e Maria. Formalizaram oficialmente um contrato de arrendamento das terras. Com o trabalho deles desenvolvido na fazenda foi possível tornar as terras produtivas; retirar - sem conflito - os ocupantes ilegais; cercar a propriedade, canalizar as águas e trazer

energia elétrica; organizar e realizar plantios; gerar empregos, participar ativamente de ações comunitárias e educacionais além de zelar pela propriedade da família que hoje, todos os familiares e amigos usufruem prazerosamente do lindo local instalado na serra da Mantiqueira.

Fizemos anônimos movimentos filantrópicos no Bairro do Bom Jardim e na cidade de Camanducaia. A Lourdes, minha grande amiga e cunhada, trabalhava no Rio junto às comunidades carentes e sempre nos dava o suporte necessário: material e espiritual!

Certa vez, a Lourdes conseguiu um equipamento completo de dentista e junto com a Vera, que também era voluntária (Vera era e ainda é uma ING: Indivíduo Não Governamental), doaram para a Prefeitura de Camanducaia. Outra vez, conseguimos uma televisão para a escola estadual e, sempre que íamos para a fazenda, levávamos para doações: livros, discos, roupas, e materiais escolares para a comunidade local.

Durante muitos anos das décadas de 60 e de 70, Maria e Carlos realizaram várias viagens pelo Brasil e por alguns países da América Latina.

Sempre gostei de viajar. Adoro este movimento de mudar de local, conhecer outras paragens, outras culturas, outras gastronomias, outros climas, outras línguas e outros povos. Aproveitei bastante viajando com o Carlos e fizemos boas amizades.

1980 – Camanducaia passaria a ser o novo local para habitar. Completou a **vigésima segunda mudança** de Maria, embora mantivesse no Rio sua outra residência.

Motivada com as viagens da Vera e do José Alberto que estavam plantando abobrinha e alho na fazenda, aproveitava e viajava com eles. O carro era um jipe Gurgel. Eu não vacilava: jogava as pernas pela porta para adentrar no

veículo. Não tinha tempo ruim. Tinha que montar na porta para ocupar o assento. Estava em todas, topava tudo e sempre dava um “Pra quem fica tchau!”.

Tornar produtivas as terras da fazenda e, dado aos inúmeros anos de abandono, foi uma grande solução pela disposição e disponibilidade da Vera e do José Alberto. Foi a partir desta data que comecei a freqüentar e investir também na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, mais tarde denominada Fazenda Bom Jardim. Doei em vida tudo o que tinha para meus filhos e minha filha para evitar as amarguras de um inventário!

Num primeiro momento, realizei uma pequena adaptação na Escola Rural de Bom Jardim para servir de moradia. Depois a ex-escola ganhou uma nova reforma e passamos a utilizar o espaço como nossa casa para habitar. Fomos fazendo outros melhoramentos na casa que ganhou até um rústico charme rural!

A casinha acolhia os meus filhos, meus netos ainda pequeninos, os amigos e colaboradores da Vera e do José Alberto e também o hóspede assíduo: o pequenino André, de quem Vera é a mãe não biológica, mas mãe por adoção do coração.

São muitas fotos e muitas lembranças deste tempo pioneiro na fazenda. Tudo o que fazíamos trazia a lembrança do papai. Zequinha Flávio estava em nossas conversas, pois cada pessoa lá da região que nos encontrava, conhecia o papai e contava um caso sobre ele. E víamos o quanto era respeitado e querido de todos.

1981 - Após dezessete anos de trabalho na Escola de Educação Física do Exército, Maria colecionou centenas de boletins de elogios e recompensas, dentre estes os conceitos de funcionária excepcional pela qualidade dos trabalhos apresentados, pela auto-suficiência, pela iniciativa, pela correção, exatidão, cuidados, competência, honestidade, assiduidade, pontualidade, tirocínio, colaboração, ética profissional, conhecimento do trabalho, capacidade de inovar e

criar soluções para os problemas, compreensão dos deveres que lhes eram atribuídos, elogios estes manifestados por escrito pelos respectivos comandantes: Tenente Coronel Celestino Alves Bastos Netto, Coronel Celso de Azevedo Daltro Santos, Coronel Hermam Berggvist, José Ornellas de Souza Filho, Coronel Eric Tinoco Marques, Major Joaquim Francisco Monteiro de Castro.

Contudo fui injustiçada! Não merecia passar pelo que passei, após tantos anos desempenhando excelentes serviços e com tantos elogios. Com a chegada de um novo chefe, por incompatibilidade e divergências quanto a procedimentos funcionais, fui “encostada” e posteriormente remanejada. Tal fato causou-me uma grande decepção e impediu-me de crescer profissionalmente dentro desta instituição pública.

1983 - Maria passa por uma experiência inédita e evidentemente consegue os melhores resultados possíveis diante do seu novo desafio: “encostada” no desvio de função como Museóloga!

Fui transferida da Escola de Educação Física do Exército para o Museu Marechal Deodoro. Para a nova função tive que me capacitar na prática: aprender fazendo. E gostando da novidade, iniciei meu trabalho em atividades de Museologia. Fiz um expressivo trabalho em prol da cultura militar e mais uma vez contribuí para o Exército Brasileiro. O Museu está lá, funcionando até hoje sob o anonimato do meu trabalho!

Paralelamente, fui participando de vários Encontros, Seminários, Congressos e fui fazendo cursos de meu interesse profissional para vislumbrar alguma oportunidade de um trabalho mais técnico dentro da minha área de formação como Técnico de Assuntos Educacionais.

A **vigésima terceira mudança** de Maria e Carlos ocorreu em setembro do apartamento da Urca para a casa que fora comprada do Paulo César e Théa Lucia, em Jacarepaguá.

Há muito tempo eu queria morar numa casa e a oportunidade apareceu. Era ótimo estar perto dos netos e das netas, pois nesta ocasião meus filhos estavam morando em Jacarepaguá.

Foi muito animado morar próximo dos filhos Paulo César e Antônio Carlos. Mas principalmente perto da Théa e do Susa pela proximidade de nossas casas. Participava com o Carlos de todas as festas que eles davam. As inesquecíveis festas juninas, bastante originais e animadas, que me lembravam as festas juninas da Fábrica de Itajubá onde todos vestiam os trajes típicos de São João, com direito a charrete, a padre, noiva grávida, noivo desdentado e muitos outros personagens engraçados, além das deliciosas comidas regionais e típicas da festa, tudo regado a quentão, muita música caipira e muita lenha na fogueira!

A convivência com as netas e os netos também foi muito importante. Participava sempre que podia das festas de aniversários, dos almoços e jantares com os amigos, das festas gaúchas com trajes típicos e danças folclóricas, das festas dos colégios e dos campeonatos de natação. Participei das formaturas e dos primeiros namoros. Sabia das confusões dos jovens, mas não interferia. Era muito bom e tenho muita saudade. Sinto muita saudade deste tempo animado, cheio de vida e de muitas novidades!

Na nossa casa de Jacarepaguá, a visita dos netos e das netas era constante! Na mesa do escritório do Carlos havia uma gaveta de guloseimas. Sempre estava cheia de balas e bombons. Ele oferecia para o Márcio Augusto quando ia visitá-lo. Mara, Alessandra, Karla e Marco Antônio também se beneficiavam desta gaveta atraente, e é claro, o próprio avô que degustava as guloseimas nas horas de seus estudos ou leituras!

Meu tempo em Jacarepaguá foi um dos melhores vividos junto à família. Estávamos sempre juntos nos mais diferentes eventos e pude viajar com a

família do Paulo César em diversas ocasiões para muitos lugares e, inclusive, para os Estados Unidos.

Uma rede de fornecedores me servia com garantia de qualidade os produtos hortigranjeiros e outros produtos naturais. Lembro-me que nesta época experimentei pela primeira vez comida macrobiótica na casa do Lydio, que me fornecia um mel de laranjeira puríssimo. E eram almoços saborosos que ele fazia com arroz integral e carne de soja. Destes encontros da culinária natural, reforçamos nossos laços de amizade e até hoje, todos os anos, recebo dele cartões e presentes que traduzem sempre carinho, atenção e muita paz. Outra criatura de quem tenho boas recordações, é do Fidelis, de Itamonte, que fazia travesseiros de marcela que me transportavam ao cheiro da minha infância e com os quais presenteava todas as crianças e alguns adultos da família.

1984 - Ao perceber que havia esgotado toda a sua criatividade na implantação do Museu Marechal Deodoro, Maria resolve pesquisar para qual instituição poderia trabalhar até a chegada da sua aposentadoria.

Procurei algumas instituições e expus minha situação. Quando pediam meu currículo profissional achavam que estava muito além das oportunidades existentes. Eu ficava perplexa! Mas era a realidade.

Numa ocasião fiquei sabendo de uma possibilidade de transferência para a Escola Federal de Química. Solicitei e fui transferida. O trabalho que realizava também era burocrático. Mas assim que conheci o mecanismo do serviço, logo sistematizei uma rotina junto aos meus colegas e funcionários do setor. Dinamizei o trabalho de todos e assim tornei mais produtivo o que fazíamos.

Não desisti de buscar uma nova oportunidade de trabalho que me gratificasse desempenhá-lo. E eram nos Encontros e Seminários os locais para descobri-la.

Mais tarde, consegui ser requisitada para trabalhar na Delegacia Regional de Educação do Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro que funcionava no belo edifício Palácio Gustavo Capanema, popularmente conhecido como prédio do MEC.

1985 – Em 25 de novembro Maria e Carlos completam quarenta anos de casados! Nos acervos foi encontrado o “Diálogo aos quarenta anos de casado” de autoria do Carlos e transcritos seguem para uma reflexão.

Carlos diz:

Maria minha prenda! E aqui chegamos. Quarenta anos caminhando juntos, nenhum à frente, mas de frente e simplesmente iguais. O que é preciso para suportar alguém 40 anos, Maria?

Maria diz:

Olha Carlos, não é ser namoradinha fluida, não! É ter personalidade, saúde, muita paciência, renúncia e liberdade com confiança. É isso. O amor assim vai se incorporando naturalmente de forma a consolidar a família.

Carlos diz:

E as vidas em comum que, de boas matrizes, se transformam num amálgama. Só destrutível pelo ódio, pela ignorância, pelo ciúme doentio e pela irresponsabilidade. E pelo ciganismo espiritual!

Maria diz:

Você, pai, sempre esteve acima disso tudo. Você sempre viu o amor como teto e não como piso. Você não anda sobre o amor, mas sob ele.

Carlos diz:

Chegamos aqui, todos vivos, belos, com mútua liberdade de ação e saudáveis mental, física e psiquicamente; sim, todos: avós, filhos e netos. E ainda mais, como sabem se portar numa ecologia social agressiva e traumatizante!

Maria diz:

Pois é o prêmio maior que podíamos receber de Deus. Devemos nos felicitar.

Carlos diz:

É verdade. 40 anos ou 480 meses ou 14400 dias te chamando de Mãe.

Maria diz:

E eu te chamando de Pai.

Carlos diz:

Exato. E foi dessa forma, exprimindo veneração e respeito que o amor ficou.

Maria diz:

Deus nos conserve. Desse jeitinho: quietinhos, sem alarde.

Carlos diz:

Pois é... Quarenta anos prova que Deus nos entendeu.

Olha, Maria para você, os filhos.

Carinhos que te dei.

Maria diz:

E então para você, Carlos, os netos.

Que são os beijos que você me deu.

1987 - O mais agradável do novo local de trabalho de Maria não era a função que lhe fora designada. O que mais lhe atraía eram os valores artísticos e culturais do patrimônio arquitetônico do prédio onde ia trabalhar todos os dias:

os pilotis altos propostos pelo famoso arquiteto francês Le Corbusier, os jardins projetados pelo paisagista Burle Marx e os azulejos do artista plástico Portinari no painel de entrada do prédio. A mulher sentada de Adriana Janacopulos, as esculturas de Jacques Lipchitz, Bruno Giorgi, Celso Antônio, José Pancetti dentre outros. Um encanto para os olhos de uma funcionária pública exemplar que estava todo o tempo procurando, com o seu qualificado trabalho, ser útil ao país e que também apreciava as coisas belas!

Outro aspecto atrativo era o fato de poder degustar, todos os dias, a excelente gastronomia, pela proximidade do local de trabalho com os bons restaurantes do centro da cidade. O “Coelho ao molho madeira” do Ginástico Português! E o delicioso Bacalhau com brócolis do Restaurante Timpanas, da São José. E os chás, na Manon. Não podiam faltar os salgadinhos finíssimos da Confeitaria Colombo.

Em janeiro, eu havia participado de um Seminário sobre Ensino Superior Isolado, realizado pelo MEC, certificado pela Delegacia de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Divisão de Supervisão e Controle de Certificados, e este fato me estimulou um pouco no novo trabalho. Poderia participar sempre de novos encontros e assim obter uma oportunidade mais adequada a minha formação e experiência profissional.

Apesar de novamente estar realizando um trabalho burocrático e mecânico, diferente daquele que gostava de fazer na Escola de Educação Física do Exército, por ser mais criativo e que solicitava os meus conhecimentos mais técnicos e mais produtivos, eu me deparei nesse novo trabalho desempenhando umas tarefas muito simples, como de registrar diplomas, mas de extrema relevância para aqueles alunos que tinham concluído seus cursos e precisavam rapidamente de obter seus registros junto ao MEC para se habilitarem no mercado de trabalho.

Observando a lentidão dos funcionários ao desempenharem a tarefa, e a falta de consciência de para quem estavam fazendo aquele serviço, aliada a total ausência de responsabilidade e compromisso dos funcionários com relação ao tempo de entrega do registro, resolvi inovar ao implantar um sistema para aumentar a produtividade e o serviço render por se tornar mais ágil. Incentivava os funcionários a adotarem os procedimentos criados por mim ao executar esse trabalho. Foi surpreendente o resultado positivo de diplomas registrados mensalmente e o entusiasmo dos funcionários diante desta realização. Saímos todos ganhando. Nós, os servidores, pela qualidade e a redução do prazo dos serviços prestados e aos interessados, os diplomados, pela rapidez que seus diplomas eram registrados e entregues. Neste ano comemoramos os quinze anos da minha neta Alessandra. E desde então passamos a conviver mais. Temos muitas conversas interessantes que fazem lembrar o tempo da vovó Sianinha, pois éramos muito amigas.

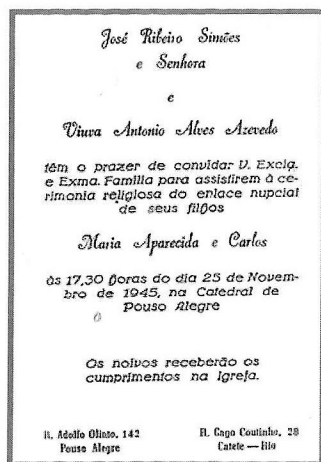
Pelo fato da Vera, neste tempo, estar morando em Natal, arrumei logo uma companheira assídua para me acompanhar nas minhas viagens para a fazenda. Foram inúmeras viagens que fiz com a Mara Cristina Lobianco, amiga da Vera. Foram viagens sempre muito divertidas. E eu tenho por ela um carinho especial. Temos em comum a fatura de comidas e a disposição para viajar a qualquer hora. Sempre ela vinha para a fazenda com deliciosos pratos já preparados, prontos para serem degustados. Mara me dava muita atenção e zelava muito pela minha saúde. Inúmeras foram as vezes que viajamos juntas com seus filhos Pilar, Caio e Taís que me chamam carinhosamente de Vó Maria.

É muito bom participarmos do crescimento dos netos. Através desse convívio, vamos adquirindo novas experiências de vida e aproveitarmos esses encontros para dar bons conselhos, além do bem enorme que suas presenças nos trazem. Os mais jovens animam as vidas dos mais velhos! Tenho necessidade vital de tê-los mais próximos de mim.

Meus laços em fotos
1945 a 2008



Maria e Carlos no momento do SIM



*25 de novembro de 1945, Catedral do Senhor Bom Jesus
Pouso Alegre - MG*



Carlos e Maria na lua de mel em São Lourenço -1945



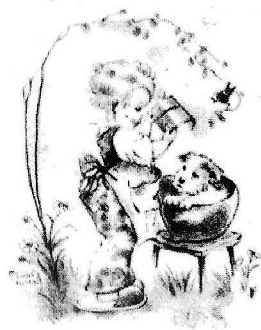
Maria e Carlos na Fazenda Santo Antônio -1946



Primeiro filho: Antônio Carlos, em 1946



O churrasco oferecido pelo avô Zequinha, no dia do batizado na Fazenda Santo Antônio



Tte. Carlos Azevedo
e
Maria Aparecida Simões Azevedo

Participam o nascimento de seu filhinho
em 25 de Novembro de 1947

Paulo Cesar

Rua Vieira Pena, 55

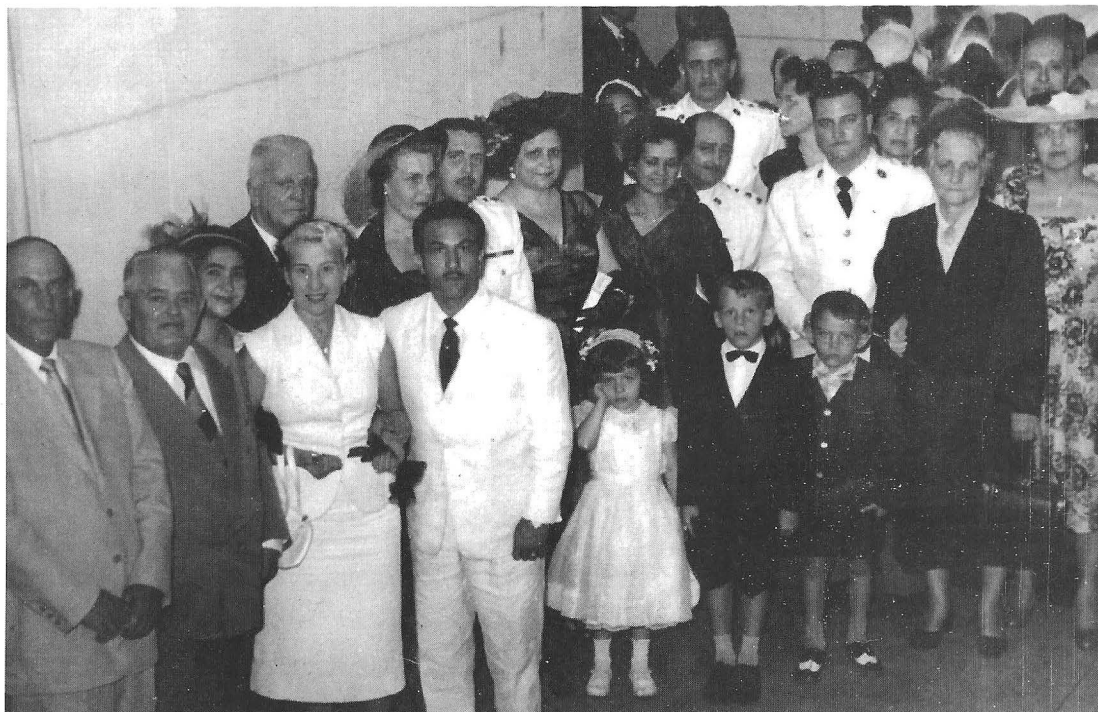
Juiz de Fora



Segundo filho: Paulo Cesar, em 1947



*Relíquias fotográficas
 salvas das inúmeras
 mudanças*



*Família e amigos na formatura do Carlos no Instituto Militar de Engenharia
1953*



*Praça Maria Augusta Carneiro, em homenagem a
Dona Mariquinha, avó de Maria - Consolação - MG*

Antônio Carlos, Paulo Cesar

e

Vera Lúcia Simões Azevedo

esperam contar com sua presença amiga no Feliz
Ato de sua 1.^a Comunhão a realizar-se na Igreja de
Sta. Teresinha, da Fábrica de Itajubá, às 9 horas do
dia 20 de abril de 1958.



Carlos, à esquerda, sua mãe D. Dinorah, Maria, a cunhada Emilia, a amiga Zuleika Sampaio e Sebastiana



Cinema Pacatito da Fábrica de Armas de Itajubá. No 2º andar funcionaram o Jardim de Infância Gato de Botas e o Instituto Menino Jesus



1ª Turma do Instituto Menino Jesus - 1958. À esquerda, a Professora Catharina Ribeiro Leite (Caty). Ao centro, o primeiro aluno e porta-bandeira - Benedito. À direita, a professora Aparecida Martins



Cerimônia de lançamento da pedra fundamental do GINÁSIO JOÃO XXIII - 1960



Diploma de Cidadã Itajubense - 1963



Caricatura da Diretora do Ginásio João XXIII, Maria Aparecida - 1963



Homenagem aos realizadores - 1965.



Ginásio Estadual João XXIII. O sonho de Maria realizado



A fundadora e ex-Diretora Maria Aparecida, professor Adolar, outros professores e colaboradores.



Núpcias de Paulo Cesar e Théa Lúcia. Seus pais Sr. Henrique e Sra. Gladys, Carlos, Maria e Vera Lúcia, pais e irmã do noivo - 1968



Núpcias de Antônio Carlos e Ana Rosa. Os padrinhos, Marison Simões Cardoso e Ivanise. Paulo Cesar e Théa Lúcia, irmão e cunhada - 1972

CASAR OU NÃO CASAR, EIS A QUESTÃO!

Carlos Azevedo
Rio, 18. 08.1956

No homem, certo dia, o coração
Bateu diferente, num dilema:
Casar ou não casar, eis a questão,
E quis resolver este problema.

Disse - quem me há de aconselhar:
Pai, mãe ou um humano tribunal?
Não! São terrenos, poderão errar,
E decidiu por um júri sobrenatural.

A Deus, elegeu como advogado.
Ao diabo, fez promotor!
E no banco dos réus ficou sentado...

No júri, continuam imprecando,
Há séculos - Deus e o diabo doutor.
E o homem?... A solução esperando!

*Centenário da matriarca da família Simões
Anna Cândida - Vovó Sianinha
1873 - 1973*



*Padre Sebastião de Carvalho
e Anna Cândida de Carvalho
Simões*



Missa com todos os seus familiares



*Anna Cândida
À esquerda, a neta Dahyl, a filha
Rosa, os filhos Geraldo e Vicente,
a filha Zeca, a neta Aparecida e
as filhas Sebastiana e Geralda*



*Anna Cândida entre os filhos: Vicente e Zequinha. Minica,
Geraldo e Geralda*



O bolo dos 100 Anos! Anna Cândida e a filha Geralda. Os netos João Bosco e Sônia Maria



Vó Sianinha e parte da família. Filhas, filhos, netos, netas e Maria



Anna Cândida, seus bisnetos e seus tataranetos



As avós, Gladys e Maria, Théa (irmã de Gladys) e Ana Rosa. Os quatro netos: Karlínha, Marco Antônio, Mara Lúcia e Alessandra



Avô Carlos, o padrinho e a avó Maria. Batizado do quinto neto, Marcio Augusto, terceiro filho de Paulo Cesar e Théa Lucía



*Andre e sua égua Paquita,
Vera e José Alberto. Os pioneiros
da Fazenda Bom Jardim.
Investidores e colaboradores -
1979*



*Capela Nossa Senhora Aparecida. Projeto arquitetônico e ambientação da filha Vera.
A amiga e motorista - Olga, Maria, a funcionária Madalena e seu esposo, Ditinho*



Bodas de Ouro de Maria e Carlos

25 de novembro de 1995



Cinquenta chamas para iluminar a vida do casal e das famílias de seus filhos



Igreja da Pequena Cruzada. Lagoa. Rio



O tradicional brinde à renovação do Amor



Ana Rosa e Antônio Carlos, o casal Carlos e Maria, Vera Lúcia e Jose Alberto, Théa Lucia e Paulo Cesar. Abaixo, netas e netos: Alessandra, Mara Lucia, Karla, Marco Antônio e Marcio Augusto



O alegre encontro das irmãs Marilda e Neide. Maria e a amiga Terezinha. Bodas de Ouro em 1995



Último aniversário da irmã Marina com Maria. Ao centro a afilhada Amarilys "Lili", sobrinha Ivanise e o filho Oton



A irmã Tereza e a neta Cibeles na casa de Maria



Carlos e Maria na Clínica Geriátrica de Atibaia

Casamento dos netos de Maria



Mara Lucía e Eduardo Karrer



Marcio Augusto e Viviane



Larissa e Marco Antonio

*Filhos de Paulo César
e Théa Lucía*



*Família de Vera e José Alberto no casamento do seu
filho Andre e Marianna*



*Karla e Yuri,
filha de Antônio
Carlos e Ana
Rosa*

A chegada das bisnetas de Maria

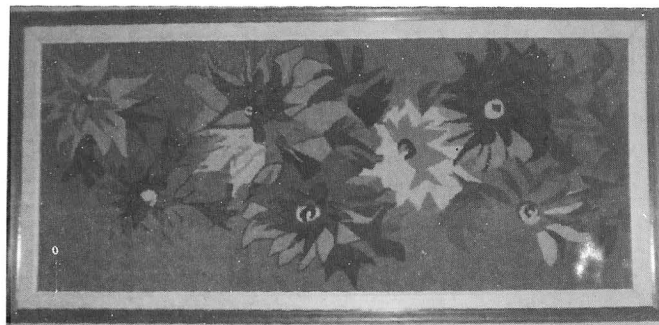


O batismo da primeira bisneta - Luíza



A bisavó Maria e Júlia - a sua segunda bisneta

Nas artes manuais e na culinária... Maria pinta e borda!



Passo os meus dias tecendo e minhas telas enfeitam o meu lar



Passo horas fazendo arranjos florais



Com a Vera, Pilar e Madalena, literalmente, passo o tempo enchendo lingüiças

“disk tudo” e para todos!



E tudo acaba em pizza - como na política brasileira!

... mas sim nos deixou em paz
para exemplificar como existir na sabedoria
do silêncio lúcido e nas palavras mudas
de olhares tantos...



★ 01/07/1922 - Pouso Alegre/MG
† 01/03/2003 - Brag. Paulista/SP

Comunicado do falecimento do Carlos

Além da Vida

Não são as restrições do envelhecer
com seus inexoráveis tempos de sofrer
nem tão pouco o diminuir vital
degradador da liberdade material
que vão me amedrontar
na hora ímpar
da chegada ao fim...

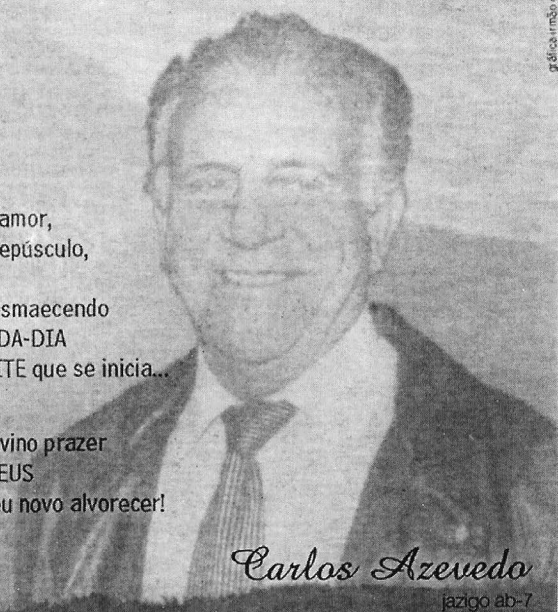
Mas, sim!

O sentir, na trajetória diferente,
desfilar em minha mente
as doces e suaves colheitas
que o viver me dera
e que tal hora relembra, o libera
em forma de saudades feitas.

De resto,
surgirá a força da última vontade
contrastando com a negra realidade
que impulsionará meus últimos versos:

Oh! Carlos...
Coração pleno de amor,
copie a lição do crepúsculo,
grande ator...
quando lento vai esmaecendo
na simbiose da VIDA-DIA
com a MORTE-NOITE que se inicia...

E terás então, o divino prazer
da antevisão de DEUS
no horizonte de seu novo alvorecer!

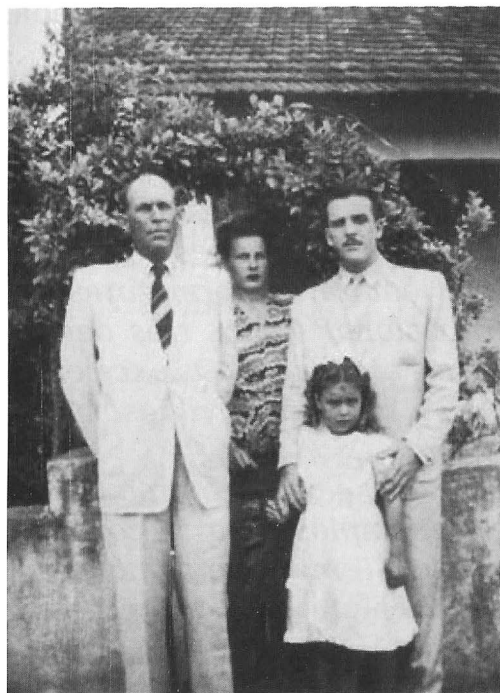


Carlos Azevedo

jazigo ab-7
cemitério jardim da serra
rodovia capitão barduino, km 103
curitiba - bragança paulista - sp

A morte! Um entendimento poético e filosófico

Homenagem à irmã caçula NAIR falecida em 2004



Zequinha Flávio, Maria, Carlos e a bequena Nair em Itajubá. Abril de 1949.



Primeira Comunhão de Nair



A última foto - 2004.

*"Fazer o bem, sem
dizer a quem"*

1995 - Nestes anos passados, Maria trabalhou no MEC e soube muito bem administrar o tempo até se aposentar. Trabalhou muito, sempre com muita dedicação. Viajou bastante. Passou a ocupar mais o tempo com trabalhos manuais. Mas destaca o mês de novembro o de grande significado em sua vida.

O fato mais importante foi comemorar nossas Bodas de Ouro no dia 25 de novembro com a nossa família e nossos amigos. O resultado do balanço final destes cinquenta anos de casados é possível de se conhecer somando as minhas realizações, que foram inúmeras, às realizações do Carlos, meu eterno amigo e companheiro e acrescidas das realizações dos filhos, que também são nossas. É muito gratificante lembrar as formaturas dos filhos e das suas conquistas no âmbito profissional. Todos três deram-nos muito orgulho por sobressaírem-se nas suas atividades. Os excelentes casamentos que realizaram, dando-nos netas e netos maravilhosos.

Nossas experiências tinham que estar perpetuadas e por isso procuramos registrá-las em livros, pois são importantes exemplos para se construir uma vida a dois e para que todos nos conheçam. Temos que divulgar aos mais jovens quem fomos nós e deixá-los saber um pouco das nossas histórias e dos nossos verdadeiros sentimentos!

Este ano de 1995 foi um tempo de grande trabalho e produção de todos os filhos. Enquanto a Vera e José Alberto estavam administrando a construção do meu sonho, a casa da Fazenda Bom Jardim, as minhas noras, Théa Lucia e a Ana Rosa, estavam planejando e providenciando a nossa festa das Bodas de Ouro, com o envolvimento dos netos e das netas na produção do evento!

Tudo foi feito pensando em mim! A casa ficou bonita e aconchegante, por ser de madeira e típica de montanhas! Uma cozinha enorme para que eu pudesse fazer os meus quitutes, minhas lingüiças, meus doces prediletos e

os meus arranjos florais. Decorada com muito bom gosto, praticidade e conforto.

Uma linda capela, denominada Nossa Senhora Aparecida, foi construída, no meio de um lindo jardim, em homenagem à padroeira do Brasil, ao nome original da Fazenda, ao meu pai que era devoto dela e ao meu nome: Aparecida.

No dia 25 de novembro, às dezoito horas e trinta minutos, na Igreja da Pequena Cruzada, na Lagoa, no Rio de Janeiro, foi realizada uma missa com a participação de 150 convidados e de muitos membros da nossa família.

A missa foi linda, ao som de violinos! Presentes estavam familiares e amigos mais íntimos. A recepção foi maravilhosa, num ambiente acolhedor. Um serviço de coquetel e depois um delicioso jantar ao som de um conjunto que tocava músicas de nossas épocas.

Houve momentos de discursos e também poéticos. Está viva na minha lembrança a presença da poetisa Ilse Guimarães que declamou o poema “Barco de luz” em homenagem aos meus cinquenta anos de casada. Momento memorável!

Foram muitas emoções com várias presenças de parentes e amigos, registrados no meu álbum de Bodas de Ouro, que minhas amigas Denise e Ana Maria Plastina enviaram-me de presente do Canadá. E não podia deixar de registrar a presença da Dona Ivone, mãe de José Alberto, que não perdeu a sua elegância e o seu bom astral, mesmo estando limitada ao uso de cadeira de rodas! Uma lição para todos nós!

O meu sonho de ter uma casa na fazenda foi realizado em pleno período de comemoração dos meus 50 anos de casada!

Graças ao trabalho e empenho da Vera Lúcia e do José Alberto, que sem medirem esforços proporcionaram a inauguração exatamente no dia do Natal. Os dois prepararam de surpresa uma festa para os familiares e alguns amigos moradores do Bairro Bom Jardim. Havia mais de cinquenta pessoas na festa. E claro, como adoro presentear, todos receberam presentes. Uma festa natalina inesquecível. Senti apenas a falta dos filhos que estavam comemorando com as suas respectivas famílias a festa de Natal no Rio de Janeiro.

Esta festa de Natal foi a mais emocionante que tive. Terezinha, minha amiga, vestiu-se de papai Noel e fez o maior sucesso. Depois, no meio da festa, mudou o traje e se vestiu de espanhola para apresentar a dança flamenga! Aproveitou o momento também para se divertir dançando com os convidados. A casa estava toda ornamentada com motivos natalinos e as árvores do jardim todas iluminadas! Foi uma noite típica de Natal num clima de muita alegria e paz!

A capelinha estava toda decorada com guirlandas, bolas de todas as cores e toda iluminada com luzinhas que acendiam e apagavam ao som de músicas natalinas da cantora Simone que tinha acabado de lançar um CD, o qual ganhei de presente. A capela estava linda e ao seu lado pude fazer um presépio permanente, muito bonito, que é a maior atração para todos que lá visitam.

Embora Carlos estivesse apresentando dificuldades na fala e confusão nos pensamentos, ele participou de todos os momentos da festa com muita alegria. Dançou inclusive com a Vera e com a Terezinha.

1996 – Num mesmo ano duas mudanças estratégicas. A Vigésima quarta mudança e vigésima quinta! Movimentação logística que ocorreram simultaneamente devido ao comprometimento e gravidade da saúde do Carlos.

*Para fazer a **vigésima quarta mudança** eu tive que me desfazer de muitos móveis ao vender o meu apartamento de Pouso Alegre. Mandeí meus pertences para a fazenda e arrumei a casa para esperar a chegada do Carlos, que ainda estava no Rio. Carlos já estava doente.*

*A doença do Carlos foi o motivo maior para a mudança rural. Com a assessoria dos filhos, vendi a casa de Jacarepaguá. Trouxe o Carlos e organizei nossa nova vida mais saudável para mim e principalmente para ele, vindo morar na Fazenda Bom Jardim. E assim completei a minha **vigésima quinta mudança**.*

A partir de então foram sucessivos os encontros com os familiares e amigos que sempre vinham nos fazer companhia: Mara Lobianco e família; a Nilza e a Terezinha (a dançarina “Espanhola” do Ocktober Fest de Blumenau); Vanda do MEC; a Janete, o Queiroz, a Titau e a Cristina de Recife; a Francisca e a Verinha de Fortaleza; muitos amigos nossos, do Carlos, do José Alberto, da Vera, do Paulo César, da Théa e do Antônio Carlos e da Ana Rosa. A fazenda tornou-se um ponto de encontro para a alegria de todos, apesar do estado de saúde do Carlos que se agravava. Ocupei este período produtivamente. Fiz muitas tapeçarias, tricôs, arranjos florais, pizzas e enchi muita lingüiça!

1997 - Maria se recorda do falecimento de sua segunda irmã e grande amiga, Marina, no dia 17 de fevereiro.

Ina e eu fomos amigas e companheiras. Tenho ótimas recordações de quando éramos criança e adolescentes. Tivemos momentos muito agradáveis na Fazenda Santo Antônio, em solteira, e mesmo depois de casada em Pouso Alegre. Graças a Deus, pude dar o máximo de assistência a ela durante o período que esteve doente e sinto hoje muito a sua ausência. Tenho um carinho todo especial pelos seus filhos, Mariléia e Marison.

1998 - Neste ano, foi confirmada a doença do Carlos: Mal de Alzheimer e, para melhor atendimento e mais adequado tratamento ele foi internado na Clínica do Centro Geriátrico Santo Emídio, em Atibaia, local onde passou a ser muito bem cuidado, com toda assistência médica e com todo o conforto material e espiritual.

O atendimento médico da clínica era excepcional. Tenho um profundo carinho pelas enfermeiras que cuidaram do Carlos, principalmente da Silvia. Tenho uma eterna gratidão pelo diretor da clínica, Elpídio e de sua esposa Carmem. O casal tratava o Carlos como um verdadeiro irmão. Certa vez, o Elpídio manifestou interesse de fazer um memorial na clínica sobre a vida dos pacientes, pois muitos que estavam lá tinham tido uma vida rica de exemplos e repleta de bons serviços prestados ao país e à sociedade. E ele não queria que estas pessoas ficassem no anonimato. Como tínhamos muito material: documentos profissionais, poesias e vários álbuns fotográficos, o Elpídio se propôs a escrever um livro biográfico sobre os vários acontecimentos da vida do Carlos, o qual seria vendido e a renda reverteria em benefício de idosos sem condições de pagar a clínica. Concordamos e a Vera trabalhou em conjunto na organização do material do livro, e assim subsidiou o Elpídio, Diretor da Clínica.

1999 - A mudança seria por uma causa humana e não mais por prazer em se mudar com frequência. Carlos estava internado em Atibaia e precisava da presença e dos cuidados de Maria.

Primeiro, decidi desfazer da casa de campo “Olho de Deus”, no Rio. Mara Cristina e eu fizemos uma doação da casa para uma entidade filantrópica e a casa transformou-se num asilo para os menos favorecidos e passou a ser denominada: “Seara de amor e luz”. Agradeço a Terezinha pelo trabalho que vem desenvolvendo em prol dos idosos.

*Depois, decidi não morar mais na fazenda e me mudei para a cidade de Bragança Paulista. Meu objetivo era acompanhar mais de perto o desenvolvimento do tratamento do Carlos, pois a clínica ficava distante apenas trinta minutos de Bragança. Lá eu havia alugado um apartamento e completava a **vigésima sexta mudança**. Tive também o apoio do Antônio Carlos que estava interessado em atividades rurais na fazenda e mudou-se do Rio para Bragança Paulista, ficando assim mais próximo de mim e de seu pai. Minha vida tomou outro rumo. Estava em missão especial.*

2000 – Nasceu Luíza. A primeira bisneta de Carlos e Maria, no dia 24 de julho e foi batizada em 25 de novembro.

Luíza chegou e foi direto para um site na Internet! Recebi a notícia e a impressão de sua primeira foto. Minha bisneta cibernética! Foi mais uma grande alegria ter a primeira bisneta. Pena que o Carlos não estava mais em condições mentais para curtir esta minha alegria. Umas vidas se iam e outras vidas chegavam. Uma vida preenchia de certa forma a ausência da outra.

Carlos conheceu Luíza numa visita especial que a neta Mara Lúcia e o filho Paulo César fizeram a ele na Clínica, exatamente para apresentar a bisneta. O olhar de Carlos era comovente por parecer entender que era a sua bisneta.

Sei que não podia estar presente nas festas e nos especiais momentos de confraternização das famílias como o do nascimento dela, mas pude compensar e estar presente no dia do seu batizado.

Senti um enorme bem estar de ver a felicidade e a alegria que o Paulo César e a Théa Lúcia estavam tendo pela inédita experiência de se tornarem avós!

Recordo-me do dia em que fui visitar minha bisneta pela primeira vez com a Vera. Momento em que entregou um lindo poema pelo seu nascimento. Uma homenagem do Carlos através da poesia da Vera. Pois se ele estivesse com saúde teria feito um poema como sempre fez para cada um que nascia na família!

2001 - Maria justifica e lamenta sempre a sua ausência nos eventos importantes da família por estar dando assistência ao Carlos na Clínica.

Embora não pudesse estar no dia 10 de outubro, dia do casamento da Mara e Eduardo, pensava neles o tempo todo e lamentava não poder assistir a esta cerimônia. Mas sempre compensamos nossas ausências com outros encontros, no Rio ou principalmente na fazenda.

Neste ano, foi o lançamento do livro “Carlos Azevedo: a explosão de uma vida contida no casulo da história” escrito pelo Elpídio Fernandes da Silva, uma homenagem dele para o seu amigo e paciente da Clínica de Atibaia. Foi uma festa muito linda, preparada pela abnegada amiga Carmem, esposa do Elpídio. Embora o Carlos não tivesse consciência do que estava acontecendo, todos nós estávamos felizes em poder deixar este legado biográfico registrado em forma de livro. Foi um encontro emocionante de seus ex-alunos da Faculdade Eletrotécnica de Itajubá, de representante do exército e de muitos membros da família. Não me recordo os nomes de cada um dos alunos que lá estiveram, mas da aluna e líder do IEI, Marita Arêas de Souza Tavares, jamais vou me esquecer.

Para mim um dia muito feliz junto a minha tristeza interior pelo estado de saúde do Carlos.

2003 - Carlos faleceu na Clínica de Atibaia no dia 1º de março. Maria, por se tornar viúva, decide retornar para Pouso Alegre para refazer sua vida junto às suas raízes familiares. Completa assim sua **vigésima sétima mudança**.

Estávamos na fazenda reunidos: eu, meus filhos, noras, netas, outros familiares e alguns amigos. Vera e José Alberto estavam de férias no Rio de Janeiro. Era sábado de carnaval. Pela manhã recebemos a notícia. Fiquei em estado de choque. Mas graças a Deus Carlos não sofreu e pode partir em paz.

Dediquei a ele toda a minha atenção e dignidade, com o conforto de poder estar sempre ao seu lado numa clínica maravilhosa, onde todos tinham por ele o maior carinho.

Vera Lúcia encontrou durante a elaboração do seu livro um poema inédito, com um título bastante sugestivo para o derradeiro momento “Além da vida”. Vera idealizou o comunicado de falecimento de forma não convencional e substituiu o tradicional “Santinho” por um postal colorido do Carlos despedindo desta vida, poeticamente!

Durante os primeiros dias após o falecimento do Carlos, fiquei completamente envolvida com as inúmeras providências, o que me fez distanciar da solidão. Quando tudo cessou, senti uma enorme tristeza e um profundo vazio dentro de mim. Ficava tentando dar uma diretriz para a minha vida, mas não me satisfazia com as minhas decisões. Só o tempo seria capaz de devolver a mim a vontade de traçar novos planos!

2004 - Um ano após o falecimento do Carlos, Maria planeja uma nova vida indo morar com a filha, no Rio Grande do Norte, na cidade de Natal. E realiza sua **vigésima oitava mudança.**

Em março, viajei para Natal. Fiquei por lá um curto tempo, mas aproveitei todos os momentos para visitar amigos e cuidar da saúde. Francisca - a “Chisca” - minha antiga funcionária desde os anos sessenta quando ainda morava na Urca, e companheira de momentos difíceis, atendeu o meu

chamado e veio de Fortaleza para ficar um tempo comigo em Natal. Tive muita atenção e carinho da Rejane, a secretária da Vera, que calada e meiga, me atendia naquilo que precisava.

Fiquei feliz de ter visitado novamente o Olavo e a Dalvanira de Nísia Floresta e a Francisca da Peixada da Comadre, cujos olhos irradiam muita paz e sabedoria. Seu jeito meigo muito me cativou, pois sempre rezava por mim, eu sei! Comi, mais uma vez, o melhor peixe da minha vida, feito por ela! E neste almoço, estive com a Nair, tia do José Alberto. Outra criatura bondosa!

Vera, José Alberto e eu, fomos a João Pessoa visitar, pela segunda vez, D. Irene Tavares, madrinha do meu casamento. Fomos para Gravatá e Recife. Em Gravatá, passei bons momentos ao visitar Cristina, Queiroz e Dona Janete. Senti-me em casa, porque são pessoas acolhedoras, generosas e felizes. Eu e Dona Janete temos uma coisa em comum: gostamos de fazer grandes almoços com pratos variados para todos os gostos e quantidade suficiente para os maiores apetites! Neste fim de semana alegre, recebemos a triste notícia que a D.Irene havia falecido. Ela faleceu três dias depois da minha última visita, quando estávamos indo para Recife. Foi muito bom revê-la e novamente estar com a sua família, marcando assim a nossa despedida.

Em maio minha irmã caçula, Nair, faleceu em Pouso Alegre. Sempre estávamos juntas, lá em minha casa. Era uma pessoa caridosa e sempre me dizia: “fazer o bem sem dizer a quem”. Nair não queria que eu fosse para Natal. Ficou muito triste quando me mudei. Dizia para mim que ia ficar só!

Maria não se adaptou a nova vida em Natal! Retornou após quatro meses, em julho, para morar novamente em Bragança Paulista. Foi sua **vigésima nona mudança!** A motivação foi ficar próxima do filho Antônio Carlos e da fazenda também.

Passei momentos bons com a família do Antônio Carlos e tivemos felizes encontros. Muito agradável foi o almoço num mosteiro para comemorar o aniversário da minha neta Alessandra.

Fizemos vários programas, diversos passeios e uma noite de pizza com a Terezinha. Este foi meu último encontro com a Terezinha, pois alguns meses depois ela faleceu. Tenho dela uma grande saudade. Estas experiências de morar em Natal e Bragança Paulista, pelos bons momentos que passei, resultaram numa paulatina superação da ausência do Carlos.

O nascimento da minha segunda bisneta, Júlia, no dia 15 de setembro, foi outra minha grande alegria. Júlia é parecida comigo, principalmente quando eu era criança!

Por morar distante do Rio, não posso desfrutar mais frequentemente do convívio com as minhas netas, netos e agora com as duas bisnetas. E sei quanto é importante estar junto delas acompanhando os seus crescimentos e poder estabelecer comigo uma agradável e maior convivência para criar elos e afeição. Sinto muito não estar no Rio com as famílias de meus filhos e os demais familiares da nossa família.

A união da minha neta Karla com o Yure foi outra grande felicidade. Como sempre, atenciosos comigo. Yure já mora no meu coração como se neto fosse. Senti bastante prestigiada pelo convite de almoçar com eles em sua nova casa. Adorei o local, a beleza da residência, os jardins e principalmente o carinho como fui recebida e tratada. Não poderia deixar de me lembrar do Reffe, o seu lindo cão. Adoro estar com meus netos e netas, ainda mais quando estão felizes!

2005 - A trigésima mudança ocorreu de Bragança Paulista para Pouso Alegre. Outra tentativa de Maria residir na cidade de suas raízes.

Mais uma vez, como de outras tantas vezes, fui acolhida pela minha amiga de muitas décadas, Maíse. Ela me apóia com a sua equipe de funcionários sempre nos meus diversos retornos para ali. Logo elegi a Cristina minha secretária para meus assuntos administrativos e financeiros. Aliás, os seus funcionários tratam-me com muita presteza e distinção. Não fosse as amigas, e alguns parentes, não teria a segurança de estar morando em Pouso Alegre, sozinha, novamente.

A novidade agora, nesta nova fase em Pouso Alegre, foi administrar o inventário da Nair. Mais uma vez estou passando pelas mesmas experiências já conhecidas na época do inventário do papai. Uma justiça cega, literalmente, por não agir como deveria e manter ainda a cultura da morosidade, a sua ineficácia e a ausência de imparcialidade. Prendas e influências ainda regem as ações da justiça que deveria vender os olhos para ser justa de fato.

Julia, minha segunda bisneta, é batizada no dia 30 de janeiro. Não pude ir e me senti bastante triste por estar tão longe da família, dos netos e agora das duas bisnetinhas! Não tenho me conformado com o fato de morar longe das famílias dos meus filhos, pois meu sonho agora é estar perto deles e criando laços de afeto e de amor!

Motivada mais uma vez pelos eventos familiares acontecidos no Rio, Maria planejou a sua **trigésima primeira mudança**. Mudança relâmpago! Rapidamente como de costume, partiu!

Logo fiz as malas e me mudei para Botafogo e aluguei um apartamento da neta Mara Lúcia. Após alguns meses percebi que poucas vezes foi possível estar com os familiares. Constatei que cada um tinha a sua vida e que não poderia estar com as netas, os netos e as bisnetas e mesmo com os filhos e noras, com a intensidade e a necessidade que sentia de estar em suas companhias para minimizar a minha solidão e animar o meu cotidiano.

A nova geração precisa desde cedo estar consciente do importante papel de conviver e dar atenção aos mais velhos. Na velhice precisamos da energia dos mais novos. São eles que nos ajudam a sonhar e viver! Tal como antes, a recíproca tem que ser verdadeira. Quando os filhos eram crianças, precisavam da nossa energia e da nossa atenção para seguirem os seus caminhos, sonhando e vivendo! Mas o mundo moderno dos jovens, diante de tantas opções e de tantos compromissos, não permite a nós, idosos, esta importante oportunidade de estar mais assiduamente junto a eles, trocando carinhos e solidificando afetos.

Ao se conscientizar desta realidade, Maria fez as malas, novamente. Contratou mais uma vez uma transportadora. Despediu-se de todos. E voltou para Pouso Alegre comemorando a **trigésima segunda mudança!**

Assim que cheguei a Pouso Alegre, muitos manifestaram a alegria de ter voltado. Foi uma grande comemoração dos amigos, dos parentes e principalmente dos meus fornecedores!

Todos se divertiam com as minhas decisões rápidas de me mudar. Afinal sou “PHD” em mudanças! Não tenho nenhum problema quanto a este assunto.

Organizei vários almoços com meus familiares. Fiquei radiante quando recebi para um lanche a minha sobrinha Claudeth e a minha irmã Tereza. Minha irmã, por razões desconhecidas da medicina, resolveu silenciar-se. Durante anos permaneceu em absoluta incomunicabilidade com os seus familiares. Um verdadeiro milagre aconteceu. Neste dia estava completamente sã, comunicando-se lembrando de todos os fatos da sua e de nossas vidas, inclusive de um verso da poesia histórica dedicado aos Pracinhas de Pouso Alegre, da Força Expedicionária Brasileira, de autoria da poetisa e grande amiga Jandyra Meyer, o qual sem vacilar declamou:

“Tenente Carlos Azevedo,
Nunca soubeste que é medo.
Nunca podias morrer.
Pois deixaste a noiva triste,
Que a saudade não resiste
E que esperavas rever”.

Marcamos um grande evento: o encontro com as minhas queridas primas Wilma, Célia e a filha Márcia, Rita de Cássia e a minha irmã de coração, a Magaly e o primo João Bosco. Fiz um almoço muito gostoso. Ficamos horas recordando nossos bons tempos de juventude e curtindo nossas velhices! Wilma hoje é viúva do meu primo Zezé, que estudou com o Carlos, para quem dizia que ia se casar comigo! Saíram felizes dizendo que a minha casa parecia um hotel cinco estrelas!

Eu organizei um esquema muito agradável para viver aqui e não mais me mudar! Participo de ações comunitárias através da minha amiga Luisa, que é uma criatura especial pelas obras sociais que executa, e também com o meu primo Henrique que atua em prol dos mais necessitados. Ele é filho do meu querido e saudoso Tio Lelé com quem fazia vôos panorâmicos. Assim, vamos fazendo nossas parcerias anônimas! Lembrando de minha irmã Nair que dizia: “fazer o bem, sem dizer a quem”.

Do Banco Real, tenho a atenção e o zelo da minha gerente Dinorah, que me atende sempre com a maior presteza! E quando não dá, sempre tem uma justificativa plausível.

Aqui tenho a atenção e o carinho constante dos sobrinhos, Ivanise, Marison e Oton. Os amigos Fernando e Adriano cuidam da minha pressão e dos meus remédios. De Petrópolis, vêm meus sobrinhos, Antônio Eugênio e

Verinha. De Machado, vem Tereza Cristina, me visitar, trazendo trabalhos manuais feitos na sua região. Do Rio, Nilza a companheira das minha inúmeras mudanças! Natália é uma nova e distinta amiga. É uma exímia artesã e artista plástica. Vilma é outra amiga solidária e artista de mão cheia, transforma em arte qualquer material. Trabalha também em ações sociais de relevância. Um ser humano especial. A minha cunhada Vera, esposa do Antônio Marcos, tornou-se minha amiga e companheira. E que bom, nos aproximamos muito depois que ficou viúva. A partir deste convívio, penso o quanto seria muito bom termos um encontro de todos da nossa família. Surpreendo-me por visitas inesperadas, como a recente visita de meu irmão Celso. A Nara, minha cunhada sempre que pode vem me fazer uma visita rápida. E as visitas das primas Penha e Sônia Maria, com boas conversas espirituais!

Sei que movimento a minha vida com todos e inclusive mantenho uma rede de fornecedores de deliciosos produtos que me entregam tudo em casa, basta apenas eu telefonar. É o meu “disk tudo”.

Glória me faz sequilhos, doces em calda e roscas com o gosto das roscas da Sebastiana, além de me fazer companhia de vez em quando, para não dormir sozinha. Margarida, num atendimento todo especial, me faz carnes fatiadas com molho de azeitonas verdes e acebolado além do porco à pururuca, que todos da família já tiveram o prazer de saborear. Neusa me faz massas maravilhosas. Seu Eduardo me traz os melhores torresmos que já experimentei e queijos de qualidade. Roberto, do delicioso pão recheado com lingüiça e a Estação Gerana, além de refeições naturais muito gostosas, me fornece os pães de sabores variados – de cenoura, de tomate, de beterraba, de espinafre - que são apreciados por todos amigos. Paulo, meu antigo açougueiro (filho do açougueiro do papai) me manda as melhores carnes e muito bem tratadas. Os legumes e frutas frescas são fornecidos pela Paula e sua família, da Casa Yoshiro. José Roberto é

o meu fornecedor de peixes. E nas festas de aniversário, a Shirley é quem faz sucesso, em meu lugar, com seus bolos doces e salgados. Mara Borges que cuida dos meus cabelos e do embelezamento das minhas unhas. E adoro falar ao telefone, pois é através deste que dou movimento a minha vida. Adoro este entra e sai de pessoas na minha casa!

Mas assim vou vivendo, uma visita de um amigo, de um parente ou dos filhos, e claro, uma visita habitual de um médico para me tranquilizar quanto a minha saúde. Faço um grande movimento dentro da minha casa e as mudanças acontecem com ou sem transportadoras, mesmo que ainda todos os móveis e meus pertences continuem agora no mesmo endereço, só mudando de lugar!

Leio a Caras, toda semana e faço a Palavras Cruzadas. Sou craque! Minha companheira é a televisão. Sou uma telespectadora antiga e assídua dos programas da Hebe Camargo (e adoro quando faz críticas aos políticos!), do Sílvio Santos (respondo e acerto inúmeras perguntas dos seus programas e participo de todos os jogos – um “bem” de família!) E sou sócia dele nas “tele senas” – nunca fui sorteada! Adoro o programa musical do Raul Gil e dos programas de dança do Faustão! Vejo alguns filmes de época. Acompanho a TV Câmara e principalmente a do Senado. E gostaria que o Senador Cristovam Buarque fosse ministro vitalício da educação no Brasil!

E viva a televisão, que me distrai significativamente!

Os eventos sociais da família vão acontecendo e, na medida do possível, vou participando pessoalmente ou não. Em dezembro, recebi o original e lindo convite de casamento do André, filho do José Alberto e da Vera, de coração, com a Marianna. Uma caricatura dos dois convidando os amigos mais íntimos para uma cerimônia diferente. Infelizmente não pude ir. Mas soube que foi um momento de muita alegria e criatividade, somente para

amigos mais íntimos. Depois recebi de lembrança uma foto dos quatro brindando a minha “presença” ausente! Eles são muito delicados comigo. E considero-os meus netos do coração, também!

2006 - Maria não resiste a um mínimo estímulo quando o assunto é mudar! Ela realmente gosta deste vai e vem. Decidiu ir, ela vai! Decidiu vir, ela vem! E age com a maior tranquilidade. Eis uma nova mudança.

Desfiz de muitos pertences. Foi um ano de distribuição de objetos para a família. Entrei o ano disposta a querer cada vez mais ter uma casa simples, mas bonita como sempre. E destas arrumações, fiquei muito feliz de poder doar a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, para a igreja com o mesmo nome do Distrito de Bela Vista, no Município de Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte. A linda imagem eu ganhei de presente quando a Vera Lúcia nasceu. Providenciei a confecção de uma linda coroa e mandei restaurá-la. Enviei para a Prefeitura Municipal e sei que já está na igreja. Atenciosamente, o prefeito telefonou-me para agradecer.

Aproveitei a visita da Vera e fomos para o Rio, no dia 5 de agosto para o casamento do Marco Antônio e da Larissa. Ao estar com toda a família senti novamente uma enorme vontade de ficar morando no Rio. Como sempre, desejo ficar próxima de todos, já imaginando, com os netos que estão se casando, os bisnetos chegando para animar a vida dos seus pais, avós e a minha vida também. Perto, posso estar participando dos nascimentos, batismos, dos eventos festivos dos aniversários, das confraternizações, da evolução nas escolas, das formaturas e vivenciar a minha função de avó, de madrinha e de bisavó com mais frequência, como sempre fui acostumada, em relação as minhas avós.

*Não precisei muito tempo para decidir pela **trigésima terceira mudança!** Aluguei um apartamento num flat, em Botafogo, e novamente contratei a transportadora. Convoquei a Francisca em Fortaleza, a Olga, minha*

motorista, e a Madalena, caseira da fazenda, e mudei novamente para o Rio, cheia de novos planos para estar junto da família de meus filhos!

No dia 7 de outubro, estava feliz com mais um enlace, o casamento do último neto Márcio Augusto com a Viviane! Neste dia, aconteceu, para mim, um fato emocionante e incomum. O Márcio Augusto saiu do altar num determinado momento para vir até o local onde suas avós, Gladys e eu, estávamos sentadas. Com seu doce semblante e com imensa ternura, beijou-nos. Uma atitude carinhosamente linda e inesquecível que jamais havia presenciado num casamento.

Aproveitei enquanto eles podiam estar comigo, e sabia que não poderia ter, infelizmente, a presença de todos os netos com mais constância. Tive alguns encontros maravilhosos com as famílias da Ana Isa e Maria Helena, minhas primas; com Márcio Flávio e Taninha, Antônio Eugênio e Verinha, Norma e Cláudio José e outros familiares. Todavia, após esses encontros, sentia-me novamente só. Muito só.

Aos poucos fui tentando me conformar com esta realidade que a vida moderna imprimiu aos nossos entes queridos. Estou dia a dia me certificando de que a minha vida mudou e que os valores da minha família são outros diferentes daqueles do meu tempo. Tudo havia mudado. Teria que me adaptar a essa modernidade, mas as primeiras restrições são as da minha idade.

2007 - Em fevereiro, Maria começa a arrumar novamente suas malas para mais uma corriqueira mudança. Pasmem! A **trigésima quarta mudança.**

Cheguei à brilhante conclusão que não precisaria mais me mudar para onde estão as famílias de meus filhos. Não sei até quando este pensamento vai vogar. Penso que vou morrer indo e vindo, dando o meu famoso “prá quem fica tchau”! Pensei que poderia simplesmente ficar num hotel e passar

temporadas para matar as saudades, divertir-me, aproximar-me deles para nutrir o meu sentimento de amor, saber as notícias boas de cada um e retornar ao meu lar doce lar, em Pouso Alegre, Minas Gerais!

Então, mais do que depressa, tratei de marcar um almoço e comunicar que retornaria para Pouso Alegre. Despedi-me de todos, mais uma vez. E voltei para onde não deveria mais sair!

O mais curioso destas minhas mudanças são as agendas dos amigos que não cabem mais tantos endereços e telefones. E a quantidade de comunicados de mudança de endereço para as instituições com as quais me relaciono. Isto sim, é que me dá um enorme trabalho! Mas, adoro mudar de um lugar para outro!

Minha despedida, sigilosamente triste, foi com as minhas bisnetas Luíza e Júlia. Por ter estado com elas alguns dias, pude realmente comprovar que eu e Júlia somos muito parecidas. Existe uma foto minha quando eu tinha quatro anos que mostra a semelhança com a Júlia. Mesmo esta foto que tiramos agora, pode comprovar que somos parecidas! E, dizem os pais, que o nosso gênio é igualzinho: forte!

Queria demais poder conviver mais e estar sempre com elas. Iniciei inclusive um rascunho de um livro de alfabetização e de cidadania: “A festa cidadã das consoantes e vogais”. A festa se passava na cidade das Letras, na Praça do Saber, onde se localizava a Câmara Municipal do Alfabeto e nas ruas das Palavras, das Sílabas e na Avenida das Frases. Sonhava ensinar-lhes a ler e escrever, quando ficassem comigo de férias ou num fim de semana! Mas a idéia deste projeto está apenas esboçada num caderno de sonhos infantis!

Em março, Maria, tristonha e resignada, retorna do Rio de Janeiro para Pouso Alegre, sua cidade por vocação! E faz questão de informar aos parentes,

dando risadas e apontando para dentro do armário uma bolsa com alguns objetos, dando boas gargalhadas!

Esta é a última vez que me mudo! Sei que ninguém acredita. A próxima mudança agora é daqui para o cemitério. Já preparei até um kit morte: um terço de cristal negro que o Carlos trouxe de Roma, abençoado pelo Papa Pio XII, e uma mantilha de renda preta para colocar sobre o meu rosto. Isto se eu não “mudar de planos”. Pois poderei querer ser cremada e aí terei que me mudar para São Paulo, por ser a cidade mais perto daqui. Ou quem sabe, voltar definitivamente para o Rio e finalmente me despedir da vida por lá!

As suas bem humoradas risadas podem significar o lado engraçado do ineditismo do “kit morte”, ou talvez muito mais provável por não acreditar no que diz, ou seja, não ser esta a última mudança da sua longa vida!

Paira uma grande dúvida sobre a minha cabeça: onde estarei morando quando completar a minha trigésima quinta mudança?

Fiz um cálculo: tenho 86 anos, divididos pelo número atual de mudanças, 34, descobri que a cada dois anos e meio, realizo uma mudança - de mala e cuia!

No dia 21 de abril, dia do aniversário da Vera, comecei a subsidiá-la com informações para escrever a minha biografia. Idéia dela, concordância minha, patrocinado pelo querido e saudoso esposo e pai.

Desde os primeiros momentos, este livro teve um significado e uma repercussão emocional extraordinária e muito maior do que eu podia imaginar.

A motivação para escrevê-lo baseou-se na importância de resgatar aspectos de minha vida e, principalmente, meus anos como educadora, e claro, alguns fragmentos da minha vida particular, deixando registrado este legado aos meus familiares, mas, especialmente, para minhas bisnetas e meus bisnetos.

Pareceu-me interessante e diferente comemorar editorialmente os meus muito bem vividos 86 anos, não fosse o obstáculo causado pela minha queda na fazenda, que me obrigou a ficar num longo repouso reparador. A minha imprescindível colaboração permitiu a rápida definição dos temas que seriam abordados e, prontamente, disponibilizei meu acervo fotográfico particular, documentos meus profissionais, livros da família e resenhas escritas por parentes, autores de pesquisas das famílias Simões, Ribeiro, Carneiro e da família Azevedo, o que abreviou enormemente o trabalho e o tempo da pesquisa. Respondi a um questionário formulado pela Vera para ajudá-la cronologicamente a se orientar pelos fatos de importância.

Surpreendente mesmo foi a nossa animação e o nosso envolvimento na busca por arquivos fotográficos, pelos telefonemas aos parentes e amigos e pelas demais etapas e ações tomadas para a realização deste trabalho editorial, pois o livro parece estar interessante para todos. E destaco a incansável colaboração da minha querida sobrinha Ivanise, e em especial da minha prima Penha, que resgatou informações e fotografias preciosas de meus ancestrais em Consolação., bem como a minha prima Celina.

Em 2007, o acontecimento mais notável na vida de Maria, além dos aspectos já considerados sobre sua interatividade com todos os seus familiares por meio da telecomunicação, foi colocá-la diante de um computador para se utilizar da comunicação eletrônica. Foi possibilitar a ela conhecer e experimentar os simples mecanismos e os benefícios da informática, como a internet.

A finalidade foi tentar estimulá-la a se tornar uma usuária do mundo virtual para que pudesse continuar a exercitar a sua lucidez, a sua criatividade e a sua capacidade de mobilizar dezenas de pessoas em torno de suas causas. Se de fato ela utilizar tais dispositivos eletrônicos, será mais uma mudança e nada radical, diante das dezenas que Maria está acostumada a realizar.

Quem sabe, o sonho de poder ela mesma digitar suas próximas histórias. Escrever o iniciado livro infantil para as bisnetas e registrar as suas próximas experiências, tudo digitado pelas suas próprias mãos!

Tão animada mostrou-se com a elaboração deste livro, que já sugere o tema do próximo: “As minhas empregadas domésticas”. E serão centenas de relatos engraçados e educativos!

As mudanças de Maria para um local a outro são apenas indicadores de sua vitalidade. As suas revelações inéditas, existenciais e emocionais, trouxeram surpresas do seu dia a dia, durante a construção dos seus oitenta e seis anos.

Agora, tenho novos desafios pela frente. Novas conquistas, mais êxitos, outras alegrias, outros nascimentos, mais batizados, mais aniversários, outros quinze anos, mais formaturas, outros casamentos e alguns tataranetos para acarinhar.

Basta não me deixarem nunca a sós. O meu oxigênio são meus filhos, noras e genro, meus netos e netas. E principal e especialmente as bisnetas e os bisnetos vindouros, por serem as crianças o néctar da alegria daqueles que já envelheceram e necessitam da voz familiar, da presença atenciosa de um filho, da energia vibrante dos mais jovens, da permanente atenção e cuidados.

Já fui jovem. Já cuidei dos idosos da família. Já cumpri plenamente a nobre e agradável dádiva divina que é conjugar bem, em todos os tempos

e modos o mágico verbo VIVER com a presença e a sabedoria dos nossos mais velhos!

Espero a aproximação de todos para continuarmos promovendo os memoráveis encontros que estão por chegar, pois a vida continua. E muito mais importante do que a vida continuar é manter a união das nossas famílias!

Se Maria demonstrou curiosidade em saber onde estará na sua trigésima quinta mudança, não devemos e nem podemos deixar de prever a quinquagésima! Talvez esteja no Rio para comemorar os seus 100 anos de vida.

Os meus 100 anos serão passados em companhia de meus tataranetinhos, repetindo tal e qual foi possível vivenciar pela minha querida madrinha avó Sianinha!

Viver é sonhar!

É recomeçar. Ter coragem para enfrentar o novo.

É partir para outras paragens.

*Só que com esta idade não usarei mais o meu antigo
carro de boi!*

2022 – No futuro dois de novembro deste ano, será o Centenário de Maria Aparecida Simões Azevedo.

Afinal, todos nós sabemos que a vida é um sonho. E o sonho? É um sonho!

Devemos nos comprometer a tornar os sonhos possíveis da nossa Maria para motivá-la a viver cada um dia a mais de sua vida e criar outras histórias nos próximos 14 anos, como estas aqui contadas sobre as

Oitenta e seis primaveras da Prima!

Mensagens de
carinho e de afeto

Família de José Ribeiro Simões



Filho primogênito de quatro varões de Antônio Flávio Simões e Anna Cândida Simões, ladeado da filha mais velha, Maria (Prima) e de sua mãe Dona Anna. Compõem a foto as demais filhas, genros, netas, netos e filhos de Benedicta Carneiro Simões e das segundas núpcias com Sebastiana Almeida Simões.

Antes de apresentar alguns afetuosos depoimentos de familiares e amigos de Maria, destacamos, com carinho e com afeto, os nomes dos varões da Família Simões, representantes da oitava geração.

Esta homenagem é para que se sintam honrados, nesta oportunidade, não só presentes no livro da irmã, da tia e da prima Maria, mas, sobretudo para tocá-los do importante legado de perpetuar e disseminar o conhecimento sobre as suas famílias e que possam deixar registradas bonitas passagens e histórias aos seus descendentes, complementando a nossa história que teve início no século XVIII, portanto há 280 anos passados.

São nossos queridos homenageados:

Guilherme Simões e Rodrigo Simões - Filhos de Celso Flávio de Almeida Simões e Maria de Fátima Félix. Netos de José Ribeiro Simões e Sebastiana de Almeida Simões.

José Luiz de Paula Simões - Filho de Benedito Fernando de Almeida Simões e Nara de Paula Junqueira. Neto de José Ribeiro Simões e Sebastiana de Almeida Simões.

Marco Antônio Savioli Simões - Filho de Antônio Marcos de Almeida Simões e Vera Lúcia Savioli Simões. Neto de José Ribeiro Simões e de Sebastiana de Almeida Simões.

Luiz Antônio Medeiros Simões - Filho de Antônio Luiz Prado Simões e Célia Medeiros Simões. Neto de Joaquim Ribeiro Simões e Conceição Prado Simões.

André Kersul Simões - Filho de Dênio Marcos Beraldo Simões e Sônia Maria Elias Kersul Simões. Neto de Vicente Ribeiro Simões e Ana Beraldo Simões.

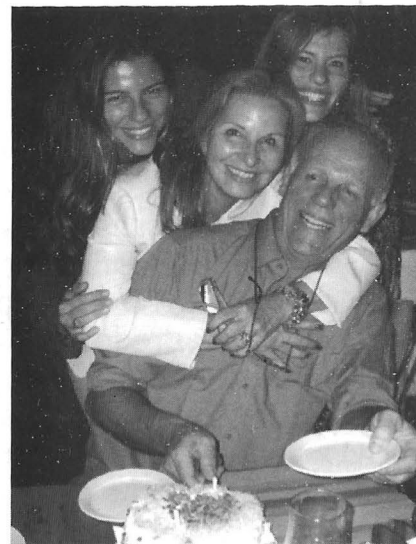
Luiz Flávio Simões - Filho de Luis Gonzaga Toledo Simões e Vânia Lúcia Ragalsi Simões. Neto de Geraldo Ribeiro Simões e Clarice Toledo Simões.

Este capítulo foi reservado para registrar alguns lindos, carinhosos e históricos depoimentos sobre a filha primogênita de José Ribeiro Simões e Benedicta Carneiro Simões, atualmente a mais velha representante da Família Simões.

Mãe Maria (acróstico)

Mãe-pai, duas vezes mãe,
Ativa e educadora,
Cozinheira eficaz
Algemas da nossa união
Ranzinza com suas empregadas
Remédio de nossas mazelas
Origem de nosso amor
Neurótica de suas dores
Alimento de nossa família
Decência em suas atitudes
Aglomerado de virtudes

Delicadeza em pessoa
Orrvalho do amanhecer
Bondosa com as amigas
Regatear, nunca! Dá mais do que cobram
Artista na cozinha
Depressão, nem pensar!
Impar no tempero
Nervos de aço
Hospedeira por natureza
Alucinada por um fogão



Antônio Carlos - Filho.

P é de galinha, preferência nacional
O rações, sempre ao deitar
R eligião, católica por convicção
C osturar e tricotar, é pura diversão
O cupação: mãe 24 h por dia.

P ortal de nossas vidas
U mbigo da família
R omântica? Nem um pouco.
U rna de segredos
R iqueza de memória
Ú tero! Minha primeira morada!
C arinho? Comida neles!!!
A juda quem puder

E xemplo de esposa

F ada para seus filhos
E ducadora por profissão
I ndependência a toda prova.
J oguinho? Opa! Esse é de lei!
O mbro amigo
A mor de mãe!
D oação constante
A miga das horas incertas

Mãe, simplesmente mãe!

Antônio Carlos - Filho.

Minha sogra D. Maria

Diz a tradição oriental que a mulher vem reencontrar a sua mãe da vida passada, na família de seu marido. Sim, eles dizem que a mãe do marido, a sogra, teria sido a mãe da nora na vida anterior. Achei muito interessante ouvir isso em um seminário da Mahikari, aqui em Bragança Paulista, contado por dirigentes íntegros e muito sérios. Talvez por isso tenha uma ligação muito forte com D. Maria, mãe do Antônio Carlos, como ela o chama, meu amado KK. Respeito, carinho, cuidado, vontade de vê-la bem e feliz. Admiração por sua postura profissional, sua organização, seus dotes culinários. Também não poderia deixar de admirar sua integridade e o que ela já plantou em seu caminho. As lembranças felizes que levam seus ex-alunos às lágrimas também me comovem, e seu semblante, algumas vezes enérgico e desafiador, chega a me assustar, pois aquela mulher brava e inteligente deixa-se enganar por compaixão e por amor. Uma contradição que confunde até os que convivem de perto com sua fortaleza e pensam que a conhecem por inteiro. A culinária é a sua forma de demonstrar carinho, portanto, se você não come o que ela oferece está magoando-a. E aí, lá se vai o nosso regime. Pães, biscoitos, empadinhas, doces, torresmo, tudo muito bem temperado com o amor de D. Maria. A bondosa D. Maria, sensível às dores dos outros, solidária e amiga fiel. Briga com os amigos, reclama, mas não os desampara. A Rainha D. Maria Aparecida, altiva, dominadora, prendada, boa esposa, mãe, excelente avó e bisavó. Linda mulher, cujos anos não lhe apagaram a beleza e o domínio de suas vontades. Tímida, frágil, doce, sensível, nobre, vaidosa, engraçada, reservada. É assim que vejo D. Maria, minha sogra, amiga, minha mãe da outra vida! ?

Ana Rosa - Nora.

“Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante, para o meu, para o meu amor passar”. Com a voz da vovó me embalando eu entrava no meu mundo de sonhos e só acordava no outro dia. Doces lembranças de minha infância. Relação conquistada com o tempo, com carinho, emoções, troca de afeto, cumplicidade. Dez dias em que a Vovó hospedou-se em meu apartamento em São Paulo, na época da copa do mundo na França, somente nós duas, as verdadeiras campeãs da Copa, fomos nós, nossa amizade, nosso encontro franco e verdadeiro para sempre. Minha amiga, minha amada, minha avó Maria.



Alessandra - Neta.

Vó Maria,

Uma caixinha entalhada em madeira maciça, com uma bela fechadura. Um coração mole bem guardado lá dentro, chaves, para poucos. Talvez contradição seja uma boa palavra para defini-la, ou para começar pelo menos. Minha avó é assim: pinta de alemã, jeito de mineira. Braba sim, mas doce, quando lhe tocam a alma. Reclama veementemente das pessoas que mais ama e depois lhes dá demonstrações sinceras e irresistíveis de afeto. Minha avó é assim: amiga fiel dos amigos, apesar das desavenças. Personalidade forte. Gênio difícil. Mas nada que o amor não dobre. Mulher inteligente. Gosta de ensinar e de cozinhar. Dezoito

pratos diferentes para um simples jantarzinho. É o amor que sai das panelas e das letras que se aprende a ler e escrever. A sombra azul lhe realça os lindos olhos verdes. As unhas impecáveis, os cabelos sempre feitos, brincos e anéis. A vaidade sem idade aos 50, 60, 70, 80, 90, 100...E como não poderia deixar de dizer, ela é surpreendente. Numa visita muito especial, não era aniversário nem Natal. Chegou à minha casa com um presente: a aliança de casamento do vovô Carlos. Nada poderia ser mais especial do que aquela aliança dada por minha avó. Presente cheio de lembranças, de conquistas, de amor e de saudades. Sem mais palavras! Minha avó Maria é assim.

Karla - Neta.

Minha querida “mamã”!

Falar de mãe de um modo geral é tarefa difícil, pois que ao amá-la temos a parcialidade de filho e quase sempre ficam, numa mesma moldura, os elogios e as manifestações de amor, porque mãe é sempre igual. Descreveria páginas e páginas a falar da minha mãe que se preocupava com a boa educação dos filhos, das insônias para cuidar de nós quando adoecíamos e, em especial, do acordar cedo para preparar a minha marmita quando comecei a trabalhar. Enfim, uma mãe dedicadíssima. Mas prefiro falar, nesta oportunidade, da mãe como mulher e de como a vi como homem e não como filho ao longo de minha vida. Defino-a como uma mulher determinada em busca de desafios profissionais. Da independência e da fortaleza interior, características marcantes porque foi criada fora da rotina do ambiente familiar. Bem novinha fora arrebatada pela sua Tia Zeca, que a criou até ir estudar em Taubaté, no Internato



do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, e outra razão é relevante, que aos 19 anos, contrariando a tendência geral da época, foi estudar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae em São Paulo, e morando sozinha no pensionato na Rua Caio Prado nº147. Esta característica de independência tornou-a uma guerreira na arte de superar os obstáculos: afastada da família, órfã de mãe aos 18 anos e dominada pelo machismo característico de sua geração. E mais adiante, reconhecida com títulos e elogios dos mais elevados como uma empreendedora educacional como o livro relata com mais detalhes. A manifestação de carinho revela-se através da atenção que tem com todos e se transmite de uma forma singular presenteando-nos com lindos artigos e objetos úteis comprados das artesãs da família e das comerciantes amigas. Movimenta um micro comércio e, por isto, sempre incentivando o trabalho, a produção, a geração de emprego e renda. E, não podendo esquecer os expressivos e bem vindos cheques nas horas exatas! Outro carinho especial são as guloseimas que adora preparar com toda competência e criatividade. Isto me faz lembrar um comentário do pai que dizia: “quando alguém bate na porta de casa, a Maria corre para a cozinha”. Por fim vejo minha mãe como desprendida das coisas materiais, lutadora e determinada até hoje, não se deixando abalar pelas mazelas que a vida nos regala e sempre procurando ajudar aos que necessitam de sua ajuda. Ainda que distante de você, meu amor é o mesmo e o guardo bem guardado dentro de uma caixinha de fósforo! Este objeto útil para acender o fogão que em todo Natal lhe dava de presente quando ainda era bem criança! Parabéns, obrigado por tudo e muitos beijos. Muita saúde, e é muito bom saber que poderemos comemorar seus 86 anos e que nos próximos 14 anos comemoraremos o seu centenário!

Paulo César - Filho.

Dona Maria,

Recebi com enorme prazer a incumbência de escrever algumas palavras sobre Dona Maria, minha sogra. Não foi uma tarefa fácil escolher o assunto, pois tenho muitas e muitas lembranças de todos estes anos. Quando noiva, convidou-me para ir para Pouso Alegre. Aceitei, com medo, pois era muito importante ser bem recebida pela família, principalmente por ela, a Mãe, afinal, eu iria me casar, em breve, com seu filho. Naquela época, estava fazendo muito frio e eu logo peguei um resfriado. Logo pude sentir que não teria uma sogra, e sim, uma segunda mãe, tal o carinho e os cuidados que teve por mim, apesar de não querer me lembrar o número de gemadas que tomei. Fiquei logo boa. Em outra época, recém-casada, fomos a Monte Sião. Havia uma Kombi que fazia este trajeto numa estrada que era de barro e com muitos buracos e ficamos hospedadas no Motel Clube de Minas Gerais. Bem, dormíamos em um hotel e comíamos em outro. Ríamos muito, pois se precisava de um copo tinha que pedir em outro hotel. Foi a primeira vez que ficamos sozinhas e pudemos nos conhecer melhor, e o tempo mostrou que realmente eu não me enganei, ela era a sogra que eu queria. Mais tarde, já casada, fomos morar em São Paulo. Mara Lúcia era recém-nascida e nós começando a vida. Tudo era difícil e Mara Lúcia crescendo, engordando e perdendo as roupas. Escrevemos uma carta para Dona Maria comentando o assunto. Logo veio a resposta com um grande embrulho: vários vestidos para a neta. Como nos ajudou! Daí em diante, eu não poderia dizer qual ajuda foi a mais importante, o que sei é que sempre, até hoje, ela está pronta para nos ajudar e, mais importante para mim, fui recebida por ela como filha, e, como tal quero agradecer todo o carinho, todas as palavras, toda ajuda material que me confortou em momentos difíceis e me fez alegre em momentos felizes. Espero dar a meus filhos, meu genro, minhas noras e minhas netas a mesma alegria que você Dona Maria nos deu, sendo sempre para nós um exemplo para a família.

Théa Lucia - Nora.

Minhas lembranças da Vó Maria,



Não tenho como esquecer o nosso jogo de buraco. Mal sabia escrever, mas já tinha uma ótima convivência com os números, ao menos de 1 a 10 sem contar o J/Q/K/A. Ficávamos horas jogando um carteadado, mas sempre preocupadas com a chegada do Vovô Carlos. O vovô ficava uma fera se soubesse do nosso joguinho. Mas cá entre nós, esta era a melhor parte: jogar escondido e sempre no clima de aventura. Lembro de uma vez que estávamos na Urca, e neste dia o vovô Carlos chegou mais cedo. Só deu tempo de embrulhar a toalha com todas as cartas juntas e fingir um sorriso amarelo... A sorte é que o jogo era sempre na cozinha, lugar predileto da vovó Maria. Então dava sempre para disfarçar com um lanchinho improvisado e a justificativa das duas não saírem da cozinha. Vovó Maria, agradeço por tudo. Pela sua atenção e preocupação com o nosso crescimento pessoal e profissional. Pessoalmente destaco o seu lado família e as confraternizações que sempre foram sua marca registrada com os almoços que você preparava. Eu adorava quando você separava o meu lombinho e as batatinhas portuguesas! Profissionalmente, agradeço a ajuda quando, em 1994, eu estava pagando o meu primeiro carro e você me apoiou com a Pós Graduação na PUC, lembra? Com certeza me ajudou, e muito, a alcançar os resultados pelos quais eu batalhei. Beijos carinhosos.

Mara Lúcia - Neta.

Vó Maria, minha madrinha,

Não me lembro de como aconteceu, talvez seja melhor uma revisão dos fatos com os meus pais. Mas no meu batizado, os padrinhos que haviam sido convidados, faltaram. Talvez pelo fato de alguns acharem que eu não vingaria. É!



Bati recorde de espera “abandonado” no altar, pelo menos não foi por uma noiva, pois seria um trauma pior para ser superado! A quem meus pais recorreram? Vovô Henrique e Vovó Maria. Foi assim que a minha avó, também se tornou minha madrinha. E olha que foi um presente divino, ter como padrinhos uma avó querida e um avô querido. É muito melhor do que ter pessoas que hoje nem lembrariam que eu existo. Quem não achava que eu vingaria... sifu! Outro fato que me recordo, quando eu tinha cinco anos de idade e vovó Maria fez uma viagem conosco para os EUA e Bahamas. Eu era muito pequeno, portanto, não me lembro de muita coisa. Mas outro dia, na casa dos meus pais, eles me contaram que na ida para Key West, começou a ventar muito forte, tão forte a ponto de ter que parar o carro no acostamento e suspender a viagem. Engraçado, que a preocupação da vovó, era de não deixar que eu saísse do carro, pois eu era muito magro na época e poderia ser levado pelo vento. Ah, quando a vovó e o vovô foram morar em Jacarepaguá, eu passava para um lanchinho na casa deles, toda a vez que voltava da escola a pé. Nunca na minha vida, lembro de ter entrado na casa da Vovó Maria e ter encontrado a mesa vazia. Sempre tinha um bolinho, uma rosca e um café para tomar. Parecia até coisa de interior, mas acontecia no Rio de Janeiro mesmo. Lembro-me da galinha, pendurada no gancho da rede na parede da casa da Fazenda, por um final de semana inteiro. Achava aquilo muito estranho, mas valia à pena. Pois, um dos pratos preferidos por mim é a galinha ao molho pardo, somente o da vovó. Lembro-me da vovó operada de catarata. Foi no dia em que ela conheceu a minha noivinha. Vovó de óculos escuros, bem

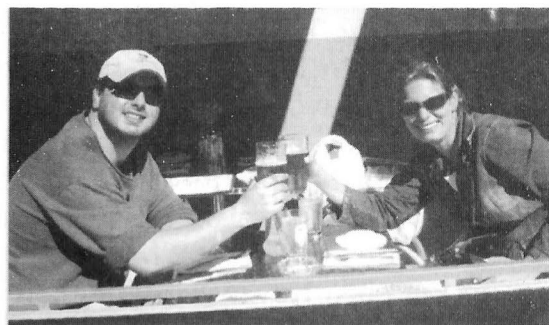
modernosos. Parecia uma surfista do arpoador (e está aí a foto para mostrar)! Lembro-me, coisas da infância, das brincadeiras e dos barulhos imitando puns feitos pela boca para acompanhar a sinfonia do ronco do vovô Carlos, o que nos fazia dar muitas gostosas gargalhadas! Fomos crescendo, a vida nos levando para vários caminhos, mas a vovó Maria esteve sempre cá. Distante em quilômetros e perto do coração. Amo você, minha avó-drinha!

Marco Antônio - Neto e afilhado. Beijos da Larissa

Mesada de adulto.

Vovó Maria, um brinde de chope, prá distrair!

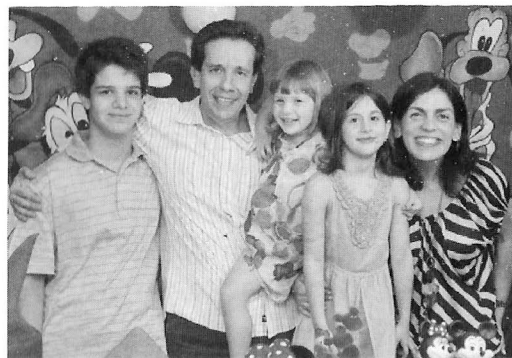
De 2005 até 2006 eu recebi da minha avó Maria uma mesada para me ajudar nos estudos. Essa mesada teria como destino o pagamento da mensalidade da faculdade de administração. Por minha total irresponsabilidade não utilizei esse carinho para tal finalidade. Aproximadamente 80% do montante total, utilizei para compra de cerveja, uísque, “prosecco”, flores, decoração, som e igreja. Resumindo, esse carinho que eu recebi da minha avó e o investimento resultou no dia mais feliz da minha vida: meu casamento! Durante todo esse tempo faltou coragem para contar que não utilizei essa mesada com o propósito inicial, meus estudos, mas hoje eu tenho o maior orgulho em falar que esse foi um dos melhores presentes que eu ganhei, mesmo que nem ela ainda saiba disso. Obrigado Vovó. E um brinde pela sua existência e saúde!



Márcio Augusto - Neto. Beijos da Viviane.

Querida vó Maria,

A sua energia contagia todos sempre. Curiosa, atenta, dedicada, lúcida e, principalmente, uma lutadora. É realmente de se admirar como você se envolve com tudo e a vontade de agradar a todos! Agradecemos o carinho e a dedicação a sua família que tanto se orgulha da nossa querida e amada Vó Maria. Beijos.



Eduardo e Bruno - Pai e irmão de Luíza e Júlia.

Bivó Maria,

“Estrelinha que brilha no meu coração.
E as 3 Marias lá no céu. A lua ilumina todos nós.
E a estrelinha ilumina o papel.
Se eu fosse uma estrelinha escalaria o céu.
Boa noite estrelinha.
Eu vou sempre te amar. Parabéns.
Tenha muitas felicidades no seu coração.
Feliz aniversário”
Luíza - Bisneta.

Bisa Maria,

“Você é o meu amor!”

Júlia – Bisneta



D. Maria, nossa avó por adoção!

Quando pensamos em escrever um texto em homenagem aos 86 anos de D. Maria, veio-nos à lembrança um poema que lemos recentemente. O poema de Olavo Bilac, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos mais notáveis poetas brasileiros. Encaixa-se perfeitamente à homenagem deste livro e mostra que velhice pode ser e deve ser sinônimo de beleza. Então, deixamos aqui registrada a obra do poeta, que se tornou, ao longo dos anos, uma leitura obrigatória. Um brinde aos anos! Um brinde à vida!



Beijos da nossa família feliz: Vera, José Alberto, Marianna e Andre – Filha, genro e netos do coração.

A velhice

*Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...*

*O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.*

*Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem*

*Na glória de alegria e da bondade
Agasalhando os pássaros nos ramos
Dando sombra e consolo aos que padecem!*

*Olavo Bilac
1865 - 1918*

Minha querida Dona Maria,

Deus é testemunha do quanto a amo de verdade e da minha amizade por todos da família do Doutor Carlos. Sou grata pela oportunidade que tive na minha vida de poder trabalhar na Urca, desde os anos sessenta, aprendendo a fazer o meu primeiro arroz! Hoje, todos adoram minha comida que aprendi com a minha mestra – a Senhora. Desejo tudo de bom e muita saúde e paz junto aos seus filhos e famílias. Mas desejo especialmente que estejamos sempre juntas: nós, a senhora, a sua filha Vera e a linda família que ela constituiu com o Zé e André. Sempre estarei ao seu lado quando precisar da minha presença amiga e leal. Um beijo carinhoso. Muito agradecida por tudo o que a senhora faz por mim.



Francisca Moraes Neta – Ex-empregada e amiga de todas as horas.

Dona Maria,

Celebrar a sua história de vida é o que faz toda a diferença. Obrigada por lembrar sempre de mim.

Rejane Marinho – Amiga de Tibau do Sul.



Maria Simões,

Nossa velha amizade tem sabor e tem excelente tempero. Tem carinho, tem respeito e por tudo o que a Senhora representa pelo nosso convívio, tenho certeza da nossa mútua gratidão. Desejo continuar sempre deliciando a nossa vida com nossos quitutes e nossas prosas gostosas e sadias. Muita saúde e muitas alegrias na sua vida. Com carinho de sua amiga quituteira de todas as horas,

Maria da Glória Reis



Falar sobre a caríssima amiga Maria é falar e sentir a alegria, o carinho e a percepção que emana do seu coração em nossas situações difíceis que nos cercam, pois que ela sabiamente, com delicadeza, sabe como ajudar indiscriminadamente a todos, e porque “Quem faz o bem não sabe nunca todo o bem que fez”. Parabéns, saúde e proteção divina é o que lhe desejo.

Elba Mayor - Amiga.



Dona Maria Aparecida

Algumas pessoas são especiais e se destacam pela seriedade, pela inteligência e pelo empreendedorismo. Assim naturalmente, aprendemos a admirar Maria Aparecida Simões Azevedo; professora por formação, idealizadora por natureza. Tivemos o privilégio de conhecê-la e de conviver com ela, nos anos felizes em que lecionamos no Instituto Menino

Jesus e no Colégio João XXXIII, dos quais foi fundadora. A ela nosso respeito.

José Adolar Fernandes e Rosemary de Paula Fernandes. Amigos e ex-professores do Ginásio João XXIII de Itajubá.

Amiga Maria Aparecida,

Foi fácil tornar-me amiga de Maria Aparecida. Quem a conhece sabe quem ela é. Prestativa, caridosa e colaboradora. À ela, o meu carinho e o meu reconhecimento dos seus valores. Pela sua vitalidade interior, pela sua luta e pelas suas vitórias, peço que com a presença de Deus ainda seja muito mais fortalecida. Você é muito linda e por isso penso em você como se fosse um jardim que deve ser sempre cuidado e adubado.

Natália Simas Floriano Peixoto – Amiga



Querida Dona Maria,

Tenho o maior prazer de participar dessa homenagem e grandes razões para lhe agradecer: porque sempre nos recebeu com tanto carinho, em sua casa; ajudou-me a conseguir, no IPEA, meu 1º emprego na carreira profissional; ao saber da vontade da minha filha Priscila, então com 3 anos,

prontamente fez para ela um vestido igual ao que havia feito para sua neta, Alessandra; sempre tem, gentilmente, um presente para cada pessoa que a visita; prepara comidas maravilhosas; sempre foi um exemplo de mulher, mãe e profissional; e concede-me a sua amizade há 50 anos. A essa mulher tão especial, a quem homenageamos pelos oitenta e seis anos, nossos parabéns e um grande beijo.

Márcia Cintra, Ricardo, André, Priscila e Marcello - Amigos da Urca



Maria Aparecida Simões Azevedo,

Prima para os irmãos e parentes. Embora eu não seja irmã de sangue, mas de coração, quero externar minha amizade e gratidão por você. Erguerei o meu cálice para brindar o seu nome e a sua felicidade. Obrigada por fazer parte de minha vida. Com carinho. Salve o dia 2 de novembro!

Magaly Teixeira– irmã do coração.

Minha amiga D. Maria

A amizade é a moradia da ternura e do afeto. Parabéns por seu aniversário. Parabéns por suas realizações, por sua obra. Orgulho-me de ter a sua amizade.

Lydio Alberto Alves - Amigo e fã.



Amorosa D. Maria,

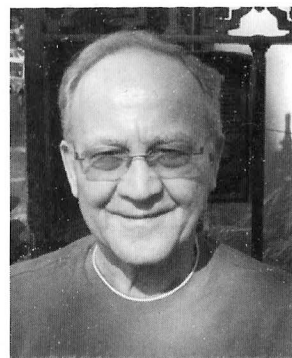


Por ser a senhora mãe da minha amiga Vera, e sendo eu Vera também e filha de uma Maria, sempre me senti muito ligada a esse carinho materno-filial das Marias e das Veras. Com muita gratidão e afeto, desejo-lhe muitos anos de vida.

Vera Garcia - Amiga de Roma.

Tia Maria,

Os tios são sempre queridos por nos remeterem à lembrança amena dos pais, por não exigirem nada e só agradarem. Mas a querida Tia Maria sempre superou esta suave figura por marcar profundamente com muito carinho a minha infância e adolescência. Desejo que a presença da Tia Maria continue sendo marcante no seio da família, como tem sido neste longo convívio pleno de carinho e amizade.



Beijos do Márcio Flávio Azevedo Taulois – Sobrinho.



Tia Maria,

A senhora não é minha tia de sangue, mas é minha tia do coração. No dia de seu aniversário queremos celebrar na alegria e na fraternidade a presença de Deus em nosso meio. Ele é o Deus da vida e o pai de cada um nós que formamos a sua família. Sintamo-nos, portanto, todos acolhidos e amados por ele, de modo muito especial, a senhora também.

Taninha Muller Taulois – Sobrinha.

Minha irmã, Prima.

Você é um exemplo marcante de luta. Espelho-me em você. Muitos beijos.

Neusa Simões – Irmã.

Minha madrinha Maria.

Mulher corajosa, resignada e um exemplo para qualquer ser humano. Que Deus a conserve assim por muitos anos.

Francisco Ferrer – Cunhado e afilhado.

Falar sobre D. Maria Simões é falar de amor e de sensibilidade, bondade e coração nobre. É uma pessoa linda e ainda Deus a presenteou com seus olhos maravilhosos que conseguem ver o mundo colorido e pleno de amor. Sua família, com seus filhos bondosos, inteligentes e seus grandes amigos, ofertaram-lhe lindos netos, inteligentes e amáveis. A todos que a buscam, ajuda e auxilia. Tudo isso vem de sua grande experiência de vida, sabendo que, dentro do seu coração está a capacidade de compartilhar, escutar, compreender e amar. E assim temos o privilégio de conviver com ela e aproveitamos para rogar a Deus, muita paz interior, muitas alegrias e o nosso agradecimento à querida amiga pela amizade tão nobre, pura e sincera. Com a nossa admiração e carinho.

Wilma e Adele – Amigas.



Padrão de modernidade mineira,

Tia Maria, é dez anos mais nova do que minha mãe Emília, mas, pertencendo ambas a um tempo e sociedade de valores muito sólidos - ou melhor, rígidos, do qual o bispo D. Otávio seria símbolo maior - essa diferença não deveria lá contar muito.

Imagino que tenham estudado na mesma cidade, confessado e comungado nas mesmas igrejas - talvez com os mesmos padres - onde devem ter sido em criança, exemplares anjos e, quando adolescentes, devotas Filhas de Maria, sempre, com o mesmo fervor, tenham coroado Nossa Senhora. Conviveram com as mesmas famílias pousoalegrenses, freqüentaram o mesmo clube, cinema, lojas e quermesses e circularam no footing da mesma praça, a da catedral [e no mesmo sentido, o das moças]. Mas, fora dessa cidadela de valores mineiros inabaláveis, o mundo se transformava, de forma cada vez mais intensa e globalizante. Emília nascera na afirmação republicana e cresceria voltada para as luzes da França, lendo os caramelados folhetins de Pierre Loti e tendo por dístico “Je meus où je m’attache”, mas já se emocionando com os arrebatados olhares do cinema mudo, Valentino, Pickford, Normand e Chaplin. Maria nem bem veria a República Velha e já conheceu o paradigma americano tomando o século XX. Deve ter imaginado o mundo bem mais bonito, leve e alegre, com muita música e dança como o cinema sonoro e a cores a que se habituaria Gable, Astaire, Garland, Durbin. Emília conheceria o gramofone, os saraus, pianos, violinos, bandolins, valsas, operetas e seria levada às lágrimas por acordes seresteiros:

“Cai a tarde tristonha e serena
Em macio e suave langor,
Despertando no meu coração
A saudade do primeiro amor...”

Maria pertencia à era da vitrola e do rádio, das orquestras e dos ritmos - samba e jazz :

“Gosto que me enrosco de ouvir falar
Que a parte mais fraca é a mulher
Mas o homem, com toda a fortaleza
Desce da nobreza e faz o que ela quer.”

Emília não aprenderia a andar de bicicleta - pois Filha de Maria que, após o jantar [às 17.00 horas], permanecesse na rua, teria o nome levado ao bispo - enquanto Maria fotografava cavalgando. Em toda sua vida, Emília nunca conseguiria comprar 'calças compridas' e Maria bem cedo apreciou as pantalonas. Emília era um cromo - espírito frágil e boquinha de coração, Maria era Alice Faye, batom vermelho à beira da piscina azul recostada, ouvindo "Drink rum and Coca-cola..." [mas nunca fumou, como os de Hollywood, por que tinha juízo]. Quando Avon era apenas o rio da cidade natal de Shakespeare [para quem sabia disso] Maria já vendia produtos [importados] de beleza em casa. Curso de letras, bolos artísticos e criativos - bolo com animação: um carrossel armado sobre o pick-up [toca-discos], trabalhar - "trabalhar fora", era como se dizia -, mansão de Conde, bufê de casamento, organizar escola, nada era problema para ela, apenas uma experiência de vida, que poderia servir a uma outra, posterior. Emília invejava, no bom sentido, a coragem e a disposição de Maria. Em especial, quando em um domingo, dia bíblico destinado ao repouso, ela reunia a família inteira, o lado de cá e o de lá, em "Meu cantinho", na Urca, para degustar casquinhas de siri, um prato que considerava bastante exótico e de muita complexa execução. Então ela dizia: "Só mesmo a Maria... Nosso beijo.

Cláudio José Azevedo Taulois: Norma, Matias e Mac – Sobrinhos



Querida Prima,

Saúde em primeiro lugar. Parabéns e muitos anos de vida é o que lhe desejo de coração.

Tereza Carneiro Simões – Irmã.



Prima, irmã!

Todas as nossas palavras estão contidas nesta foto cheia de alegria!

Saúde e paz é o que lhe desejamos.

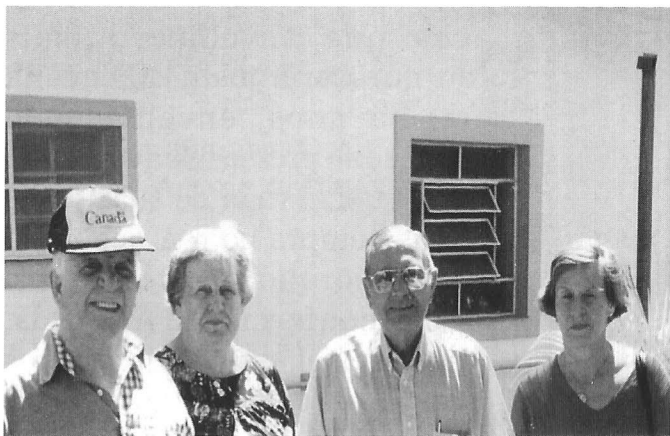
Celso Flávio de Almeida Simões – irmão paterno e família.

Prima é Maria,

Se você não existisse precisava ser inventada. Beijos nossos.

Maria Célia Beraldo Ramos e Odir --
Primos e amigos fraternos.





À direita, Elka e João Fagundes com os fraternos amigos Carlos e Maria

Amiga Maria,

Queremos ressaltar entre as inúmeras qualidades de nossa amiga do coração Maria: a de uma esposa extremamente voltada aos afazeres do lar, além do exercício do magistério, com muita competência e dedicação plena, por muitos anos; a assistência e o acompanhamento com presença contínua, plena de amor, carinho e afeto ao nosso querido e saudoso Carlos, durante sua longa moléstia. Recordamos, com muitas saudades, nossos passeios no Rio e nos aniversários de formatura de nossa turma da Escola Militar do Realengo. Parabenizamos a Verinha pela louvável iniciativa em homenagear sua mãe querida, registrando em seu livro, sua vida tão rica, plena de realizações e que merece constar como um exemplo de vida para todos nós e orgulho para seus filhos.

Elcka e João Fagundes - Amigos fraternos.



O mal dessas novas gerações é que nós não pertencemos mais a elas. Todo mundo acha que envelheceu mais depressa do que seria justo. Mas a tia Maria vem, há anos, envelhecendo devagarzinho, sem pressa, suavemente. Às vezes, uma queixa vaga de suas dores aqui e ali, mas sempre com a aceitação delas “mesmo porque não tem outro jeito!”, diz ela conformada. Afastada,

retirada de seu tempo, ela permanece hoje como sempre foi, envolvida com os seus cuidados, sem nunca deixar de telefonar para saber como estão os seus sobrinhos, ficando sempre o convite para uma visita e para um daqueles tentadores festins “almoçarados”. Lembrando a tia Maria e contrariando Fernando Pessoa, estamos certos que: “as pessoas não têm existência, tem significado”.

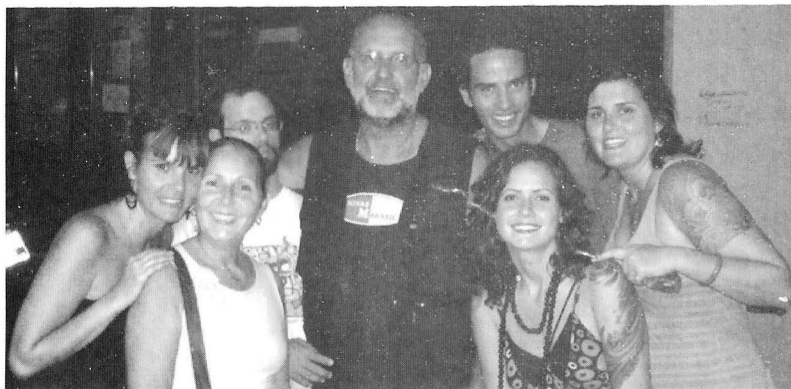
Antônio Eugênio Azevedo Taulois,
Verinha e família - Sobrinhos.



Falar da tia Maria é falar de bondade, é falar de alegria. Como já disse o poeta “Maria, Maria é um dom, uma certa magia...” E saiba: nós a amamos de todo o coração, querida tia Maria. Mandamos todo o nosso carinho e toda a nossa energia.

Família Simões Cardoso:

Marison, Ivanise, Oton, Lili,
Marise, Ariane e Tiago.



Não tenho palavras para dizer o quanto Tia Maria significa em minha vida. Sempre me tratou com carinho inconfundível, transparente e muito sincero como lhe é peculiar. Esteve presente em momentos marcantes, em situações que foram de grande significado para mim. A mistura de sua firmeza e carinho fizeram-na parte indispensável e inesquecível em minha vida. Amo-a muito. Com afeto, da sobrinha e afilhada.



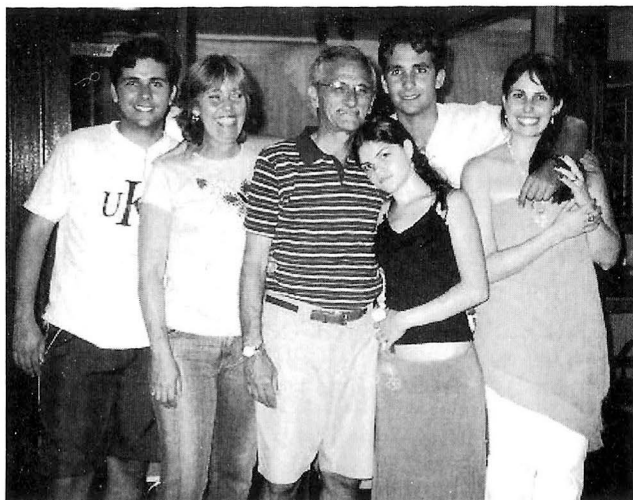
Mariléia, Felipe e Rafael - Sobrinhos.

Aprendemos a estimar e a respeitar nossa querida Prima pelo seu caráter, pela sua dignidade e pela forma tão acolhedora como nos recebeu para fazermos parte da família. Deixamos aqui o nosso abraço e que Deus a abençoe.



Izabel e Sebastião José: irmão e cunhada, e as filhas Renata e Beatriz.



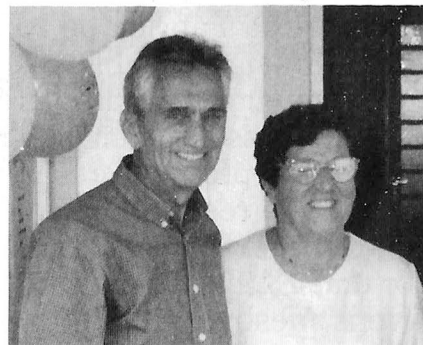


“Há muitas coisas entre o céu e a terra do que possa sonhar nossa vã filosofia”. A prova disso são as pessoas especiais que entram em nossas vidas e fazem de tudo para deixarem uma marca. Algumas pessoas, apenas por existirem, tornam-se especiais. Tia Maria é uma dessas.

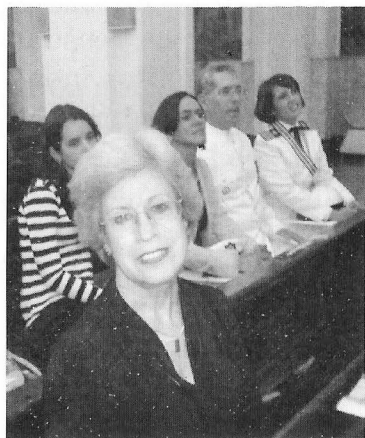
Família da Claudeth Simões Rebelo, Rui, Cíbele, Daniel, André, Elisa e Fia - Sobrinhos.

Deus proporcionou-nos a felicidade de obter uma amizade que surgiu e solidificou-se embasada na sinceridade mútua. Seu coração generoso é dádiva divina. Em minhas orações, vou pedir pela sua saúde. Eternamente gratos por toda a sua colaboração com a Associação Beneficente da Paróquia de Santo Emídio.

Carmem e Elpídio Fernandes da Silva (em memória) - Amigos.



Elpídio, Diretor da CGA e biógrafo do Livro do Carlos e sua esposa Carmem - 2000.SP



Conheci Dona Maria Aparecida e Major Carlos Azevedo na Fábrica de Armas, atual IMBEL. Foram nossos amigos queridos, ao ponto de levá-los como padrinhos de meu casamento. Fernando Antônio, meu marido, e Major Carlos, tornaram-se amigos, pela convivência dentro daquilo que no Bairro da Fábrica mais nos encantava - sessões de cinema, bailes no Clube 16 de Julho e o ambiente agradável da piscina e quadras de esporte. Ali fizemos nossos amigos, dos quais temos as melhores lembranças. Por volta de 1958, sua mãe, Dona Maria Aparecida, teve a grande inspiração de criar uma Escola Primária que, instalada nas dependências da Fábrica de Armas, fosse o grande alicerce de ensino básico para os rapazinhos, que buscavam o excelente

Ensino Técnico da Escola de Formação Profissional da Fábrica de Armas, da qual seu querido pai era vibrante defensor. O certo foi que a idéia da constituição de uma Escola Primária de ensino modelar foi bem recebida pela oficialidade dirigente da Fábrica de Armas. Eram tempos em que o sonho da melhoria do ensino básico recebia o maior apoio. O desejo de formar jovens, com bom conhecimento em matérias básicas, impregnava o espírito de todos, com destaque para os nossos Oficiais Militares, todos possuidores de uma sólida formação cívica e um profundo respeito ao desenvolvimento do país. Dona Maria Aparecida foi líder de real grandeza. Como escolher o Corpo Docente e realizar seu sonho de Mestra extremada? Como delegar às professoras primárias a responsabilidade por uma Escola que fosse modelo de ensino? Ela conseguiu seu intento, escolhendo jovens mestras recém-formadas, também sonhadoras como ela e imbuídas da mesma responsabilidade e arrojo - dotar a Fábrica de Armas de Itajubá de unidade de ensino, que realizasse o melhor pela educação de jovens alunos, para que todos, indistintamente, fizessem o Curso Profissionalizante e depois assegurassem mão de obra qualificada e com conhecimentos básicos da melhor qualidade em Português, Aritmética, Ciências, História e Geografia. O Corpo Docente do Instituto

Menino Jesus assumiu forma, denodo, força de vontade e responsabilidade, graças à permanente liderança de sua grande mestra e idealizadora. Dona Maria Aparecida agigantou-se com o apoio do grande engenheiro e homem de cultura, seu marido, o Major Carlos Azevedo, dono de personalidade e de carisma extraordinários. Venceram: o ideal, a persistência, o trabalho, a vigilância extremada da Diretora e idealizadora do Instituto Menino Jesus, com suas jovens mestras seguindo-lhes de perto os passos e a audácia de realizar. A Escola deu excelentes resultados. Turmas brilhantes de alunos aplicados e disciplinados. Professoras entusiasmadas, motivadas pela dedicação e pelos sonhos de fazer sempre o melhor, que Dona Maria Aparecida inspirava e dava exemplo pessoal. Como professora do Instituto Menino Jesus, passei meus melhores anos de magistério. Era jovem, gostava do que fazia e era bem remunerada. Tive, em sua mãe, o timão que me guiava com sabedoria e bondade; com persistência e vontade, dando-me, sempre, orientações sábias. Quando deixei a Escola para me casar, em 13 de maio de 1961, em reconhecimento à amizade de Dona Maria Aparecida, eu a escolhi para madrinha de casamento, juntamente, com o senhor seu pai, Major Carlos Azevedo, de saudosa memória. Bons tempos aqueles, de trabalho, de esperança no futuro e de confiança inspirada, permanentemente, pela diretora escolar, que nos animava e nos apoiava, para que o fruto do nosso trabalho coletivo resultasse em qualidade de ensino e disciplina do Instituto Menino Jesus. Esses são motivos mais do que suficientes, para que as lembranças de quase cinquenta anos atrás permaneçam vivas em minha memória. Que Dona Maria Aparecida Simões Azevedo seja tão feliz agora como ela foi naqueles dias ditosos do Instituto Menino Jesus, na Fábrica de Armas de Itajubá. São esses os meus votos, trazendo no coração o quanto sua mãe me fez bem, com o exemplo de mulher forte que ela é e com a tenacidade de espírito que ela tinha e que, graças a Deus, ainda possui. Katy, para as amigas, entre as quais, sempre foi e será sua mãe.

Catharina Ribeiro Leite Brandão - Amiga, sua ex-professora e afilhada de casamento.

Minha amiga “Coronel”,

Conheci D. Maria há mais ou menos uns vinte anos atrás. Através de seus filhos Vera e Zé, que como eles mesmos dizem, são meus filhos: mineira e carioca. Imaginava D. Maria uma mulher comum, como a maioria das mulheres. Mas tive uma grata surpresa ao conhecê-la pessoalmente, quando tive o privilégio de gozar de sua hospitalidade e conhecer a verdadeira D. Maria. A mulher que estava diante de mim era arrojada, destemida, corajosa e moderna, pois apesar de seus oitenta e seis anos, é uma mulher independente que toma suas decisões, sabe o que quer e como fazer as coisas. Sua energia é impressionante! Com sua determinação, segue em frente tomando suas decisões e tocando sua vida de forma admirável. Foi casada com um coronel, mas a vida militar de seu esposo, não mudou sua personalidade, muito pelo contrário, só ressaltou seu espírito ativo e livre e por isso, eu, com muito carinho a chamo de “D. Maria Coronel”, uma mulher que admiro e consagro como uma grande amiga. Parabéns a Vera, pela iniciativa em homenagear sua mãe, escrevendo sua biografia e trazendo ao conhecimento de todos nós a grande mulher que é - D. Maria.

Severino Queiroz e Janete - Amigos de Recife.



Severino Queiroz e Janete

Professora Maria Aparecida,

Instituto Menino Jesus. Educandário fundado na Fábrica de Armas de Itajubá-MG, com a finalidade de instruir e educar os filhos de servidores civis e militares que ali trabalhavam e residiam. Falando dessa escola, não poderia deixar de mencionar seus beneméritos fundadores: Major Carlos de Azevedo (em memória) e sua estimada esposa, Maria Aparecida Simões Azevedo, que não mediram esforços para a implantação dessa casa de ensino neste estabelecimento fabril. Dona Maria assumiu o cargo de Diretora e, como professora formada, foi uma orientadora dedicada, competente e muito amiga dos professores e alunos que por ali passaram. Conduziu e apoiou incansavelmente os trabalhos realizados em prol desta obra meritória de ensino. Com pulso firme, apoiando os professores em momentos difíceis, conseguindo assim, que esse educandário tivesse o seu nome prestigiado e conceituado fora. Mais tarde, batalhou muito para que seus professores fossem enquadrados como servidores civis do Exército, garantindo-nos assim um futuro seguro e tranquilo. Estando Dona Maria completando seus 86 anos de idade, quero expressar aqui todo o meu respeito, estima e saudades. Que as páginas de sua vida continuem ainda por muito tempo na memória daqueles que com ela conviveram e souberam respeitá-la. Um grande abraço.



Maria Aparecida Martins de Sá - Amiga e professora.

Tia Maria,

O nome já diz tudo! Mulher de fibra, de coragem, de um coração enorme... Sempre pronta a acolher, com carinho e amor, a quem chega. Isso aconteceu comigo, com meu marido e com meus filhos Yago e Arthur. Tia Maria, quando soube que estava grávida de gêmeos, na sua eterna generosidade, nada menos nada mais, enviou-me uma caixa enorme cheia de casaquinhos, com sapatinhos e gorrinhos, devia ter mais ou menos, uns 15 conjuntinhos, sem falar nas lindas mantas que aqueceram e deixaram Arthur e Yago, quentinhos, mesmo quando ainda estavam internados na UTI-neonatal. Esse seu carinho e dedicação jamais serão esquecidos! Não poderia também deixar de lembrar, quando criança, os finais de semana no sítio Olho de Deus, sempre com a presença gostosa de tia Maria e tio Carlos. As festas de família, recheadas por doces, bolos e tortas da nossa grande tia Maria. Enfim, falar de tia Maria além de ser uma emoção e uma grande viagem ao tempo, traz à mente a presença viva de minha mãe, Lourdes, que sempre nos ensinou a admirá-la como mulher, mãe e grande amiga! Tia do meu coração, do nosso coração, receba toda a nossa admiração e nosso amor, dos sobrinhos eternos,



Ana Beatriz Azevedo Queiroz, Joel, Yago e Arthur – Sobrinhos.

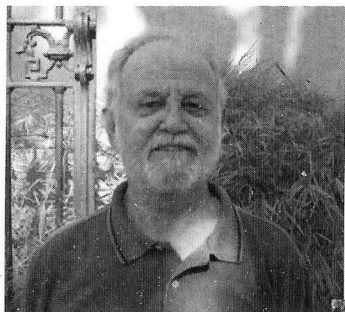
Amigos unidos para sempre, não importa a distância, o nível social, cultural, idade, sexo ou raça. Amigos para sempre, na alegria, na tristeza e na dor. O coração bate mais forte - “Almas Gêmeas”. Não sabemos como e nem porque surgem os “amigos”. Nos dias de hoje, coisa rara, podemos contar nos dedos da mão. Como é importante termos sinceros amigos. Uma mão estendida, um ombro amigo, olhos que adivinham nosso comportamento, sofrimentos, dor, alegrias, compreensão, ajuda, conselhos e palavras sinceras que vêm do fundo da alma. Amor de amigo é mais forte que a morte, benigno, paciente, tudo sofre, crê, supera e permanece para sempre. É assim que Dona Maria Aparecida Simões Azevedo existe em minha trajetória de vida desde 1975, juntamente com Dr. Carlos, seu falecido esposo, (poeta nato) e familiares.

Maise, Tina, Beth, Priscilla, Claudeth, Samuel e Junior – Amigos.

Tenho muitas saudades de Dona Maria Aparecida. Devo muito da minha profissão a ela que sempre me incentivou a estudar. Hoje sou Especialista em Educação. Minha irmã Cléa também tem muitas saudades da senhora. Esperamos a senhora no próximo encontro em Itajubá para nos vermos. Muitas bênçãos de Deus para a senhora e sua família.

Maria Raimunda de Oliveira - Ex- aluna do Instituto Menino Jesus.

Tia Maria,



Nós, Cecília Amélia e eu, mais a 2ª e a 3ª gerações de sobrinhos paulistas saudamo-la pela comemoração do dia de seu aniversário. Relembramos os bons momentos idos, passados no Rio, Juiz de Fora, Itajubá e Pouso Alegre quando desfrutamos de sua doce presença, desejando-lhe muita paz e saúde junto aos seus filhos, netos e bisnetas que são em grande número.

Pedro Luis Azevedo Taulois, Cecília Amélia e todos da família - Sobrinhos.

Que o conteúdo deste livro seja como uma chama ardente jamais deixando cair no esquecimento a história e o brilho de nossa família.

Família de Luiz Gonzaga Simões: Vânia e Gaia e os filhos Luiz Flávio e Andreola – Primos.



Prima,

À casa da Fazenda da Boa Esperança
nós nos pertencemos.

Minha avó, Anna Cândida de Carvalho
Simões foi terra fértil que alimentou árvores
exuberantes batizadas por Maria José (Zeca)
Maria Benedita (Sadita), Minica (mamãe),
Francisca Rosa, Geralda, Nenê, Zequinha,
Quinzinho, Vicente, Geraldo, e Maria
(Mariquinhas), sua primeira geração.



Aparecida, Dail, Toninho, Zezé, Prima, Teresa, Marina, Marilda, Neide,
Neuza, Nair, Sebastião José, José Fernando, Celso, Antonio Marcos, Teresa, Vilma,
Clair, Antonio Luiz, Mirna, Célia, Tista, Henrique, Guto, Gonzaga, Bosco, Sonia,
Rita de Cássia, Ana Maria, Arturzinho, Déia, Dênio, Celina, Annamaria, Luciano,
Beto (segunda geração).

Sebastião, Ricardo. Beto, Aninha, Zé Luiz, Cidinha, Cacá, Cecília, Ana Paula,
Gabriela, Zé Henrique, Marcinha, Mário Márcio, Arturzinho (in memorian),
Marison, Leléia, Ana Márcia, Pingo, Claudete, Cacá, Suza, Vera Lúcia (terceira
geração).

Júlia, Alexandre, Gustavo (quarta geração). Que belo pomar! Agora pouco,
depois de lavar os cabelos, penteando-os em frente ao espelho, tive a impressão
que o olhar que dali me sorria era o da querida e saudosa Marina, filha do tio
Zequinha. Retribuí o sorriso, e afastando-me do espelho, meu olhar também me

recordou o Bosco, e a seguir foi mais longe no passado. A foto de Maria do Espírito Santo, nossa antepassada, é retirada por meu pensamento do livro de parte da genealogia de nossa família, escrito por José Ribeiro de Carvalho e me superpõe em frente ao espelho da penteadeira que herdei de tia Zeca. Indaguei-me quantas vezes cada um de nós em cujas veias corre o sangue de nossos antepassados descobre num outro membro da família em si mesmo? Quantas primaveras floresceram às sombras das mulheres que adornaram o pavilhão das memórias de nossa grande família? Quantas flores ainda desabrocharão trazendo em seus traços a memória de um sangue abençoado? Nós nos pertencemos, nossas histórias de família pertencem-nos.

Através destas lembranças, retornamos ao passado para concluirmos que no rio da vida a fonte vem de muito longe. Desceu montanhas, superou as pedras que encontrou pelos caminhos, agitou-se sob as tempestades para seguir tranqüila em direção ao mar. É um rio que cresce e que, geração após geração, mata a nossa sede de sabedoria, de amor, de crescimento intelectual e espiritual. Que a beleza deste rio perpetuada pela história de família que a Prima Vera nos conta, permita nos sentirmos acolhidos e protegidos à sombra destas imorredouras memórias. Elas pertencem-nos e nós nada mais somos que o espelho fiel destas amenas sombras.

Regina Coeli Simões Caldas (Celina) - Prima.



Amigos de sempre

Os cabelos cor de nuvem,
A mutante sempre acompanhada,
A fazendeira, os tachos de cobre,
A casa de campo ao pé da Serra,
O vô Zequinha,
A vó Aninha com mais de cem
anos,
As Bodas de Ouro, Ah que inveja
saudável!

A mãe, a amiga, a avó, a tia.
A pessoa especial das especiarias,
As compotas,
Os cartões de Natal,
A companheira Maria,
A Francisca, fiel escudeira,
O Forte da Urca, o Exército, a
colônia de férias para as crianças,
O caminho do bem-te-vi ou do
colibri?

Não importa se tem pássaro, candura e magia. Tem Maria!

Maria está em Pouso Alegre.

Só podia, pois ali está a alegria.

Maria está em Natal.

Maria está no Rio.

Maria está até em Aparecida que parte do seu nome faz.

Cidade é, e padroeira do nosso país.



Ana Rosa, Nilda Ponzi e uma amiga

Maria está em todo lugar, principalmente no coração e no paladar de cada um que teve o prazer de sorver sua companhia.

Inesquecível Maria é,

E todos de Maria são,

O amor Carlos de Maria,

Sempre com sorriso tímido recebia as declarações de amor

Em prosa, verso ou poesia.

Nilda Ponzi – Amiga.

À Maria Aparecida Simões Azevedo, nossa querida D^a. Maria,

Prestamos justa e merecida homenagem pelo seu exemplo de amor à educação, em nossa inesquecível Fábrica de Itajubá. Quantos usufruíram destas inesgotáveis fontes de saber no Jardim de Infância “Gato de Botas”, no Instituto Menino Jesus e no Colégio João XXIII, obras idealizadas e executadas por esta figura dinâmica e competente, pessoa de maneiras tão elegantes sob todos os pontos de vista, nossa admirável D^a. Maria. A ela, nossas congratulações por este legado tão precioso!



Corizande Aparecida Alves de Oliveira - Amiga e professora.



Quando penso na tia Maria, penso logo em casa com decoração aconchegante; mesa com comida sempre farta e variada; e, principalmente deliciosa, preparada por aquelas mãos mágicas de cozinheira abençoada. Tia Maria sempre transbordou amor através desse dom que recebeu do Pai Maior. É assim que ela demonstra seu amor pelas pessoas. Mulher de discurso direto, sem meias palavras. Personalidade

forte. Forte como seu corpo. Presença marcante em todas as reuniões familiares. Desde pequena, ir visitar tia Maria tinha o mesmo efeito que ir à casa de uma avó querida. Era garantia de boa acolhida, de horas divertidas com outras crianças da minha idade, seus próprios netos. E o cheiro de comida gostosa espalhado pelo ar...Hoje, vejo que até o Pedro, meu filho, apesar do pouco convívio com ela, de alguma maneira, também compartilha comigo destas idéias, quando vez por outra me pergunta: “Mãe, quando é que vamos voltar de novo na fazenda da tia Maria?”. Vida longa a nossa querida tia Maria! Com todo o nosso amor.

Márcia Carolina Azevedo Queiroz e Pedrinho - Sobrinhos.



Maricota,

Esta é uma pequena demonstração de afeto e carinho daqueles que tiveram a oportunidade de enviar uma mensagem para você e nós resolvemos lhe oferecer o texto transcrito da Carta do Apóstolo Paulo, referente ao capítulo 13 da 1ª carta aos Coríntios. As palavras do apóstolo são de profunda sabedoria e esperamos possa conduzi-la à meditação.

“O Amor é muito paciente e bondoso, nunca é invejoso ou ciumento, nunca é arrogante nem orgulhoso, nunca é presunçoso, nem egoísta, nem tampouco rude: o amor não exige que se faça o que se quer. Não é irritadiço nem melindroso. Não guarda rancor e dificilmente notará o mal que os outros lhe fazem. Nunca está satisfeito com a injustiça, mas se alegra quando a verdade triunfa. Se você amar alguém será leal para com ele, custe o que custar. Sempre acreditará nele, sempre esperará o melhor dele e sempre se manterá em sua defesa. Há três coisas que perduram: a Fé, a Esperança e a maior destas, o Amor!”

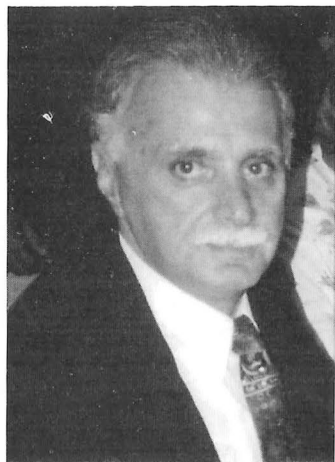
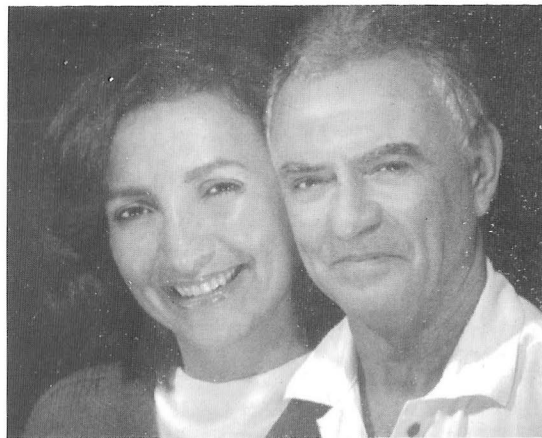
Mara Cristina Lobianco, Pilar, Caio e Taís - Amigas.

Querida Dona Maria,

Fazer aniversário é sempre uma alegria, principalmente, quando se ofereceu à vida frutos tão valiosos como a senhora os fez, através de seus filhos. Que Deus lhe abençoe e traga lindos momentos de alegria e carinho junto a todos.

Um grande beijo.

Ângela Neves e Paulo Vieira – Amigos



Minha prima Prima,

A Prima sempre me impressionou pela sua beleza física e também por um lado interessante de sua personalidade: de um jeito bastante natural e sem qualquer exibicionismo, ela soube mostrar que sofisticação, charme e elegância podiam perfeitamente conviver no seio de uma família tradicionalmente apegada à doce simplicidade caipira dos descendentes do Vô Tônico... Ela tem luz própria!

João Bosco Toledo Simões – Primo



Querida prima "Prima":

Em sua casa está o aconchego dos encontros da família nos quais a arte de receber com carinho proporcionam momentos de alegria a todos que a visitam. Com você aprendo a importância da gratidão, da generosidade e da amizade. Carinhosamente,

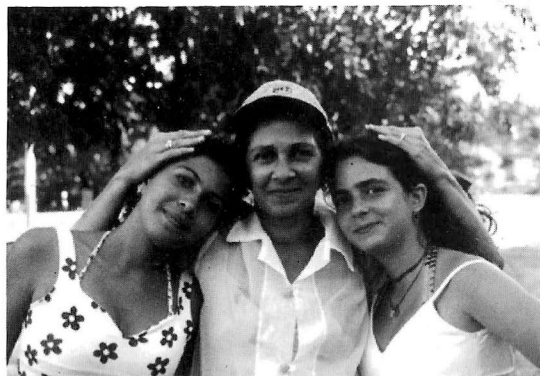
Sua prima Rita de Cássia Toledo Simões - do Tio Geraldo

Minha amiga Maria,

Que Nossa Senhora sempre a proteja e que em seu jardim floresça sempre a esperança de um dia melhor. Tenha sempre fé porque a fé remove montanhas! Sempre estarei ao seu lado para lhe servir e alegrar os seus dias tristonhos!



Terezinha Nunes "A Espanhola"- Amiga eterna!



Dona Maria,

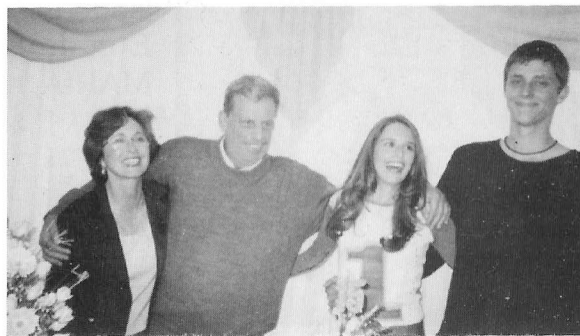
Quem tem fé não se deixa abater quando as dificuldades aparecem. Não se desespera na perturbação, enfrenta com firmeza os momentos adversos e as situações dolorosas. Ultrapassa os obstáculos que surgem.

É essa a imagem que tenho da senhora e a prova disso é esse “pedacinho” da sua família, que é a sua filha Vera. Uma amiga de coração imenso e divulgadora do amor e da alegria. Ela me ensinou a conhecê-la, compreendê-la, admirá-la e amá-la.

Um forte abraço da Vera Brasil, sua amiga de Fortaleza.

Falar da Prima, minha cunhada, é falar de coração grande, de pessoa generosa e amiga. Agora, mais próximas, podemos usufruir mais da nossa amizade e de poder passar uns momentos com você pela sua agradável e saborosa companhia. Deus a proteja e lhe conceda muita saúde.

Beijos de nossa família: Antônio Marcos, Vera, Juliana e Marco Antônio – irmão paterno, cunhada e filhos.



Prima,

Temos que nos encontrar aí no “Hotel Cinco Estrelas” para nos divertirmos com as lembranças gostosas de nossas vidas.

Felicidades e muita saúde.

Wilma, Clair e Tereza Prado Simões
- Primas



Conheci Maria, quando fui convidada por Vera e José Alberto para participar de um almoço em sua casa. Desde esse dia, a MESA FARTA e SABOROSA que conheci e provei, nunca mais saiu da minha memória afetiva e olfativa. Portanto Maria, você pra mim é sinônimo de nutrição, de alimento gostoso, bonito e farto. É com essa lembrança que sempre levarei VOCÊ, MARIA, no meu coração.

Com afeto

Ana Cristina Queiroz – Amiga de Recife

Nossa eterna Maria!

Como a alegria é a mãe de todas as virtudes, a nossa melhor missão tem sido fazê-la feliz! A nossa constante alegria, estampada sempre em nosso semblante, demonstra o compromisso de amor e companheirismo por todos os dias felizes passados ao seu lado. Na ausência de meu pai, assumi o compromisso contido num dos principais versos do soneto que ele fez no instante que estava chegando neste mundo, no dia do meu nascimento: “de sua mãe, tragas o amor e a companheira”.



Carlos, seu eterno esposo e Vera Lúcia, sua filha que realiza todos os seus sonhos

Maria, são estas as nossas *mensagens de carinho e de afeto.*

Créditos

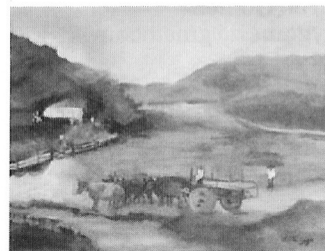


Ruth Lage

Nascida em 03.10.1923, em Niterói, Rio de Janeiro.

Artista premiada internacionalmente. Seu nome é citado em vários livros de Artes. Estudou desenho e pintura com mestres brasileiros e italianos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Seus quadros estão presentes nos acervos do Brasil, Equador, Estados Unidos, Austrália e França.

Em 1991, fora-lhe encomendada uma pintura de uma cena rural com um carro de boi por sua amiga Vera Lúcia, para presentear sua mãe, Maria Aparecida, no dia de seu aniversário.



Carro de Boi - Pintura a óleo 1991

Pesquisa e Projeto Editorial

Vera Lúcia Simões Azevedo
veraazevedo21@yahoo.com.br

Pesquisa e Seleção de fotos

José Alberto Fonseca Souza
jose.alberto21@yahoo.com.br

Marianna Meireles Russo Souza
marianna.aquarela@petrobras.com.br

Revisão ortográfica

Odízia do Rosário do Nascimento
nascimentoodizia@ig.com.br

Ivanise Vitale Cardoso
ivanise@univas.edu.br

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Valmir Bezerra de Araújo
infografrn@yahoo.com.br

Ilustração do Carro de boi

Ruth Lage
laral@msm.com.br

Painel fotográfico da contracapa

Ricardo Gómez
rickygomez@gmail.com

Arte final da capa e contracapa

Bruno Lima
hbnatal@hotmail.com

Fontes consultadas

wikipedia

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:AtentadoJoseI.jpg>

[http://pt.wikipedia.org/caso tavora](http://pt.wikipedia.org/caso_tavora)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/imperador diocleciano](http://pt.wikipedia.org/wiki/imperador_diocleciano)

Google

Cidade de Consolação

Congregação das Irmãs São José

Diocleciano

Família SIMÕES

Família RIBEIRO

Monsenhor José Paulino

Revolução de 1932

Sedes Sapientiae (SP) Cidade de Taubaté

Bibliografia

1. ALENCAR, Chico; CARPI Lúcia; RIBEIRO, Marcus Vinício. História da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994.
2. ALMEIDA, José Nazareth; ALMEIDA, Antônio Benedito Andrade de. Reminiscências de Consolação. Paraisópolis: Editora Arte & Vida, 2002.
3. AZEVEDO, Gilberto. Resenha genealógica da família Azevedo: tronco e costados. Rio de Janeiro. 2000.
4. CARVALHO, José Ribeiro. Genealogia da família Ribeiro. São Paulo: Editora Gráfica Ramos de Freitas, 1977.
5. CASCUDO, Luís da Câmara. História da República no Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.
6. JORNAL SEMANA RELIGIOSA: Dona Dinorah Azevedo. Pouso Alegre, 4 dezembro, 1968.
7. GUIMARÃES, Armelim. História de Itajubá. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987.
8. OLIVEIRA, João Aristides de; GUIMARÃES, José. A diocese de Pouso Alegre. Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1950.
9. SILVA, Elpídio Fernandes da. Carlos Azevedo: a explosão de uma vida contida no casulo da história. Pouso Alegre: Gráfica e Editora Irmão Gino, 2001.
10. SIMÕES, Fausto. O perfil de um bandeirante: aspectos biográficos da vida de Manuel Rodrigues Simões (24.07.1842 - 31.07.1914). São Paulo: Editora dos Criadores, 1984.
11. SIMÕES, João Bosco Toledo. Breve história sobre a origem da Família Simões no Brasil

Impressão e Acabamento Gráfico

Lucgraf – Editora Gráfica Ltda

Av. Rio Branco, 335 - Ribeira - Natal RN

Tel (84) 3221 4602 - www.lucgraf@yahoo.com.br

Aninha. Durante a emocionante viagem projetava seus sonhos infantis. E, lá no horizonte, onde o céu delineava os relevos geográficos que sinalizavam outras paragens, sentia-se atraída por ele para cumprir uma importante missão: estudar e tornar-se independente! E não demorou muito, já estavam na cidade de Pouso Alegre.

A partir desta mudança iniciou dezenas de outras tantas, que resultaram nas suas experientes e movimentadas trajetórias: ora com passos firmes e ora com passos vacilantes. Mas, todas as mudanças foram repletas de muitos laços com seus previsíveis e naturais desenlaces, contendo lindas e inesquecíveis histórias de formação do seu caráter, de sua competência profissional, de sua luta e capacidade de superação existencial, além de muitos momentos felizes pelos seus 86 anos de vida bem vividos.

A biografia de Maria Aparecida Simões Azevedo é um presente para você!



José Alberto Fonseca Souza e Vera Lúcia Simões Azevedo, genro e filha de Maria.

Comemoração dos 86 anos de Maria.



1922 - 2008